



PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
MESTRADO EM HISTÓRIA
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS



RENNAN PINTO DE OLIVEIRA

**SANT'ANA DOS OLHOS D'ÁGUA: FÉ E CELEBRAÇÃO ENTRE A IGREJA E O
LARGO (1930-1987)**



Feira de Santana, BA
2014

RENNAN PINTO DE OLIVEIRA

**SANT'ANA DOS OLHOS D'ÁGUA: FÉ E CELEBRAÇÃO ENTRE A IGREJA E O
LARGO (1930-1987)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Ana Maria Carvalho dos Santos Oliveira.

Feira de Santana, BA.
2014

RENNAN PINTO DE OLIVEIRA

**SANT'ANA DOS OLHOS D'ÁGUA: FÉ E CELEBRAÇÃO ENTRE A IGREJA E O
LARGO (1930-1987)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.^aDr.^a.Ana Maria Carvalho dos Santos Oliveira.

Aprovada em 31 de julho de 2014

Prof.^a. Dr.^a Ana Maria Carvalho dos Santos Oliveira
(Orientadora – UEFS)

Prof.^a. Dr.^a Edilece Souza Couto
(Membro- UFBA)

Prof.^a. Dr.^a Ione Celeste Souza
(Membro UEFS)

Dedico esta pesquisa a todos os homens e mulheres que vieram antes de mim: meus antepassados, pois foram eles que me permitiram está hoje na vida.

A BÊNÇÃO, BAHIA

Olorô, Bahia
Nós viemos pedir sua bênção, saravá!
Hepa hê, meu guia
Nós viemos dormir no colinho de Iemanjá!

Nanã Borokô fazer um Bulandê
Efó, caruru e aluá
Pimenta bastante pra fazer sofrer
Bastante mulata para amar

Fazer juntó
Meu guia, hê
Seu guia, hê
Bahia!
(Toquinho/ Vinícius de Moraes)

AGRADECIMENTOS

As linhas de agradecimentos tem um sabor de fechamento de um ciclo, mas também não deixar de significar a abertura de novas possibilidades que podem ser vividas com mais maturidade pelas aprendizagens trazida no caminhar de uma pesquisa/vida. Pois esta nos permite descobrir novos limites e também potenciais não reconhecidos. A caminhada na elaboração da pesquisa se tornou para mim além de um amplo campo histórico um campo de conhecimento e aprendizagem possíveis de ser explorado de múltiplas formas e sentidos.

Sentidos que ganham significados a partir das identificações e reconhecimentos das boas parcerias que constituir no fazer do mestrado, como minha Orientadora Prof. Ana Maria de Carvalho. Ser Humano com quem descobrir que se é possível, SER, muitas coisas no mundo acadêmico, sem necessidades de exclusões e sim de uma dosagem de conciliação e equilíbrio, para tornar as coisas do viver universitário/vida mais leve e fluído.

Parcerias foram feitas também com os professores do programa, sempre atento aos debates e discussões. Eles sempre nos direcionavam como uma bússola para os caminhos da pesquisa, nos permitindo mensurar os projetos ainda por ganharem formas de um texto dissertativo. Entre tantos parceiros Professor Rinaldo Leite e Jacques Depelchin que nos ensinou tanto sobre a necessidade de forjamos novas consciências diante da leitura de mundo vivido e experimentando por todos nós.

A quem também devo grande admiração e respeito pelas sugestões e apoio na continuação da pesquisa é a Professora Ione Celeste, presente na qualificação e tantos outros momentos na academia. Agradeço também a Professora Edilece Couto por aceitar o convite de participar de minha qualificação e defesa. As duas trouxeram informações e sugestões preciosas para dar ao texto da dissertação um caráter bem mais amplo, do qual havia pensado inicialmente.

Não posso deixar de citar e agradece a tantos momentos partilhados e amizades que fiz na minha turma de mestrado, pois me considero um sortudo pela turma que me acolheu com muito carinho e atenção em um momento transitório de minha vida: a querela de está entre o fim da especialização em História da Bahia e o começo das aulas do mestrado. Bons encontros e viagens com Camila, Emilly, Lizandra, Paula, Mel, Lucas, Cal, Simone, Pablo e André.

Outro ninho que me fortaleceu muito e permitiu a dedicação do escrever foi a minha família na presença de minha admirável Mãe Atinaíra e irmã/amiga Aglay e minha companheira que chegou no momento de conclusão do mestrado, mas que teve uma

importante participação, até mais do que imagina Lúdia(Lili). Agradeço também as minhas outras duas famílias conectadas a mim pelos fios do coração: a Biodanza e a Casa Estrela de Maria que me deram força e vigor para sempre acreditar que é possível continuar. Os meus amigos foram também fundamental para continuar a pesquisa, agradeço a todos.

Não posso esquecer-me de fazer um agradecimento especial aos depoentes que me ajudaram profundamente com sua riqueza de informações e detalhes sobre a Festa de Sant'Ana, pessoas espetaculares e de grande singularidade como o senhor Zeca de Iemanjá, Dona Carlota, o Senhor Antônio Ramos e o Senhor Helder Alencar.

Agradeço também ao amigo Rogério Celestino que contribuiu com o mapa e a amizade de anos e a amiga Merinha sempre com inglês. Sou muito grato a todos.

RESUMO

Esta dissertação teve como objeto de pesquisa as diversas manifestações culturais presente na Festa de Sant'Ana no século XX, entre os anos de 1920 a 1987. Destacam-se entre estas manifestações culturais as chamadas Festas de Largo, que ocorriam na área externa do templo religioso, compondo algumas das etapas da celebração a Senhora Sant'Ana, padroeira da cidade de Feira Santana. Estas manifestações de caráter popular e profano, como o Bando anunciador, a Lavagem da Igreja e a Levagem, eram espaços agregadores de uma miríade de expressões políticas e religiosas, produtoras de diversas práticas culturais. Também foi objetivo da análise compreender as representações, apropriações e práticas culturais realizadas pelos participantes dentro dos festejos, além de entender os choques de representações presentes nas celebrações, advindos da oposição das formas como a festa era vivenciada pelos seus participantes frente ao modo como os festejos eram idealizados pela Igreja Católica.

Palavras-chave: Festa de Sant'Ana; Festas de Largo; Práticas culturais; Representações.

ABSTRACT

This thesis had as research object the various cultural manifestations in the *Festa de Sant'Ana* in the twentieth century, between the years 1920-1987. Noteworthy among these cultural manifestations the *Festa de Largo*, which occurred in the area outside the religious temple, composing some of the steps of the celebration of *Senhora Sant'Ana*, who is the patroness of the city of Feira Santana. These manifestations of popular and profane character, as the *Bando Anunciador*, the *Lavagem da Igreja*, and the *Levagem*, which were aggregators spaces of a myriad of religious and political expressions, producing diverse cultural practices. Another objective of the analysis was to understand the representations, appropriations and cultural practices undertaken by the participants in the festivities, as well as understand the shock of representations present in the celebrations, resulting from the opposition of the ways the party was experienced by participants ahead to how the festival were idealized by the Catholic Church.

Key words: Festa de Sant'Ana; Festa de Largo; Cultural practices; Representations.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Poesia Publicada no jornal <i>Folha do Norte</i>	27
FIGURA 2: Machinhas Carnavalescas do grupo Melindrosa publicado na <i>Folha do Norte</i>	34
FIGURA 3: Machinhas Carnavalescas do grupo Filhos do Sol publicado na <i>Folha do Norte</i>	34
FIGURA 4: Foto de José Belmonte organizador do Bando Anunciador	44
FIGURA 5: Mãe Socorro e suas baianas na Levagem da lenha	46
FIGURA 6: O grupo folclórico do Mestre Muritiba em uma apresentação de “Segura a véia”	60
FIGURA 7: Travestidos na Lavagem de Sant’ Ana	64
FIGURA 8: Travestidos na Lavagem de Sant’ Ana	64
FIGURA 9: Travestidos na Lavagem de Sant’ Ana	64
FIGURA 10: Grupo de Roda de Samba em apresentação na Lavagem	66
FIGURA 11: Membros da Tribuna Popular fazendo crítica à dependência econômica brasileira	67
FIGURA 12: Membros da Tribuna Popular fazendo crítica à dependência econômica brasileira	67
FIGURA 13: Travestido fazendo deboche de Paulo Maluf	70
FIGURA 14: Tribunos fazendo deboche de Paulo Maluf	70
FIGURA 15: Tabela de ganhos e custo com a Festa de Sant’ Ana	113

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.	12
1. O BANDO VEIO ÀS RUAS ANUNCIAR AS COMEMORAÇÕES A SENHORA SANT'ANA	
1.1 A FESTA DA PADROEIRA E SUAS MODIFICAÇÕES	18
1.2 MUSICALIDADE E FANTASIA: PERFORMANCES DO BANDO ANUNCIADOR DE SANT'ANA	27
1.3 IMBRICAMENTOS ENTRE O SAGRADO E O PROFANO NAS CELEBRAÇÕES A SANT'ANA	39
1.4 NAVEGAR DOS PARTICIPANTES NAS FESTAS EM HOMENAGEM A SANT'ANA	46
2. FÉ, CARNAVAL E ALEGRIA PARA LAVAR A ALMA	
2.1 MÁSCARAS, FANTASIAS E TRAVESTIDOS: QUEM VAI SAIR NA LAVAGEM?	53
2.2 “TRIBUNA POPULAR”: IRREVERÊNCIA OU PROTESTO?	65
2.3 ZECA DE IEMANJÁ OU MÃE SOCORRO: QUEM DEVE COMANDAR A LAVAGEM?	70
2.4 BANDINHAS OU TRIO ELÉTRICO NA LAVAGEM?	80
3. A FESTA DE SANTANA: ESPAÇOS DE DIVERGÊNCIAS	
3.1 A IGREJA CATÓLICA FEIRENSE: SEUS TERRITÓRIOS E “LIMITES”	87
3.2 PROCISSÕES DE SANTANA: ESPAÇOS DIVERSOS	95
3.3 OS FABRICANTES DA FESTA E SUA RELAÇÃO COM O “PÚBLICO”	105
3.4 OS OUTROS PARTICIPANTES DA FESTA	115
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
FONTES	128
REFERÊNCIA	132
ANEXO	138

INTRODUÇÃO

A Festa de Sant'Ana ao longo do século XX representou para a Feira de Santana uma das maiores expressões culturais vivenciadas pelo feirense. Há quem diga que tenha sido a maior, suplantando a micareta que veio ganhar maior importância no calendário cultural da cidade em fins do século XX.

A ligação dos feirenses com sua Padroeira era tão forte que ela determinou o próprio nome da cidade que, após ter se emancipado de Cachoeira, em 1832, deixou de ser um pequeno Arraial e ganhou titularidade de Vila, famosa pela sua tradição comercial e feira de gado. Em um combinado da expressão de fé e tradição, a emancipada Vila se tornou Feira de Santana, tendo como uma de suas principais marcas as homenagens anuais prestadas a Sant'Ana.

As celebrações à Santa mobilizavam toda comunidade local e da região, gerando múltiplas relações de sociabilidade e expressões de fé. Muito se fazia para tornar as homenagens bem pomposas e inesquecíveis nas memórias dos feirenses. Sendo um festejo de importância e de caráter simbólico, a Festa de Sant'Ana se tornou um amplo campo de investigação histórica importante para compreender relações plurais envolvidas na sua fabricação e permanência.

Pelo que representou, as homenagens à Sant'Ana tornaram-se, nesta dissertação um objeto de estudo, cujo intuito é investigar como a (s) Festa/Festas organizadas em celebração à Padroeira podem nos levar a entender as múltiplas relações existentes nas comemorações, sejam estas de conciliações, convergências ou até mesmo de divergências.

Além disto, a festa/festas da Padroeira podem nos revelar um retrato de relações vivenciadas na sociedade feirense que não se resumiam apenas ao cenário dos festejos, pois o extrapolava, uma vez que nos pode levar à compreensão de relações políticas, culturais e religiosas que estavam presentes na sociedade feirense entre os anos de 1930 a 1987. Segundo Abreu, a *Festa* pode ser “um atraente caminho para se conhecer uma coletividade, suas identidades, valores e tensões, através das atitudes, dos comportamentos, dos gestos e do imaginário presente em suas celebrações.”¹

¹ ABREU, Martha. **O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999. p.38.

A *Festa* enquanto campo de estudo trazido pela História Cultural pode ser compreendida, entre outras coisas, como um ritual, produtor de símbolos e significados que podem ser decifrados e compreendidos, além de poder ser vista também como um texto passível de ser lido e investigado pelo historiador, assim como fez Darnton² ao analisar através de um documento escrito por um burguês as relações sociais presentes na França do século XVII. Ele textualizou os ritos e as expressões na procissão que acontecia na cidade de Montpellier “não para descobrir todos os quens, quês, onde e quando de um acontecimento, mas para ver o que o acontecimento significou para as pessoas que dele participaram”³.

As homenagens à Sant’Ana apresentavam em sua estruturação uma composição ritualística composta por diversos símbolos passíveis de serem lidos e compreendidos. Uma vez que as celebrações para a Advogada Celestial da cidade eram constituídas de diversos momentos festivos, como o Pregão, o Bando Anunciador, a Lavagem do Templo, a Levagem da Lenha, as novenas e trezenas, as missas e, por fim, a procissão recepcionada com queima de fogos, quermesse e apresentações das filarmônicas e retretas que faziam suas performances antes das missas e novenas. As quatro primeiras manifestações culturais discutida se tornavam uma festa com suas singularidades no conjunto das homenagens prestadas à Sant’Ana. Essa composição de ordenamento da Festa da Padroeira de Feira de Santana tinha seus significados, sentidos e simbolismo.

Todas as manifestações culturais presentes nas celebrações à Sant’Ana apareciam como expressão de uma cultura popular, fazendo parte também do campo simbólico, pois nele estavam contidos símbolos que eram desempenhados pelos participantes, de forma direta ou indireta. As festas dentro das homenagens estavam em constante fabricação, e durante seu processo de consumo pelos partícipes podia ser apropriada e ressignificada de muitas formas.

Podemos interpretar e compreender, através do olhar matizador do historiador, os diversos símbolos e códigos presentes na saída do Pregão, do Bando, da Lavagem, da Levagem e Procissão pelas ruas de Feira de Santana. Assim como também podemos captar as relações de tensões e disputas quando se olha a Festa como um espelho refletor de uma realidade existente na sociedade feirense, pois nesse momento de realização do evento se presentificavam fragmentos da realidade representados por seus participantes durante o consumo do festejo.

² Discussão levanta por DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

³ Idem.p.295.

Para Chartier (1991), as representações podem ser reveladas a partir das práticas de uma sociedade, que as reproduz e mantém viva sua história nas suas ações, práticas e memórias. Essa concepção trazida pelo autor dialoga com as teorias da História Cultural.

As representações são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Pesavento afirma que indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. A partir desse conceito, a História Cultural tem, conforme a autora, “a possibilidade de decifrar a realidade do passado por meio de suas representações, tentando chegar a formas discursivas e imagéticas, pelas quais os seres humanos expressam a si próprios e o mundo”⁴.

Para Chartier, “não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido a seu mundo”⁵. Analisando a produção da escrita do livro, o autor considera que as práticas discursivas, das quais os textos e as obras são constituídas são produtoras de sentido, ordenamento, hierarquização, e assim espelham e são espelhadas por meio das representações que as produzem e as contêm. Por outro lado, as práticas de apropriação caracterizam-se como plurais, múltiplas, complexas, compreendendo formas diferenciadas de interpretação.

As práticas envolvem todo o espaço da experiência vivida. Segundo Barros (2005), são práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros. A possibilidade de desenvolvimento dessas práticas se dá pela cultura que permite ao indivíduo pensar essa experiência, ou seja, criar as formulações da vivência. Todo simbolismo é fator de identidade, e toda cultura é cultura de um grupo: a história é, ao mesmo tempo, indissociavelmente, social e cultural.

A festa de Sant’Ana e suas distintas manifestações festivas parecem ser esse lugar de desenvolvimento e combinação de diversas práticas culturais onde seus participantes viveram muitas experiências e produziram múltiplas relações. Um exemplo desta manifestação foi a

⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.42

⁵ CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 1990. p. 66

lavagem que tinha como objetivo central não o rompimento da ordem estabelecida ou fazer uma inversão da sociedade como acontecia nos carnavais medievais apresentados por Burke (1989), assumindo um caráter polissêmico apresentado por suas multivivências, produtoras de significados para seus partícipes.

No presente estudo também se propõe a buscar e discutir outras práticas culturais apropriadas e vivenciadas pelos sujeitos durante todas as etapas dos festejos em homenagem a Orago da cidade. Práticas desempenhadas pelos seus participantes e espectadores (receptores) no intuito de revelar seus sentimentos e representá-los, gerando sentidos de compartilhamento, cumplicidade e trocas que parecem ter sido absolvidos pelos sujeitos através das suas vivências e experiências durante o acontecimento do evento, que não deixava de se apresentar também como uma produção cultural, pois, era constituído de elementos singulares reproduzidos a cada festa que se propagava no seu tempo histórico, fundando, em certa medida, uma forma de ser e acontecer das festas em homenagem à Matriarca Feirense, permitindo que ela seja compreendida e percebida pelas suas práticas culturais desenvolvidas pelos seus partícipes do final do século XIX até a década de 80 do século XX.

Importante ressaltar que no seu panorama móvel, as manifestações culturais presentes nas celebrações da Padroeira levavam para seus participantes e espectadores imagens e representações repelidas e negadas pela Igreja Católica, em especial nos anos 1970 e 1980. O resultado disso foi o choque de representações entre o que se expressava nas festas de largo e como a Igreja Católica desejava ser representada. Parecem ser as transformações das práticas culturais desenvolvidas e inseridas nos festejos de largo o ponto de instabilidade e conflito entre os vários setores sociais na produção dessa manifestação popular como já fora discutida por Batista (1997).

As homenagens a Sant'Ana eram apropriadas pelos sujeitos, para revelar seus sentimentos e representar, mesmo por um curto tempo, a sua fé na padroeira da cidade. Participar da Festa podia ter um sentido muito mais amplo de compartilhamento, cumplicidade, curtição e até mesmo de homenagem, sendo possível também unir todos esses sentidos. As festas de Largo da Padroeira foram representadas e praticadas de diversas formas por seus participantes, que lhe deram significados e sentidos próprios, permitindo vivências e expressões culturais apresentadas através das performances culturais dos sujeitos envolvidos.

A perspectiva da pesquisa é compreender a conjuntura que levou as festas de largo ligadas aos festejos de Sant'Ana a se extinguirem, além de buscar compreender as relações de

disputas travadas dentro deste espaço e os impactos que provocaram o seu fim. Entre os anos 1960 a 1980 a festa da Orago feirense parece ter passado por mutações, transformações e inclusão de novos elementos como o trio elétrico. Durante estes anos a Festa parece também ter chegado ao seu apogeu e ao seu declínio, provocado pela mudança nas representações culturais de setores organizadores dos festejos.

Neste período também surgiu a figura de Dom Silvério de Albuquerque, novo Bispo de Feira de Santana. Ele foi um dos grandes combatentes pelo fim das festas que aconteciam nas ruas e largos, consideradas profanas pela Igreja Católica. Este período foi marcado também pelo surgimento da SETUR (Secretária de Cultura e Turismo) e a pela transferência da responsabilidade de comandar e organizar os festejos de largo para esse órgão municipal.

Entre os anos de 1970 e 1980 houve, ainda, um processo de esvaziamento e enfraquecimento das homenagens a Sant'Ana em consequência de acirradas disputas entre a Igreja Católica (desejosa do fim das manifestações populares), a Setur e alguns membros da comunidade que ajudavam na organização da festa.

O cortejo-desfile da Lavagem foi uma das festas mais combatidas, apesar de ter sentidos diferentes: para a Igreja era um grande ato de profanação e desrespeito ao sagrado, para a prefeitura e Secretária de Turismo podia representar um grande potencial lucrativo e turístico, uma vez que aumentava a densidade populacional e comercial da cidade, e para o povo era uma grande manifestação das expressões religiosas e populares. A grande querela se dava nos choques destes sentidos e a disputa de interesses entre a Igreja, a Setur e o povo, que resultou na suspensão de toda parte profana das homenagens a Sant'Ana, em especial, à mudança de janeiro para julho das comemorações a Orago, que foi resumido apenas à parte religiosa.

Os estudos destes aspectos tiveram como pano de fundo a análise do Bando Anunciador, da Lavagem de Sant'Ana e outros momentos do festejo. Estes dois primeiros aspectos relacionados ao objeto da pesquisa tiveram fragmentos de sua existência descritos, representados e interpretados nos jornais do período, assim como também se apresentaram nas memórias de cronistas, memorialistas e pessoas contemporâneas do período estudado. Foi a partir deste conjunto de fontes mapeadas, catalogadas e fichadas que foi possível o aprofundamento das análises de dados e ampliação das plurais compreensões e conclusões sobre as festas de largo.

Para tecer as análises sobre a pesquisa proposta tivemos como suporte teórico autores como Pierre Bourdieu e suas contribuições sobre as ideias de campos e *habitus*. Os antropólogos Clifford Geertz e Victor Turner com suas discussões sobre cultura e performance cultural, além da proposta de Michel Certeau para entender o cotidiano e consumo da festa pelos seus participantes e outros que permitiram traçar uma análise mais ampla e múltipla das manifestações populares dentro da Festa de Sant'Ana.

Os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa estruturaram o trabalho em três capítulos. O primeiro intitulado de O Bando vai às ruas anunciar as comemorações a Senhora Sant'Ana no qual *se* propõe um mergulho nas origens da Festa de Santana, sua organização e processamento, a partir da análise de uma das manifestações populares na Festa de Santana, o Bando Anunciador. Objetiva-se compreender como o Bando era visto e vivido pelos sujeitos participantes e as relações deles com a comunidade em que estava inserido, além de perceber como se davam as relações dos sujeitos que compunham o Bando com outras etapas das celebrações consideradas profanas e sagradas.

O segundo capítulo Fé, Carnaval e Alegria para Lavar a Alma tenta compreender as diversas etapas em homenagem a Santa, como a Lavagem de Santana, por ser uma manifestação de caráter popular e profano, agregador de uma miríade de expressões políticas e religiosas, além da produção de diversas práticas culturais. Representadas por seus participantes durante suas apropriações dos festejos, essas práticas muitas vezes, apresentavam choques de representações entre os ideais dos seus participantes e da Igreja Católica, desejosa pelo seu fim. Entre os diversos choques de representação se destacam os conflitos entre os candomblecistas organizadores da Lavagem e a Igreja Católica e disputas internas entre esses candomblecistas. Buscou-se também compreender as disputas no campo religioso entre os candomblecistas e a Igreja Católica.

No último capítulo, A festa de Santana: espaços de divergências buscou-se compreender como uma modalidade da fé católica influenciou e interferiu no processo de continuação da festa considerada profana pela Igreja. Além de buscar entender como se comportou o poder público durante as disputas para o fim da festa profana. O aprofundamento das discussões apresentadas pode ser feitas a partir de uma leitura pormenorizada dos capítulos a seguir.

1. O BANDO VEIO ÀS RUAS ANUNCIAR AS COMEMORAÇÕES A SENHORA SANT'ANA

Busca-se neste capítulo perscrutar, a partir de um quadro comparativo, o processo de mudança sofrido pelo Bando Anunciador de Sant'Ana entre os anos de 30 a 80. Procuramos entender também a ligação desta etapa do evento com os outros momentos das homenagens a Senhora Sant'Ana, além de investigar como os participantes do Bando transitavam na festa e dela se apropriaram.

1.1 A FESTA DA PADROEIRA E SUAS MODIFICAÇÕES

“Com fé e amor/ Estamos a anunciar/ Treze dias de festa/
Salve Sant'Ana/ Padroeira do lugar” (Maestro Tuta)

Nascida no fim do século dezoito, conforme Poppino (1968) e Galvão (1982, p.30), nas terras de Peixoto Viegas, em São José da Itapororocas, a cidade de Feira de Santana hoje se destaca por ser um entreposto comercial devido a sua localização privilegiada ligando o Sertão ao norte e ao sul do país. Seu nome faz referência à tradição comercial que girava em torno das feiras de gado, e é também uma homenagem a sua padroeira, Senhora Sant'Ana⁶.

O culto a Senhora Sant'Ana, segundo Galvão (1982, p.30), “foi iniciado também no século dezoito pelo casal Domingos Barbosa e Ana Brandão, que doou para a Igreja Católica um terreno no Alto da Boa Vista, onde foi erguida uma capela em homenagem a Sant'Ana e a São Domingos”. O terreno doado neste período estava, vinculado ainda Paróquia de São José da Itapororocas pertencente a comarca de Cachoeira.

Em 9 de maio de 1832, o Arraial de Sant'Ana foi elevado à condição de Vila de Sant'Ana dos Olhos D'Água da Feira, com a instalação do governo municipal, no dia 18 de setembro de 1833. Em 1846, a Paróquia de São José foi transferida para a nova sede - antiga capela doada pelo casal Barbosa que se tornou matriz de Sant'Ana. Segundo Poppino (1968), apesar de não existir uma data precisa da origem das Celebrações a Santa, acredita-se que o começo das comemorações venha da colônia, tendo início a partir da instalação da capela feita para a Matriarca.

A Festa de Senhora Sant'Ana é comemorado pela Igreja Católica no dia 26 de julho, porém Feira de Santana contrariou essa data, tendo seu festejo remarcado para ser realizado

⁶ Um aprofundamento sobre a importância da Feira de gado para a cidade de Feira de Santana pode ser visto no livro Cleber Moraes. **Nem tanto o mar, nem tanto a terra: agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana: 1850-1888.**

em meados do mês de janeiro. Em sua escrita memorialística, Eurico Boaventura (2006) atribui a mudança de data por decisão do Pároco Beбето, que considerou o mês de janeiro mais conveniente por diversos fatores: a reduzida chance de chuvas, o retorno dos jovens para tirar férias na cidade com seus familiares e a possibilidade de maiores contribuições por parte dos coronéis da região para pomposa festa.

As informações trazidas pelo memorialista correspondem também às investigações realizadas pelos estudos sobre a cidade de Feira de Santana feita pelo brasilianista Rollie Poppino nos anos cinquenta. Esse percebeu, a partir das fontes utilizadas em sua pesquisa, como os jornais, atas da câmara e outros, a flutuação da data dos festejos em comemoração a Sant'Ana. O autor argumenta ser o período chuvoso e frio o responsável pela mudança das celebrações do mês de julho para janeiro, porém a alteração da data não foi imediata, ela “fez um estágio no mês de setembro, entre os anos 80 e 90 do século passado [século XIX]”⁷.

Essa mudança já vinha acontecendo desde os últimos anos do século XIX como aparece no jornal *O Município de 1888 e 1894*⁸. Nos primeiros anos do século XX as homenagens começaram a acontecer nos meses de Janeiro, mas em 1914 e de novo em 1919 as celebrações se prolongaram até o fim de fevereiro⁹. Neste período, se fortaleceram as homenagens à padroeira da região.

Os festejos de Sant'Ana ocupou, durante muito tempo, no calendário festivo da cidade, lugar de importância e destaque, pois representavam, na cultura do feirense, a data mais esperada. Como afirma Eurico Boaventura, em seu livro de memórias “Trabalhava-se o ano inteiro, aguardando-se esta quadra festiva. Tudo se marcava de acordo com a data maior da cidade. Vivia-se em função desta efeméride (BOAVENTURA, 2006, p.26).” As homenagens a Sant'Ana, inicialmente, configurou-se como uma oportunidade de socialização da população ao longo dos anos, e “sua organização requeria empenho de pessoas de prestígio social, uma vez que participar de tal evento rendia, aos seus organizadores, reconhecimento na comunidade” (BATISTA, 1997, p.50).

⁷ Comentário publicado no Jornal Feira hoje 09/01/1971, nº 19, Ano I p.05 na coluna Isto é, escrita por Helder Alencar um dos editores deste jornal. Sua descrição histórica da festa parece ter como base os estudos de Rollie Poppino e dos Jornais Folha do Norte nos primeiros decênios do século XX.

⁸ O Jornal não foi encontrado, mas aparece como fonte no livro produzido por Rollie Poppino sobre a cidade de Feira de Santana.

⁹ POPPINO, Rollie E. Debate esta questão em seu livro no capítulo. O Papel da Igreja. In: **Feira de Santana**. Salvador: Itapuã, 1968.p.276-285.

Organizar os preitos a Excelsa Padroeira trazia consigo muitos sentidos. Podendo representar um privilégio que dava ao organizador ao mesmo tempo um destaque social, mas também podia ter um caráter devocional. As Celebrações eram preparadas e promovidas pela Irmandade de Sant’Ana, a maior e mais forte nesse gênero na Urbe. “Antes, entretanto, de ser organizada pela irmandade de Sant’Ana, a festa era dirigida pelos comerciantes e fazendeiros locais, pelos homens ricos da terra¹⁰”.

Acredita-se ter havido nas últimas décadas do século XIX segundo Helder Alencar uma revolta dos operários fumageiros, em consequência da insatisfação destes pelo fato da organização e promoção da Festa da Padroeira ter ficado concentrado nas mãos dos comerciantes e fazendeiros. Estes operários tirou desses homens ricos o privilégio de estruturar o evento, e a partir desta revolta passaram a assumir a promoção das homenagens à Advogada Celestial da cidade. Durante muito tempo os operários prepararam as celebrações até ela ser assumida pela Irmandade de Sant’Ana e finalmente ficar sob a responsabilidade das comissões como acontece até os dias de hoje.

Não foi possível durante a pesquisa encontrar fontes que possam provar concretamente as informações da revolta, mas se ela existiu podemos deduzir que ela representou uma inversão de papéis dos setores sociais no processo de realização das homenagens. E no momento em que ela volta a ser controlada pelas irmandades paralelamente ela volta aos domínios de fazendeiros e dos comerciantes, uma vez que eram eles os principais membros da Irmandade de Sant’Ana.

Durante muito tempo a festa da Padroeira parece ter significado o melhor instrumento para as classes mais abastadas da cidade representar frente à comunidade sua importância e destaque. O Controle das homenagens podia ser usado por eles com muitos sentidos e objetivos, além de reforçar as hierarquias sociais e delinear a ocupação dos espaços na sociedade feirense.

Podemos ver a segregação na constituição dos membros pertencentes às Irmandades. Dentre as irmandades existente na cidade a de maior destaque foi a que organizava o préstito a Sant’Ana e a Nossa Senhora. Faziam parte dela membros mais abastados da sociedade. Pertencer a elas trazia prestígio social e a possibilidade de se tornarem membros da comissão

¹⁰ Comentário publicado no Jornal Feira hoje, Feira de Santana, 09 de janeiro de 1971, Ano I, nº 19. p.05 na coluna Isto é, escrita por Helder Alencar.

dos festejos. As sociedades leigas e as irmandades se formavam de elementos das congregações religiosas.

Cada uma dessas irmandades adotava um patrono da igreja local e anualmente lhe prestavam homenagens. As homenagens ao seu Patrono eram organizadas pelas comissões. No caso das celebrações a Sant'Ana a irmandade, em negociação com o Pároco da Igreja Matriz, indicava o nome de 50 a 60 membros para fazer parte da comissão do festejo do ano seguinte. Nas negociações e montagens das comissões havia uma relação de troca, pois a todo tempo demandava idas e vindas dos interesses tanto da Igreja como de membros da comissão, pois os organizadores dos festejos se apropriavam deles de muitas formas e com diversos objetivos.

Nas homenagens era perceptível certo distanciamento dos grupos sociais, seja os que faziam parte das irmandades ou até mesmo os que podiam fazer e prover as celebrações com donativos gordos, doados em sua maioria por pessoas mais abastadas: empresários, políticos, senhoras da sociedade. Existiam aqueles que sua grande contribuição para a realização da festa da Santa era somente fazer pequenas doações e marcar sua presença no festejo apenas como participante.

Uma vez composta a Comissão, ela desenvolvia um plano de ação, além de verificar meios e mecanismos para fazer arrecadação de dinheiro para o financiamento do evento. Os membros desta Comissão recorriam também aos seus irmãos da irmandade e ao “Público” para a arrecadação de recursos necessários para concretizar seus planos no ano seguinte.

O préstito à Padroeira desdobrava-se em muitas etapas, interligando práticas profanas e sagradas: os praticantes das festas circulavam em torno dos espaços sagrados reverenciando as práticas litúrgicas e doutrinárias, assim como também participavam da parte profana nas festanças, comilanças e festejos externo ao templo religioso. Segundo Serra (2009) nos festejos religiosos é possível encontrar pessoas que iam à festa por várias motivações: participar apenas do rito sacro, outras que iam com desejo apenas de se entregar aos festejos de largos e por fim pessoas que transitam entre o sacro e as festas de largos

As comemorações demandavam toda uma escala de atividades que se sucediam dia a dia durante as celebrações. As atividades começavam com o tradicional pregão que lembrava as atuais alvoradas, ele foi um forte elemento das celebrações até a década de cinquenta, depois dele se iniciava o novenário e as apresentações de coreto que aconteciam todas as noites.

No dia seguinte ao pregão vinha o Bando Anunciador, sempre à tarde pelo menos até a década de cinquenta. Ele parece começar acontecer pela manhã a partir das décadas de sessenta. Após o Bando, acontecia a Lavagem da igreja sempre na quinta-feira. Ela se dividia em dois momentos, o primeiro sempre pela manhã, acompanhado de Senhoras e outras pessoas a lavar o Templo. O segundo sempre a tarde se caracterizava por ser um desfile, no qual se apresentava diversos grupos culturais¹¹.

Marcando a data mais importante das comemorações se tinha o dia da Missa Festiva, sempre marcado pela presença de convidados de fora para serem os pregadores. Na sequência acontecia a Levagem da lenha sempre na terça-feira, e no dia seguinte se encerravam as festividades com a grande procissão compostas por membros da elite, romeiros, visitantes e pessoas da comunidade, no encerramento da procissão todos se divertiam com a retreta¹² e tocatas,¹³ no coreto, no fim da noite.

Essa disposição das comemorações foi, à medida do tempo, passando por modificações e ganhando novos sentidos, que criaram impactos diretos e indiretos tanto na parte organizacional dos festejos como também nas formas de apropriação e prática dos organizadores e participantes do evento à Orago¹⁴. Os sinais indiretos destas transformações podem ser percebidos na mudança de mentalidade da sociedade feirense, frente a este préstito que durante muito tempo simbolizou a prática cultural mais marcante e vivenciada pela comunidade local.

Sutilmente é possível perceber as mudanças na forma de festejar e se apropriar desta prática cultural tão emaranhada na história sócio cultural da cidade. Entre os pontos a serem analisados das mutações vividas pelas homenagens a padroeira do município, podemos trazer dois exemplos: primeiro a partir da análise da própria forma como esse evento foi noticiado ao longo do século XX e segundo as alterações sofridas pelo Pregão.

¹¹ Não foi possível identificar nos jornais que tive acesso a data precisa da mudança do turno em que acontecia o Bando Anunciador. Nos jornais da década de setenta começa as notícias sobre sua saída pela manhã.

¹² É a apresentação da Banda sinfônica em praça pública, geralmente, os músicos ficam parados em um espaço determinado. A plateia costuma se acomodar em cadeiras.

¹³ Tocata a Banda sinfônica sai tocando pelas ruas da cidade. A plateia precisa acompanhar os músicos por onde eles forem. Não há lugar fixo, somente o lugar de sair e chegar.

¹⁴ Santo a que é dedicado um templo ou capela.

Nos jornais publicados da Folha do Norte ao longo das cinco primeiras décadas do século XX é possível ver sempre o noticiário do evento como *Festas de Sant'Ana*. Esta nomenclatura tem sua escrita singularizada para *Festa de Sant'Ana* nas notícias das décadas consecutivas, tanto no jornal Folha do Norte como também no Jornal Feira Hoje, que passou a circular na cidade a partir da década de setenta. É presumível analisar que a diferença não está presente apenas na escrita, uma no plural e a outra no singular, e sim como as celebrações eram apropriadas e praticadas pelos seus organizadores e participantes.

No primeiro quinquênio do século XX, o folguedo era apropriado e praticado pelos seus organizadores como um espaço de diversas linguagens e performances culturais, pois este era vivido e perpetrado por uma polifonia de sentidos, perceptível no uso e consumo dos partícipes do evento. Este uso da nomenclatura: *das festas ou festa* foram se modificando ao longo dos anos, à medida que os participantes passaram a vivê-las e a significá-las a partir de novas práticas culturais, que foram repetidas e recriadas a todo tempo, num ininterrupto contínuo.

Naquela primeira metade do século XX os organizadores das homenagens, e os próprios praticantes do evento, parecem conceber e construí-lo como uma grande festança de pompa marcada por um conjunto de festas de largo que iam do pregão até a Levagem da Lenha, além dos atos litúrgicos como o novenário e a procissão. Estas festas de largo eram caracterizadas pelas suas singularidades e brilhantismo como é noticiado nos jornais da época.

O Pregão sendo uma das festas de largo em homenagem a Padroeira pode ser um demarcador, para nos apresentar as alterações sofridas na estrutura das celebrações a Sant'Ana. É possível fazer um retrato de como ele era nas primeiras décadas e o que se tornou nas últimas décadas de sua existência. O Pregão acontecia na parte externa do templo da Igreja Matriz.

Segundo Poppino (1968) nas quatro primeiras décadas do século XX o pregão saiu no mês de novembro, antecedendo a festa de janeiro, porém as fontes dizem o contrário, uma vez que foi possível perceber uma variação de data para realização do pregão, ele podia acontecer um dia antes das celebrações à Padroeira como aconteceu em 1934, no qual o Pregão aconteceu na manhã do dia 13 de janeiro daquele ano e nesta mesma noite aconteceu o primeiro novenário da Festa da Santíssima Orago, tendo continuidade com a saída do Bando Anunciador na tarde do dia seguinte¹⁵.

¹⁵Jornal Folha do Norte, Feira de Santana, 06 de janeiro de 1934, Ano XXV, nº1277. p.01

Entre as décadas de 20 e 40 o pregão aconteceu em dezembro, janeiro e até mesmo em fevereiro. Os préstitos a Sant'Ana também tinha data móvel, entre janeiro e fevereiro, durante o século XX. Excepcionalmente, no ano de 1931, o Pregão aconteceu à tarde, contrariando sua tradicional saída pela manhã, como ocorreu ao longo da primeira metade do século XX. Neste ano ele aconteceu no mês de dezembro, no dia 28, o que parece não se repetir nos anos consecutivos, como expõe o Jornal Folha do Norte de 03 de janeiro de 1931, pois ele passou acontecer nos mês de janeiro. Este evento se caracterizava por trazer em seu cortejo, um “símbolo de peça de madeira em forma de um grande prego ou obelisco, forrado de pano, tendo como inscrição “Louvor a Santana” na ponta de uma espécie de bandeira¹⁶”.

No domingo de 28 de dezembro de 1931 a partir das 16h, se escutava nas ruas da cidade o estrugir de rojões, o pipocarem das bombas em salva a Padroeira. No movimento de girandolas dos foguetes ao ar, acompanhado pelos toques do sino, uma multidão se exprimia pelas ruas para fazerem seu itinerário pela Rua Direita, preenchido de pessoas o cortejo continuava se desviando pela Praça Fróes da Mota, onde se fazia o retorno e todos seguiam novamente para Catedral Matriz, no largo Padre Ovídio, o curso era acompanhado pelos carros enfeitados, incorporados ao desfile durante seu percurso, fora os carros que já faziam parte do evento e trazia sobre si pessoas fantasiadas¹⁷.

Somado a estes estavam os mascarados avulsos a brincar com todos, sejam os partícipes ou os espectadores que num jogo lúdico, interagiam fazendo trocas entre os sujeitos que assistiam e os que eram assistidos. Todo esse movimento performático de encenação compunha o cenário da festa do Pregão, marcada também pela presença dos cavaleiros.

O Pregão se enchia de animação com a presença dos cordões carnavalescos Filhos do Sol e as Melindrosas. Eles faziam apresentações e encenações com suas fantasias e jogos de entoação das suas novas e bonitas marchas carnavalescas. A divulgação das novas letras de machinhas carnavalescas era antecipada para os participantes do Pregão. O canto envolvente e sedutor levava todos a se entregar totalmente ao divertimento e desprendimento de expressar através de seu corpo e com prazer suas expressões de fé a Sant'Ana.

Corpos levados pelo canto do fino som de boa orquestra a efervescer as ruas num envolvente festejar. Membros da comissão na frente do pregão distribuíam grandes quantidades de folhetos com a programação das próximas atividades em louvor a Santa.

¹⁶ A descrição do símbolo do pregão é feita pelo Senhor Antônio Ramos, presidente da comissão da Festa de 1979 no Jornal Feira Hoje, Feira de Santana, 03 de janeiro de 1979, Ano X, nº 1389. p.01

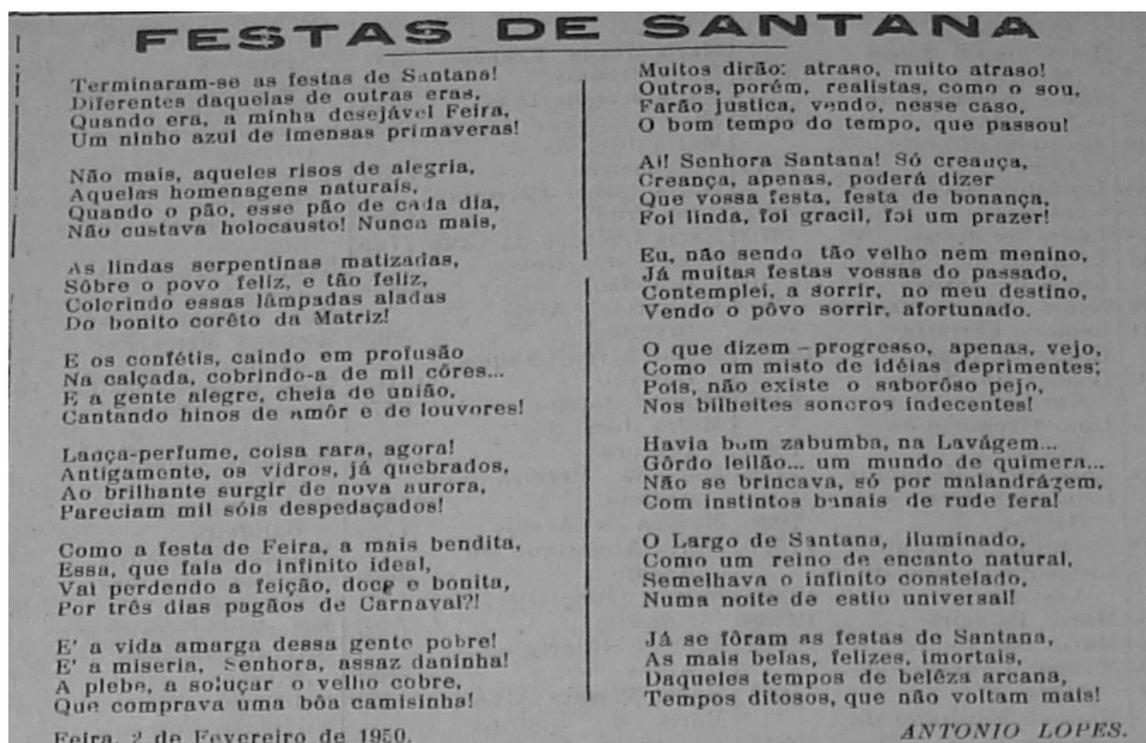
¹⁷ A Rua Direita hoje é a Rua Conselheiro Franco.

Dando continuidade ao préstito no crepúsculo do dia, as charangas tocavam na Praça da Matriz onde todos se concentravam a noite, após o cortejo do Pregão.

O divisor de águas no processo de mudança das homenagens a Orago da cidade se deu a partir dos últimos anos da década de quarenta e durante a década de cinquenta, quando começaram aparecer com mais frequência no jornal Folha do Norte críticas ao enfraquecimento do evento, que a cada ano perdia mais força.

Nos anos cinquenta o jornal Folha do Norte, de 22 de janeiro de 1955, sinalizava a diminuição da vibração que se tinha do evento comparado a outros anos e também trazia a informação do encolhimento das celebrações, pela redução de duração das comemorações, a um pouco mais de uma semana. Isso também se confirma pela escrita de um poeta da cidade, que de forma versada expressou o seu desalento pelos tempos idos de um folguedo considerado de grande brilhantismo.

Figura 1: Poesia Publicada no jornal *Folha do Norte*



Fonte: Folha do Norte , Feira de Santana, 02 de janeiro de 1950, Ano XL, nº2117. p. 01.

Versando suas lembranças e o desejo de uma festa ida há tempos, o poeta demonstra pontos demarcadores de transformações pela qual vinham passando as homenagens à Padroeira. Este representa em seu discurso e narrativa, formas de festejar que desejava

continuar existindo e vivendo. O poema foi publicado no jornal justamente após o fim das comemorações realizadas em 1950 fazendo referência a outras eras da cidade.

Concretamente, as festas de Sant'Ana estavam mudando e sua forma de ser e de acontecer também. Transformações advindas do processo de como deveria ser realizadas as homenagens e como ela era encarada pela sociedade do momento. Feira de Santana, não tão diferente do Brasil, parecia também está passando por mudanças, nessa década de cinquenta, marcada por grandes transformações tanto no cenário nacional como internacional.

A mentalidade dessa comunidade parecia sofrer seus processos de mutações e ressignificações causando inclusive impactos de como as celebrações a Sant'Ana deveriam ser pensadas. Tendo os jornais como fonte, podemos observar que os festejos pareciam ter menos espaços nas notícias publicadas durante anos 50 e 60.

O enfoque da comunidade parecia mudar, as preocupações dos feirenses quanto ao seu lazer e divertimento parecia se ligar agora ao consumo de novas formas de lazer, produzido pelo mundo ocidental, em especial da sociedade norte-americana. Os discursos de progresso pareciam se infiltrar na sociedade nacional e na cidade não era diferente.

A década de 50 foi marcada por um espírito de otimismo e de esperança, o Brasil passava a viver anos de democracia, entre os planos criados para o desenvolvimento urbano-industrial do Brasil podemos citar o Salte. Começa também no país uma produção de bens manufaturados de uso pessoal e doméstico. Nesses anos as políticas desenvolvimentistas se aprofundariam e, ao longo da década, e com ela um novo estilo de vida, difundido pelas revistas, pelo cinema - sobretudo norte-americano - e pela televisão, introduzida no país em 1950 cresce¹⁸.

Apesar dessas transformações vividas pela sociedade, feirense o poeta afirma “O que dizem-progresso, apenas vejo/Como um misto de idéias deprimentes”, ou seja, ele em certa medida nega os avanços que estavam acontecendo naquele período, inclusive os que geraram mudanças nas festas, fala também da criação da sociedade de massa e o processo de desvalorização de festas populares e além de não conservar a manutenção da tradição. No mesmo verso do poema ele pronuncia “pois não existe o saboroso pejo,/ Nos bilhetes sonoros indecentes”. De forma indireta ele afirma a mudanças de hábito e comportamentos das pessoas e nas suas formas de festejar.

¹⁸Um aprofundamento sobre a modernização e novas formas de lazer na cidade de Feira de Santana pode ser visto na Tese Ana Maria Carvalho Santos Oliveira. **Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950-1960)**. 2008, Tese de Doutorado- Recife, UFPB.

Além desses aspectos abordados nos versos do poema, o poeta nos revela também um comportamento muito comum e corriqueiro naqueles anos, a necessidade de novas vestimentas para prestigiar Sant'Ana, quando nos diz: “A plebe, a soluçar o velho cobre,/Que comprava uma boa camisinha¹⁹”. O vestir também era um demarcador social, pois na procissão era feito o convite, inclusive nos jornais para as pessoas irem às missas e procissão bem apresentáveis para receber os convidados que eram os oradores a presidir as missas e os discursos durante os festejos²⁰.

Décadas à frente o preito a Excelsa Padroeira parecia diminuir ou até mesmo suprimir algumas festas que compunha as homenagens. Um forte exemplo é que a festa do Pregão que teve tanto vigor na primeira metade do século e praticamente sumiu entre as décadas de 60 e 70 só reaparece nos anos de 1979 pelos préstitos inicialmente organizados pelo Senhor Antônio Ramos²¹.

Este ficou à frente da comissão promotora da Festa no último ano da década de setenta que trouxe como novidade o resgate da Festa do Pregão a mais de vinte anos ausente nas comemorações. O presidente da comissão buscava resgatar as antigas tradições das homenagens não mais vividas pelos feirenses. Além da Festa do Pregão outra festa, pertencente ao conjunto das homenagens a Excelsa Padroeira, que sofreu alterações e também ausência de suas performances nas celebrações foi a Festa do Bando Anunciador que tinha todo um perfil particular na sua formação e saída pelas ruas da cidade.

1.2 MUSICALIDADE E FANTASIA: PERFORMANCES DO BANDO ANUNCIADOR DE SANT'ANA

Espocando rojões e fogos de artifícios, num grande clamor, jovens mascarados montados em seus cavalos e levados também pelo toque dos sinos da Igreja Matriz, tomavam as ruas da urbe feirense para anunciar o grande séquito a acontecer nos próximos dias na cidade. Os cavaleiros muito bem vestidos acompanhados de grande cortejo distribuía pelas ruas da cidade os folhetos informativos da programação das Festas em homenagens a Sant'Ana.

Foi, justamente, para anunciar a chegada da festa religiosa que nasceu o “Bando Anunciador” o qual, de acordo com o Poppino (1968), teve seus primeiros registros oficiais

¹⁹ Folha do Norte, Feira de Santana, 22 de janeiro de 1955, Ano. XLV, nº. 23. p.01

²⁰ O aprofundamento desta questão será feito no terceiro capítulo.

²¹ Foi publicado essas informações no Feira Hoje, Feira de Santana, 03 de janeiro de 1979, Ano X, nº1389. p.01.

nas Atas da Câmara Municipal de Feira de Santana, nos últimos anos do século dezenove. Durante o século XX o Bando Anunciador sofreu alterações na organização, composição, horário de saída e também em seus sentidos.

No século XIX, quando as celebrações a Orago principal da cidade acontecia em 26 de julho, o Bando costumava sair no final de junho. Entretanto isto se modifica quando as celebrações têm suas datas alteradas ocorrendo entre os meses de setembro, janeiro e fevereiro. O penúltimo mês parece ter perdurado durante quase todo o século XX. Entre os anos de 30 a 80 a saída do Bando aconteceu em sua maioria no mês de janeiro, obedecendo sempre à estruturação do evento.

O jornal Folha do norte do final da década de 20 nos traz o cenário, os atores e suas performances apresentadas no grande palco público, as ruas da cidade. Era de esperar naqueles anos, final da década “não um pequeno numero de mascarados avulsos, para espalharem em a graça a pilheira, o riso, mesmo porque, na época difícil que atravessamos, é preciso que se dê um dia de tréguas as preocupações, as tristezas, que dívidas não pagam²²”, Noticiava o jornal, nos apresentando também que no tempo da festa havia a suspensão, em certa medida, de uma rotina para se vivenciar o tempo festivo que duravam dias, mas isto de forma nenhuma gerava uma total inversão de papéis como acontecia nos carnavais medievais apresentados por Bakhtim (2008) e Burke (1989).

A suspensão da rotina não tirava desses participantes suas condições e o que representavam na sociedade feirense, apesar da festa do Bando se apresentar com um caráter democrático, ele pareceu trazer para ruas, nas primeiras décadas, em sua maioria, pessoas mais abastadas, não tirando a possibilidade da presença de pessoas de outros grupos sociais. A pompa e organização do evento nos deixa dúvidas se pessoas menos abastadas tinham uma participação direta na estruturação e organização do Bando Anunciador no primeiro quinquênio do século XX.

Entre as décadas de 20 e 50 o Bando Anunciador assim como todas as demais etapas das celebrações a Excelsa Padroeira eram organizadas pela comissão do evento. Esta era em sua maioria indicação das irmandades e do pároco. Era muito comum nos jornais do período, notícias como “a comissão das festas solicita dos Srs. Proprietários de automóveis a fineza de enfeitarem-no os para maior beleza do curso²³”. Com a chegada do automóvel na cidade, após

²² Folha do Norte, Feira de Santana, 14 de janeiro de 1928, Ano XIX, nº965. p.01.

²³Folha do Norte, Feira de Santana, 14 de janeiro de 1928, Ano XIX, nº965. p. 01.

primeira guerra, era comum ver os cortejos de carros de passeios e caminhões, sendo dirigidos por homens proeminentes da cidade que iam para as ruas distribuir poesia e a programação da festa no intuito de anunciar os folguedos.

A presença dos automóveis na Festa do Bando Anunciador poderia ter muitos significados entre eles demonstrar a chegada do progresso na cidade e também podia ter um caráter de trazer como imagem representativa a grandiosidade do evento, apresentando-o com suntuosidade a comunidade feirense do período. Além disso, a montagem ou fazer de uma festa traz imiscuídos nela vários jogos de poder simbólico, que no caso de Feira de Santana pode ter sido usado pelo grupo promotor do evento como capital simbólico para se promover e ganhar visibilidade, pois muitos dos organizadores da festa eram políticos e estavam presente nas disputas políticas local.

Podemos ter a imagem de um dos cenários do Bando Anunciador no ano de 1934. O Bando daquele ano parece ter marcado profundamente a cidade, como noticiou o Folha do Norte, “O Bando Anunciador excedeu a expectativa²⁴” e de fato ele surpreendeu com sua pompa. Primeiro pelo fato de está inaugurando as passeatas matinais que não foi comum e nem apareceram nos jornais entre o final da década de 20 e na década de 50 (pelos menos até o ano de 1958).

Frequentemente este evento acontecia sempre à tarde, a partir das 16h, mas a festividade de 34 contrariou toda esta organização do evento e aconteceu em dois momentos do dia, um pela manhã e outro no final da tarde. A passeata da manhã foi composta por participantes alegres de grupos a bailar e cantar pelas ruas da cidade ao toque do som dos instrumentos musicais de orquestras.

Suas performances e toda encenação se complementavam com a presença dos mascarados que se divertiam, fazendo seus jogos de ludicidade, a instigar a curiosidade dos expectadores surpreendidos com as brincadeiras e o segredo de quem se escondiam por de traz das máscaras. Os mascarados aproveitam o momento para mudarem a entonação da voz e fazer suas investidas, fazendo declarações de paquera e também de forma burlesca entreter-se ao assustar quem os assistiam. Eles estavam diluídos tanto na multidão pela manhã como também estiveram presentes na passeata durante a tarde.

Na tarde de 1934 no dia 13 de janeiro ás 17 horas se reuniram na Praça de Sant’Ana (Praça da Matriz) vários agrupamentos distribuídos nos caminhões enfeitados, “conduzindo

²⁴ Folha do Norte, Feira de Santana, 20 de janeiro de 1934, Ano XXV, nº1279. p. 01

possante fanfarra, que atraia todos as ruas com seu eletrizante toque musical que encheu a rua de pessoas²⁵”, um dos caminhões levava sobre si um agrupamento feminino “vestido de amplas saias de cores “ violetas”, corpetes de matizes vivos, lenços coloridos a cabeça e empunhando fartos espanadores de papel (mamãe sacode) dançavam e catavam aos ritmos de instrumentos musicais²⁶”.

Em outro caminhão neste grande cortejo seguiam jovens meninas vestidas de uniforme alvirrubro, além das pandeiristas que num afinamento com a orquestra tocavam sambas canções e marchas de carnavais, que alegravam a todos os partícipes e expectadores. Dentre estes carros os mais belos de todos era “Um Sonho Juvenil” tripulado por jovens aviadoras.

A saída do Bando permitia a seus participantes encenações e performances diversas, teatralizadas durante todo o percurso do evento. Era comum nestes Bandos a presença de caminhões, carros e pessoas que faziam o percurso caminhando pelas ruas da urbe, além de existir uma predominância feminina no Bando de 1934 e 1937. Neste último ano o que marcou o evento e sua saída pelas ruas foi sua singularidade na ornamentação dos seus autos e de seus viventes ou seguidores.

A orquestra musical foi conduzida por um caminhão todo enfeitado de palmas, talvez fizesse referência ao sertão ou a uma Feira de Santana sertaneja, poetizada por muitos como uma Princesa do Sertão e terras de vaqueiros. Essa orquestra “eletrizante” levada por um caminhão talvez anunciasse além da festa do Bando a criação do trio-elétrico por Dodô e Osmar nos anos 50. O trio da dupla, diferente desta forma de organizar a saída de uma orquestra sobre um auto, incluía a possibilidade de música elétrica.

Um dos carros mais surpreendente a navegar nas ruas foi um em formato de barco, composto por uma grande tripulação trajada de marinheiro. Atrás dele saiu outros carros bem enfeitados chamados de Sonho Azul, Estrelinhas do Amor e Bonecas em Folia, preenchidos de pessoas vestidas de roupas de tons amarelo e preto. No final do cortejo acompanhava um automóvel ricamente adornado que levava sobre si ciganos, e outro levando senhorinhas vestidas de boemias. “A comissão participava da festa, montando habilidosos corcéis e vestindo à jockey, corpetes e casquetes de cetim, metade pretos e calções encarnados do mesmo tecido²⁷”.

²⁵ Folha do Norte, Feira de Santana, 20 de janeiro de 1934, Ano XXV, nº1279. p.01

²⁶ Ibidem

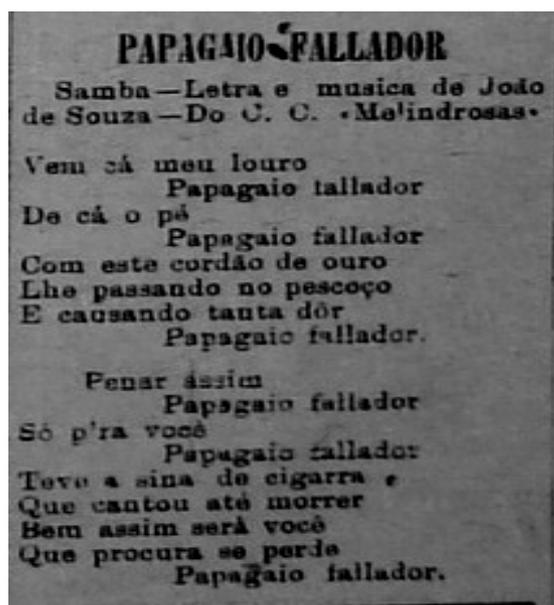
²⁷ Folha do Norte, Feira de Santana, 30 de janeiro de 1937, Ano XXVII, nº1437. p.01

Nesse mesmo ano saiu um grupo de jovens malandrins, além do cordão carnavalesco, as Melindrosas que estavam vestidas à moda das ciganas. Foi muito comum nessas décadas a saída de cordões carnavalesco na Festa do Bando e também em outros momentos das homenagens a Sant'Ana. Frequentando as celebrações os cordões carnavalescos davam ainda mais um tom de burlesco. O Bando parecia se transformar num anúncio também do carnaval que acontecia na cidade em fevereiro. Este carnaval foi transformado no que conhecemos hoje como Micareta, como demonstra os estudos de Miranice Silva (2013).

A presença de elementos carnavalescos nas festas de largo em homenagem a Sant'Ana foi muito comum durante todo século XX, esta forma de se organizar e acontecer parece se aproximar muito dos carnavais, compostos de fantasias e carros alegóricos como citado acima. Em 1928 os cordões carnavalescos presentes nas celebrações a Santa foram os grupos Paiz do Sonho e o Girassol que estiveram presente na festa do Pregão e o Lyra dos Inocentes, presente na festa do Bando Anunciador.

Na década de trinta a presença marcante foi dos cordões Filhos do Sol e as Melindrosas que traziam para o cortejo e suas apresentações no coreto muita alegria e divertimento, complementado pelas guerras de confetes e lança-perfumes. Todo divertimento era embalado pelos ritmos das marchinhas e dos sambas cantado por esses grupos. Muitas das marchinhas expressadas nas performances e encenações dos cordões foram criações próprias dos grupos carnavalescos que saíam as ruas nos mês de fevereiro.

Figuras 2 e 3: Machinhas Carnavalescas do grupo Melindrosa e Filhos do Sol publicado na *Folha do Norte*.



O universo cultural feirense parecia permeado de criações próprias, além de romper fronteiras regionais ao cantar também diversas canções do cenário musical nacional em especial as músicas tocadas nas rádios. Feira de Santana parecia está sintonizada com todo um circuito cultural existente no Brasil daquele período, além de reforçar a valorização do que era regional e local. Os temas das marchinhas podiam ser diversos, assim como eram diversos e plurais os temas das fantasias vestidas pelos partícipes do cortejo. O samba *Papagaio falador* trata de forma irônica e hilária da postura de pessoas que falam muito, a segunda marchinha já *È coisa feita que você tem* fala de amor e a rejeição do amor do outro, muitas dessas músicas podiam dizer e fazer ironias e críticas a sociedade.

O Estilo musical do Bando assim como seus sentidos para comunidade feirense parece mudar também ao longo dos anos. As músicas a partir da década de 60 em diante parecem ultrapassar os limites das críticas de fina estampa e começam a ganhar tons mais escrachados e escancarados, mas isso não significa que as músicas cantadas e tocadas também não podem ser marchinhas clássicas, samba-canções e outras. Muitas músicas pareciam ser paródias destas outras. Muitas vezes se usavam a batida e o ritmo destas músicas, porém eram ressignificadas as letras, recebendo tons de ambiguidade.

Os tons de duplos sentidos faziam parte de um processo de apropriações e recriações pela comunidade que a todo tempo consumia os novos produtos musicais da industrial cultural, porém este consumo era feito de uma forma muito particular ganhando, às vezes, outros sentidos e significados. As letras das músicas eram apropriadas e praticadas muitas vezes de formas diferentes da original, podendo ter durante este período uma dispersão e divulgação no cenário da festa muito rapidamente.

Algumas destas músicas saíam dos limites das ruas e iam parar dentro das casas e nos encontros festivos de outras comemorações. Na sociedade havia pessoas que a rejeitavam ou até ojerizavam pelo seu tom e conteúdo, considerado muito mais do que meras brincadeiras musicais e rítmicas. Além das músicas alguns membros da sociedade consideravam as práticas do Bando Anunciador uma ofensa aos 'bons princípios e costumes' a serem seguidos pela sociedade.

A festa do Bando nos anos 60 em diante parecia revelar outra face da sociedade feirense, que estava escondida em seus guetos. Porém ao mesmo tempo revelava o

distanciamento e não reconhecimento de setores da sociedade feirense e de suas práticas culturais apresentadas no Bando Anunciador. As práticas culturais encenadas e apresentadas pelo Bando Anunciador no palco público, nas ruas da cidade, em especial durante as décadas de setenta e oitenta foi intensamente rejeitado por uma parte da sociedade feirense, como pode ser percebido na falta de informação ou até mesmo ausência de notícias da saída do Bando nos jornais do período. Esta ausência de notícia não acontece com as outras etapas das homenagens.

A musicalidade do Bando também estava em processo de transformação e mudança, isso se evidencia fortemente nos anos setenta e oitenta, quando o cortejo era puxado pelas charangas e bandinhas. No movimento rítmico e na batidas dos instrumentos musicais os participantes do Bando levavam para as ruas da cidade o balançar do movimento de seus corpos no intuito de praticar suas performances e encenações para o público.

De alguma forma o Bando, assim como a Lavagem, a Levada da Lenha e o pregão durante sua passagem pelas ruas informavam didaticamente uma imagem e representação de como se poderia ser na sociedade feirense. Brindava todo o movimento corporal o canto saído das entranhas dos participantes que juntamente com toda a multidão cantava num só ritmo ecoante, a tomar as ruas e se espalhar pelos ouvidos de todos os presentes, nesta manifestação cultural, independente de gostarem ou censurarem as letras das músicas.

Canções como “Quem estiver de calça preta é sinal que está de boi, boi, boi.../Quem tiver de calça branca é sinal que o boi já foi...”, eram cantados pequenos versos que se repetiam, eles tinham letras mais escancaradas e podiam ter tons mais pornográficos, a exemplo da musica “ai cebola, tempero de buceta é rola”, “Da cachaça está mulher que ela quer fuder”, podiam ainda ter músicas de duplo sentido a exemplo “Você tá, você tá de roupa de roupa nova, você tá” a música ambígua podia ser apropriada pelo público e simplesmente ganhava totalmente tons pornográficos e debochado como ao invés de cantar “Você tá, você tá de roupa nova”, cantavam “Buceta, Buceta tá de roupa nova”, mas havia músicas que eram consideradas uma afronta a Excelsa Padroeira como “Ô Dona da casa/ por nossa Senhora me dê sua buceta que eu já vou embora”.

Ao que parece foi pelas letras das músicas e posturas dos participantes o grande motivo do enfraquecimento do Bando Anunciador nos anos setenta e oitenta. O seu total esfacelamento se dar ao ser estrangulado pela falta de verba e investimentos para sustentar a

presença do Bando nas homenagens a Orago durante estas décadas. A Setur- Secretária de Turismo e Cultura- não mais fornece incentivos para a organização da festa do Bando.

A Secretária de Turismo e Cultura, Setur, foi criada nos anos setenta e passou a assumir os festejos externos ao templo de Sant'Ana. Uma de suas ações foi convidar pessoas para organizar algumas festas de largo. Ela também passou a investir capital financeiro para a promoção das celebrações. Durante esse período o sistema de Comissão parece diminuir seus tentáculos na produção dos préstitos a Sant'Ana, assumindo efetivamente a parte mais litúrgica do evento e nesse movimento de mudanças do evento externo a Igreja (as festas de largo) parecem se tornar mais distante do núcleo central das comissões e do clero, o resultado disto poderemos ver melhor no terceiro capítulo.

No movimento de transformações na forma de produzir as homenagens a Sant'Ana, algumas festas de largo sofre de forma direta o impacto destas mudança, passando a ganhar outros sentidos simbólicos. Algumas das festas de largo deixam até mesmo de acontecer durante as celebrações da Padroeira. As mudanças profundas que marcaram o Bando parecem se intensificar entre os anos setenta e oitenta, quando ele durante alguns anos não participou das homenagens a Padroeira. As ausências dele nas celebrações já expressava uma fragmentação do próprio evento como também do significado deste no processo festivo.

Concretamente, com base nos Jornais Feira Hoje, vimos que o Bando não esteve presente nas homenagens a Orago da cidade, nos anos de 1976, 1977, 1980,1983 e 1984, mas acredita-se pela ausência de notícias que ele também não saiu às ruas nos anos de 1974, 1975 e 1987. O motivo desta lacuna do bando durante estes ano, pode está ligado ao desinteresse do poder público em tornar possível sua realização, como fica claro na fala de José Belmonte em reportagem na Revista Panorama da Bahia no ano de 1984 quando afirmou ter grande desmotivação em continuar organizando a manifestação popular uma vez que não tinha recebido apoio necessário dos promotores da Festa, seja da Comissão (representantes da Igreja) e da própria Secretária de Turismo.

Sem o apoio dos dois principais pilares de sustentação e manutenção das homenagens a Sant'Ana, Zezito Belmonte se sente enfraquecido para dar continuidade a tal evento. O desinteresse deste órgão pode ter uma ligação direta com a crise da permanência e existência das festas de celebrações a Padroeira. Crise instalada entre a Igreja e a comunidade, pelo Bispo diocesano ao expressar seu interesse em mudar a data das homenagens de janeiro para

fevereiro, assim como separar o evento litúrgico dos eventos de largo, em volta destas discursões o poder público tinha uma posição de ambiguidade.

A festa do Bando nestes anos tem características bem diferenciadas do primeiro quinquênio do século XX, ele diminuiu muito em tamanho e em alas presentes também na sua saída pelas ruas da cidade. Outro diferencial foi os horários de saída nos anos setenta e oitenta concentrado pela manhã e não pela tarde, como na primeira metade do século XX. Com um Bando mais conciso o evento ia às ruas com blocos carnavalescos, havendo a forte presença de mascarados e de muitas pessoas fantasiadas com múltiplos temas, além da presença de fogueteiros e também do trio-elétrico. Este último esteve pouco presente no Bando Anunciador, pois sua presença cativa foi na Lavagem e na Levagem²⁸.

A saída do Bando nas ruas gerava dois grandes movimentos: um de aceitação e outro de rejeição. Membros da elite mantinham distância e resistência em participar do Bando Anunciador diretamente, sem envolvimento e imbricamento com aqueles populares. Segundo Helder Alencar era vistos com olhares de recusa e estranhamento, em especial pelos teores das músicas cantadas pelos participantes dele²⁹.

Sendo o Bando Anunciador de Sant'Ana uma expressão cultural popular, ele também fazia parte do campo simbólico feirense, pois ele continha símbolos que eram desempenhados pelos participantes, seja de forma direta ou indireta durante a saída do Bando pelas ruas de Feira de Santana, seus diversos símbolos e códigos eram apresentados a sociedade feirense ao longo do cortejo nas encenações e performances dos partícipes através das brincadeiras lúdicas, o canto ambíguo ou até mesmo pornográfico, a bebedeira, a dança ousada e outros jogos lúdicos.

Quando isso começa a contrariar o ideal da Igreja, se estabelece uma desacomodação dos espaços instituídos e ocupados por alguns destes partícipes e começa a se formar um “choque de representações”³⁰ dos interesses destes grupos, que é levando a suspensão da estabilidade e permanência do evento que aprofunda sua crise de existência.

O Bando parecia ter trazido por um curto tempo uma “desordem” na ordem estabelecida, demonstrando também fissura de uma ordem instituída. Paradoxalmente os filhos

²⁸ Quanto à saída do Trio elétrico no Bando Anunciador não se tem grande certeza, pois as fontes não deixam bem claro. O Jornal que fala a respeito disso foi apenas o Feira Hoje, Feira de Santana, 09 de janeiro de 1971, nº 19, Ano I. p.05 na coluna escrita pelo Helder Alencar.

²⁹ Ele revela a negação de parte da sociedade feirense em aceitar o Bando pelo teor das músicas e sua postura em entrevista concedida a Rennan Pinto de Oliveira em 18 de dezembro de 2013.

³⁰ Discussão presente no livro de Pierre Bourdieu. **O Poder Simbólico**. Bertrand, Rio de Janeiro, 1998.

ou pessoas dessa elite, como também muitos ditos seguidores da Igreja frequentavam o Bando, inclusive podiam sair nele ou até mesmo ser seu grande expectador seja pelo fato da curiosidade ou até mesmo por razões de identificação ou aproximação dos que se apresentam como atores daquele folguedo.

No “rompimento” de uma ordem estabelecida é possível apreender e captar as relações de tensões e disputas. Quando olhamos para a festa do Bando como também para outras etapas das homenagens consideradas profanas³¹, por alguns jornais e pela Igreja, as ações e reações aos festejos de ruas podem ser compreendidas como um espelho refletor de uma realidade existente na sociedade feirense revelador de práticas consideradas negativas e que não deviam ser copiadas e vividas por membros da sociedade.

Existiam nas celebrações tanto consumidores como também os fabricantes destas. Tanto no Bando Anunciador como nas outras etapas do evento, eles eram quem pensavam as festas antes de sua realização e construção. A fabricação das festas em homenagem a Sant’Ana motivava laços comunitários na sua construção, pois participavam da organização dos festejos membros da própria comunidade, seja na arrumação como na montagem das fantasias, estas pessoas estavam presente tanto no processo de elaboração do Bando como da Lavagem, Levagem e até mesmo na procissão de Sant’Ana.

O Público ao se envolver em cada momento da festa poderia participar paralelamente em uma ou mais etapa do festejo, pois a grande satisfação era poder de alguma forma contribuir no fabrico das celebrações. Um exemplo disto foi a grande novidade promovida pela comissão da Festa de 1981, liderada por Aureliano da Silva Filho ao convidar Zezito Belmonte para organizar um segundo Bando Anunciador em consequência do sucesso e superação de expectativa do Bando que havia saído do Bairro Olhos D’Água no domingo que antecedia o início das homenagens a Advogada Celestial de Feira de Santana³².

O segundo saiu de outro bairro, o Tanque da Nação, e teve também a promoção e organização de Belmonte, ele sentiu grande felicidade do pedido feito pela comissão, no mesmo dia foi direto para a comunidade daquela região espalhar a notícia da saída de um outro Bando daquele bairro. Os moradores receberam a notícia com grande entusiasmo e disponibilidade para organizar o evento, com saída marcada no domingo consecutivo da saída

³¹ O Conceito de profanos para identificar o evento em homenagens a Sant’Ana que acontecia na área externa ao templo como Bando Anunciador, a Lavagem e a Levagem, só passa a ser usado nos jornais e por pronunciamentos de alguns membros do clero recorrentemente nos anos setenta e oitenta, até o primeiro quinquênio do século XX, se falava apenas das Festas externas ao Templo da Padroeira.

³² Feira Hoje, Feira de Santana, 13 de janeiro de 1981, Ano XI, nº.1981. p.05

do primeiro bando, que tinha ido às ruas oito dias antes daquela data, desta vez o lugar de concentração foi à casa de Crispina ceramista. Todos da comunidade se envolveram na produção do material necessário para o brilhantismo daquele segundo Bando e se deram o direito também de realizar uma seresta no dia anterior com o objetivo de encher de motivação a comunidade para ir às ruas.

A prática de promover um evento na noite anterior ao Bando era uma atividade recorrente nas promoções de Zezito Belmonte, nos anos em que organizou o Bando, além da prévia feita para os participantes do Bando. Ele mobilizava todos da comunidade dos Olhos D'Água, em especial da Rua Araújo Pinho, para ornamentarem o palco da saída do Bando, nele acontecia a seresta a entrar na madrugada e terminava na vestimenta das fantasias e entrega de todo material aos participantes.

Envolvido pela comemoração da noite anterior os partícipes munidos de suas fantasias e de bandeiras/estandartes abriam o cortejo do Bando trazendo impresso nela “Salve, Nossa Senhora Santana” e “Bando Anunciador de Sant’Ana”, logo atrás vinham centenas de pessoas segurando em suas mãos ou no corpo dezenas de plaquetas contendo o nome dos integrantes da comissão da Festa, também tinha as coloridas sobrinhas a balançar para todos os lados.

Os lenços distribuídos pelos promotores do evento em tons diversos davam um colorido diferenciado aos que assistiam nos passeios a passagem do Bando. Nas janelas dos membros da elite que não se misturavam ao grupo era possível ver um mar de pessoas usando sobre suas cabeças chapéus a pular e se entregar ao total prazer, vindo da satisfação de participarem do evento. Grupos de pessoas sob o efeito da bebida da noite anterior se liberavam ao divertimento, e em suas encenações e performances ampliadas e estranhadas por alguns expectadores pelo fato de verem ações e atitudes não convencionais produzidas pelos partícipes do Bando.

Misturados ao cortejo tinham pessoas a que levavam a programação de toda as etapas do evento em homenagem a Sant’Ana. A grandiosidade do evento de 1981 parecia relembrar os grandes Bandos das décadas de trinta e quarenta, mas toda esta estrutura de um evento que colocou nas ruas mais de duas mil pessoas, não se repete nos anos seguintes.

No ano seguinte, em 1982 o Bando também organizado por Belmonte foi condensado em apenas um grande grupo ou como disse o mesmo sairia apenas um Bando mais reforçado, infelizmente nos anos seguintes não houve Bando, voltando acontecer apenas em 1985 sob a

órbita de organização de outro promotor não mais Zezito Belmonte que organizou seu último Bando em 1982 por razões de falta de verba e apoio como já discutido no texto.

Atendendo a cobrança da comunidade no ano de 1985 a festa do Bando volta a compor uma das etapas das homenagens a Advogada Celestial da cidade. O Bando daquele ano muda de promotor mais também de endereço de saída, ele foi organizado pelo clube Ali Babá responsável também por organizar na noite anterior a saída do Bando uma festa carnavalesca, o formato de produzir a festa deste ano parece copilar o modelo que já vinha sendo feito pelo antigo promotor.

Num desejo de restaurar a tradição da Festa do Bando Anunciador o presidente da comissão por dois anos seguidos, Oscar Marques, reforça o apoio ao Bando tanto no ano de 1985, como também no ano de 1986, assim como no anterior o Bando de 1986 também mudou de endereço e sofreu profundas transformações e inovações com a introdução do bloco Afros Obá Maiyê e o afoxé “Flor de Ifá”. Naquele ano o Bando foi organizado pela artesã Ivani dos Santos e o dançarino Jorge Manga que colocaram como lugar de concentração o “Beco da China” ao lado do Mercado popular. Na noite de sábado até a madrugada do domingo foi promovido uma comemoração para esquentar a saída do Bando nas ruas no início da manhã do dia seguinte³³.

O Bando Anunciador em seu processo de modificação nos faz chegar a duas conclusões. Primeira que a falta de apoio para sua manutenção levou o seu fim e também o afastamento de seus personagens, principalmente a figura de Belmonte. Segundo que medidas para enfraquecer o Bando como a diminuição de investimento nele também podia atender parte de grupos na sociedade feirense incomodados com sua presença e suas formas de expressões na festa. Assim, as mudanças em sua realização e de seus agentes como também no seu formato, levou-o ao esfacelamento e fragmentação de sua existência.

Ao que nos parece, o poder público era importante para o processo, mas seu elaborador também tinha importante papel na fabricação e manutenção do Bando. Uma vez que não se conseguiu manter um acordo entre as partes envolvidas na promoção do evento foi quebrado a manutenção e existência deste. Os novos elementos inseridos no bando, assim como também sua forma de ser e acontecer gerou uma desacomodação, alterando os sentidos e significados deste na festa da Padroeira da cidade.

³³Jornal Feira Hoje, Feira de Santana, 11 de janeiro de 1986, Ano XVI, nº. 3599. p.05.

1.3 IMBRICAMENTOS ENTRE O SAGRADO E O PROFANO NAS CELEBRAÇÕES A SANT'ANA.

O fenômeno do Bando com o objetivo de anunciar os festejos parece ser algo comum e recorrente nas festas religiosas e também de caráter civil ocorrida não apenas na Bahia, mas também em outras partes do Brasil como apresentado na coletânea de artigos do livro *Carnavais e outras f(r)estas: ensaio de história social da cultural*³⁴. Neste livro podemos destacar o texto produzido por Wlamyra Albuquerque³⁵: Patriotas, Festeiros, devotos... As comemorações da Independência da Bahia (1888-1923), a qual estuda este elemento nos festejos dois de julho acontecido na cidade de Salvador.

O Bando, como discutido pela autora, parece ser uma prática cultural herdada do colonizador nos festejos populares religiosos e profanos. Sua presença foi muito comum durante o Império, porém suas práticas foram transformadas e ressignificadas por quem dele se apropriou. Era comum na sua saída pelas ruas, homens usarem máscaras e montarem a cavalo. Os mandus e cabeçorras³⁶ também eram figuras cativas naqueles tempos, porém os bandos foram incomuns nos anos republicanos, sendo, inclusive, proibido de sair às ruas pelas posturas municipais na capital da Bahia. Também havia a proibição de usos de máscaras nos festejos populares, pelo fato de não serem visto com bons olhos.

Feira de Santana contrariou esta regra do não funcionamento do Bando durante o período Republicano, pois é neste período seu maior fortalecimento e presença nos festejos em comemoração a Sant'Ana. Outro Bando que não desapareceu foi o da cidade de Maragogipe, pois ele ainda Anuncia a festa do Padroeiro da cidade até os dias de hoje. Outra cidade do recôncavo que não tem seu Bando Anunciado extinto é da cidade de Cachoeira em sua comemoração a Nossa senhora D'Ajuda³⁷.

³⁴ Aprofundamento das discussões a respeito do Bando e outros festejos podem ser encontrados na obra de CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaio de história social da cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, CECULT, 2002.

³⁵ Discussão também feita por Wlamyra Albuquerque no livro. **Algazarra nas ruas: comemorações da Independência da Bahia (1889-1923)**. Campinas, SP: editora da Unicamp, 1999.

³⁶ Aprofundamento das discussões na obra de FILHO, Mello Moraes. **Festa e tradições populares do Brasil**. Ediouro, Rio de Janeiro, RJ, n/d, fala da presença destes ícones também em festa do final do século XIX. Ele parecem permanecer também no século XX em especial nas manifestações do Bando e outras etapas da Festa em homenagem a Sant'Ana.

³⁷ Discussão sobre a Festa religiosa em Maragogipe com a presença do Bando pode ser vista na produção de SANTOS, Fernanda Reis dos. **"A festa do excelso Padroeiro da cidade das palmeiras": o culto à São Bartolomeu Maragogipe (1851-1943)**. 2010. Dissertação. (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, UFBA.

O Bando anunciante dos folguedos a Orago feirense no início do século XX era carregado de prestígio e beleza, como já foi possível ver nas descrições. Sabemos que na sua passagem pelas ruas havia demonstrações múltiplas de sentidos, mas o foco principal era e sempre foi o de poder anunciar o início dos festejos, ele esteve ligado, apesar de suas particularidades e individualidades, a uma rede de expressões voltadas a homenagear Senhora Sant'Ana.

Homens e mulheres repetidas vezes, ano a ano, iam fazer parte da composição do Bando, assim como também se faziam presente em outras etapas dos festejos da Padroeira da cidade, eles migravam dos vários espaços das celebrações, num movimento de circulação contínua, muitos que estavam presentes na festa do Bando pela manhã não deixava de ir à missa à noite para mais uma vez reforçar seu laço de fé e demonstrar seu respeito a Santa regente da comunidade feirense.

Feira de Santana tinha em seu calendário uma rotina anual de festejos, estes faziam parte da vida das pessoas da região. Essa rotina definia o movimento e o caminhar da cidade que estava conectado ao momento místico e real de concretização e realização do evento que prestava tributos a Santa guardiã do município. A repetição das homenagens a cada ano poderia também ter o significado de uma reatualização de um evento sagrado que buscava reforçar e renovar os sentidos do místico e religioso deste simbolismo católico apropriado e praticado pela comunidade de muitas formas³⁸.

Durante estes festejos havia nas práticas destes sujeitos diversas atitudes e ações que os aproximavam dos rituais sagrados e também de atitudes que o aproximavam a festança de ruas. “Sagrado e profano se inserem numa mesma dimensão, propiciando aos sujeitos vislumbrarem o profano como parte do sagrado e vice-versa, assim transgredindo as regras sociais e religiosas e impondo fé e festa como práticas significativas na vida dos sujeitos³⁹”.

Foram os sistemas simbólicos e os sentidos dados as Festas da Padroeira que a tornaram um espaço de caráter sagrado. A construção deste sentido para a festa se dar a partir das “necessidades dos grupos sociais que o elegem como significativos, capazes de transmitir

³⁸Discussão travada por Mircea Eliade no seu livro **Sagrado e Profano**. Ele considera que “toda festa religiosa, todo tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento que teve lugar num passado mítico, nos “primórdios”.

³⁹ KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Foi assim que me contaram: recriação dos sentidos sagrados e profanos do Congado na Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário (Catalão-GO-1940-2003)**. 2009, Tese de Doutorado, Unb. Universidade de Brasília-DF,.p.27.

não só uma relação com o sobrenatural, mas também com a herança cultural do grupo transmitida pelos seus antepassados⁴⁰”.

A Sacralidade nas homenagens a Sant’Ana possivelmente foi percebida de distintas maneiras pelos seus praticantes, sendo um referencial de vida que os ligavam ao plano sobrenatural com sua fé. Porém o uso desse sagrado poderia ter vários significados, levando também a movimento de aproximação e distanciamento deste, dependendo das etapas nos quais eram vivido e experimentado pelos consumidores e fabricantes do evento.

As celebrações eram múltiplas e nelas estavam contidos vários significados e símbolos estendidos, além das fronteiras das práticas litúrgicas e religiosas. Apesar das homenagens a Sant’Ana ter um caráter religioso e suas práticas sagradas acontecerem seguidamente, este evento não era apenas um folguedo de cunho sagrado, uma vez que ela trazia consigo elementos que garantiam a muitos partícipes percebê-la também como um evento festivo, camuflando dela o seu caráter devocional para apenas viver e experimentar sua expressão comemorativa ou contemplativa.

De acordo com Certeau nesse entrelaçamento de crenças se tem como resultado uma bricolagem⁴¹ produzida na tessitura entre o sagrado e o profano que podem ser absolvidas de diferentes formas pelo crente e o não crente. Assim, “os que crêem e acreditam elegem a festa como um momento significativo de efusão do sagrado, os outros absorvem a festa como espaço festivo, fazendo uso do não sagrado, como também podem se integrar ao universo sagrado, recebendo desse contato mensagens e ações diferentes⁴²”.

Podemos perceber no movimento de fabricação das homenagens que o motivo gerador a levar alguns dos organizadores sustentarem mesmo diante de dificuldades financeiras o evento como o Bando anunciador e a própria lavagem estava diretamente ligado a sua conexão com um sagrado místico de contato sobrenatural.

Mesmo sendo um espaço mais próximo do festivo que do religioso as etapas ditas “profanas” expressavam na sua coletividade um tempo do permitido, esse tempo do possível inseria estas comemorações nas dimensões do sagrado, pois as celebrações, em sua maioria, são carregadas de rituais que envolvem o sagrado e o não sagrado, o desejo de todos os elaboradores destas festas era demonstrar sua dedicação e seu fervor a padroeira e de alguma forma desejavam o reconhecimento ao organizar o préstito.

⁴⁰Ibidem. p.28.

⁴¹ Discussão feita por Michel de Certeau no livro **Invenção do Cotidiano**.

⁴²Ibidemp. 29.

As Festas em homenagem a Padroeira poderia ser e era apropriada pela comunidade de múltiplas maneiras, sejam apenas para festejar, sejam para demonstrar seus laços de fé e até mesmo em benefício próprio, como um lugar de promoção e garantidor de acesso a redes de relações sociais e políticas, pois as homenagens eram um leque aberto a todos esses usos.

Os usos das festas teria um caráter de comemorações e também representou grandes sentidos para quem delas participavam como organizador ou até mesmo como participante. Fazer a festa do Bando acontecer e ir às ruas no domingo que precedia o início das homenagens a Sant' Ana para muitos teria um sentido apenas festivo, mas para Zezito Belmonte, nos anos setenta e oitenta, tinha outros significados e sentidos, pois o permitia, neste tempos, manter uma conexão sobrenatural com a grande protetora da cidade.

Figura 4: Foto de José Belmonte organizador do Bando Anunciador.



Fonte: FEIRA HOJE, Feira de Santana, 13 de janeiro de 1981, Ano XI, n.1989. p.04.

A ligação de José Belmonte com o folguedo se imbrica com a própria construção das celebrações a Orago no século XX. Vindo de Ilhéus, ele chegou à cidade de Feira de Santana nos anos de 1937. E logo se identificou com os festejos a Magna Padroeira, anos depois por volta da década de cinquenta começou a organizar seu primeiro Bando que saiu do Tanque da Nação, ele parecia se identificar muito com que fazia⁴³.

⁴³Feira Hoje, Feira de Santana, 13 de janeiro de 1981, Ano XI, n°1989.p.04.

Organizador de eventos, gostava de levar alegria a sua comunidade, nos anos cinquenta organizou em sua comunidade pelo menos três festas da primavera, além de preparar a festa de Judas no bairro Olhos D'Água. Por onde Zezito Belmonte passava deixava sua marca. Também foi responsável por organizar os Bandos do Pilão (Rua Cristóvão Barreto), Tanque da Nação e Olhos D'Água, durante sua morada nesses Bairros⁴⁴.

Sua ausência na cidade durante onze anos quando morou em São Paulo entre os anos de 1967 a 1978 parece ter influenciado a ausência do Bando nas homenagens a Sant'Ana pelo menos nos anos de 1974, 75, 76 e 77. No ano de 1978 ele retorna ao comando do Bando dos Olhos D'Água que alcançou, como já dito, grande sucesso no ano de 1981.

Ele considerou a festa do Bando daquele ano a mais espetacular de todos já feita por ele, em especial pelo envolvimento das pessoas da comunidade para organizar a sua saída nas ruas, sendo banhado por uma grande irreverência e também pela benção de Sant'Ana. "Sua fé em Nossa Senhora Sant'Ana é tanta que Belmonte imaginava que conversava com a santa⁴⁵", além de fazer sempre reverência a mesma para que toda organização e fabricação do Bando desce certo no dia de sua ida as ruas.

As homenagens e o Bando Anunciador para Belmonte tinham razões mais profundas que apenas festiva. Para ele significava uma conexão com o sagrado, pois segundo o mesmo foi a partir das forças trazida pela sua a fé a Sant'Ana que o permitiu sustentar e elaborar a festa do Bando por tantos anos, mesmo quando não teve apoio financeiro de órgãos públicos ou da própria comissão como declarou na Revista Panorama da Bahia em 1984. Porém sua obstinação acaba quando o poder público como também os organizadores da celebração não tinham mais interesse em continuar fazendo o Bando Anunciador. Tal posicionamento o desgastou a ponto de se afastar da frente da organização do Bando.

Belmonte era um homem religioso. E além de organizar o Bando ele também ornamentava alguns andores para procissão no último dia das comemorações. Apesar de sua fé, ele parece ter esgarçado suas forças nos jogos trazidos pelas festas, suas táticas para subverter as estratégias de controle do poder público, assim como da igreja também parecem não ter lhe dado fôlego suficiente para sustentar por mais tempos a organização da festa do Bando que parecia se fragmentar e perder espaços na sociedade feirense.

⁴⁴Revista Panorama da Bahia: 15 de janeiro de 1984, Ano 1, nº09.

⁴⁵Ibidem.

Os imbricamentos entre as estratégias e táticas geravam transformações no espaço das festas criando uma dinamicidade de relações a se desdobrarem em diversos arrolamentos, presentificados em acontecimentos durante a produção e realização dos festejos. Um exemplo disso foi o conflito travado na década de setenta entre os grupos de Baianas liderado por Mãe Socorro e o presidente da comissão que solicitava que elas não saíssem vestidas com roupas de baianas durante a Procissão, todo esse debate gerou uma série de decorrências⁴⁶.

Resignada a não ceder às decisões da comissão a Ialorixa, Mãe Socorro, sustentava naquele ano a tese que sua saída na procissão significava um compromisso travado com Sant'Ana (ela tinha feito uma promessa a Santa). Sua entrada no festejo surge de um movimento epifânico de caráter sobrenatural: após um sonho no dia de seu aniversário, ela contava, estava “sentada numa cadeira de rodas, [quando sonhou] que só ficaria boa se saísse na lavagem. Então fez uma promessa a Senhora Sant'Ana de todo ano, até quando tivesse forças, sair na sua festa⁴⁷”.

Figura 5: Mãe Socorro e suas baianas na Levagem da lenha.



Fonte: PANORAMA DA BAHIA, Salvador-BA , 30 de janeiro de 1988, ano 5, nº95, p.10.

Vinda ainda criança de Serra Talhada, estado de Pernambuco, para tratamento de uma paralisia ela se instalou na cidade, após sua cura ter sido realizada por Sant'Ana. Anos depois Ela fez santo com João Guerreiro. Ele esteve à frente antes de ser substituído por ela na Lavagem e na Levagem. Seu laço com as festas se fazia tanto pelo caminho católico ao ser

⁴⁶ O detalhamento e o resultado de todo este debate será discutido com mais profundidade no segundo capítulo da dissertação.

⁴⁷ Revista Panorama da Bahia, Salvador-Ba, 15 de janeiro de 1984, Ano 1, nº09.p.14

devota de Sant'Ana como também pelo caminho do candomblé ao devotar Nanã a quem ela prestava reverência e benção no dia da Lavagem e da Levagem, sempre concluída com vários rituais.

Nos dois eventos, após uma caminhada pelas ruas da cidade, Mãe Socorro reúne suas filhas-de-santo em frente à Matriz e fazem suas preces aos orixás. Rezam **igorici** (considerado tipo a oração católica “Salve Rainha”) e o **muxucá** (o “ Pai Nosso”). Em ritmo de samba de roda, as baianas cantam o **indorossam** para todos os orixás, iniciando com Ogum (Santo Antônio) e por fim rende homenagem a Nanã (Santana). No total, são vinte e um cânticos. Ao final das homenagens, as filhas-de-santo pedem a benção a sua mãe-de-santo, enquanto esta faz seu pedido a Santana, numa mistura de culto africano e as raízes religiosas⁴⁸. (Grifo do autor).

Fazer parte da Lavagem e da Levagem parecia significar para a Mãe-de-santo e seu grupo de baianas um processo de reatualização de suas promessas feita a Orago da cidade, sendo também a renovação de seu milagre. O evento de homenagem a Sant'Ana/Nanã podia ter o sentido místico e ritualístico de reforçar seu vínculo com as representantes da divindade nas terras feirense.

Estas etapas, ligadas ao evento em geral eram compostas por rituais, jogos, e performances fabricados num cotidiano comemorativo por “anônimos” coletivos, podendo se auto reproduzir num movimento de reelaboração ou de continuidade, sustentado uma “Tradição”. “Os indivíduos que receberam os créditos por inventar os rituais ou os jogos normalmente acabam sendo os sintetizadores, os recombinaidores, os compiladores ou os editores de ações que já foram praticadas⁴⁹”.

Os comportamentos restaurados nas celebrações pelas suas práticas culturais de caráter sagrado e místico são simbólicos e reflexivos. Suas significações pareciam ser decodificadas por quem delas participavam, permitindo um contínuo ciclo de reelaborações, repetições e invenções na forma de exaltar, passando ser esta a forma de se organizar e se reproduzir nas festas de geração em geração. O movimento de repetição e reelaboração das folias em homenagem a Sant'Ana mantinha em certa medida os lugares e símbolos produzidos por ela ao longo de sua formação e estabelecimento de elemento festivo e de fé.

⁴⁸ Revista Panorama da Bahia, Salvador-BA, 15 de janeiro de 1984, Ano 1. nº09. p.14.

⁴⁹ SCHECHNER, Richard. 2006. “O que é performance?”. In: **Performance studies**: na introduccion, second edition. New York & London: Routledge, p. 09.

1.4 O NAVEGAR DOS PARTICIPANTES NAS FESTAS EM HOMENAGEM A SANT'ANA.

O entrelaçamento de um conjunto de elementos como a Fé, a devoção e a diversão, condicionado a uma série de elementos compositores das festas que “vagueiam da esfera social, passando pela religiosa, política e se efetiva no contexto cultural⁵⁰” são permissores de imbricamentos culturais expressados por ações performáticas ligadas tanto a sentidos religiosos, mas também expressões de caráter carnavalescos vivido e experimentado por quem fazia parte do evento. O resultado de toda essa mistura se dava com o grande acontecimento anual da cidade de Feira de Santana, as homenagens a Padroeira.

As celebrações a Sant'Ana parecem apresentar sobreposições históricas em sua construção e elaboração enquanto evento festivo. As representações trazidas e vividas nas manifestações culturais evidenciam como era comum nestas manifestações do Bando Anunciador, da Lavagem e da Levagem da Lenha ser apresentado permanências/tradições e outras variantes num contínuo diálogo de reelaboração e continuação⁵¹.

Os estudos mais detalhados sobre as manifestações como o Bando Anunciador, a Lavagem e a Levagem nos permitem acessar os significados subjetivos e coletivos partilhados nestas manifestações e nos apresentam também as disputas que circulam em torno dessas manifestações no decorrer de sua realização durante o século XX, pois esse período foi marcado por grandes acontecimentos geradores de impactos e mudanças nessas manifestações.

Essas manifestações dentro das homenagens são possuidoras de características próprias e marcadas por singularidades. Entre estas manifestações pareciam existir fronteiras tênues para seus participantes que eram flutuantes nas várias etapas dos festejos, em especial por acontecerem em dias diferentes da semana. Consideramos todas estas manifestações integradas às homenagens a Advogada Celestial da Cidade como “Festas” e também uma prática cultural.

Sendo a *Festa* espaço de socializações, ela nos revela “um maravilhoso campo de observação, momento de verdade em que um grupo ou uma coletividade projeta simbolicamente suas representações de mundo, e até filtra metaforicamente todas as suas

⁵⁰KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Foi assim que me contaram: recriação dos sentidos sagrados e profanos do Congado na Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário**.p.24

⁵¹ A discussão sobre sobreposição histórica pode ser aprofunda no livro **Invenção do Cotidiano**.

tensões⁵²”, presentes nas práticas culturais desenvolvidas nas várias etapas dos festejo. A festa também é “um fenômeno culturalmente produzido a partir das relações mantidas pelos sujeitos com seus grupos sociais, ela é capaz de propiciar a troca de experiências entre indivíduos, reforçando vínculos de afetividade, religiosidade, pertencimento e comunicabilidade⁵³.”

Estas práticas culturais podiam ser elaboradas e desenvolvidas tanto no Bando Anunciador, na Lavagem da Igreja e também na Levagem da Lenha, por performances compostas de grandes irreverências e ludicidades, praticadas pelos seus frequentadores. Em seu processo de sociabilidades os eventos permitiam às pessoas se sentirem vinculados a um todo social podendo criar e recriar vínculos com essas comemorações, podendo de alguma forma não ter qualquer obrigação em dar, receber ou retribuir algo ou alguma coisa em troca dos possíveis encontros partilhados.

As performances dos indivíduos não estavam ligadas apenas a interesses particulares e sim ao desenvolvimento de uma prática coletiva com objetivos bem definidos. Cada manifestação cultural em homenagem a Sant’Ana podia estabelecer fronteiras tênues para seus participantes e suas performances que podiam se repetir, ou até mesmo ser reelaborada a cada etapa, mas ao certo é que cada uma das festas mesmo tendo similaridades tinha uma função diferenciada nas homenagens a Sant’ Ana, alguns elementos podiam se fazer presente em todas as parte do evento, mas o marcador da diferença estava no significado e no sentido que cada etapa carregava em si durante os festejos.

Estes espaços das festas permitiam também que seus participantes ou fabricantes, mesmo desenvolvendo movimentos coletivos no seu processo de performizações e encenações, fortalecessem suas identidades e pertencimentos, fazendo um movimento de reconhecimento de seus lugares nos festejos e nos espaços possíveis. Não seria comum encontrar uma ala de baianas vestida a caráter no Bando Anunciador, assim como também se teria um grande estranhamento de ver no desfile da lavagem da Igreja baianas carregando sob suas cabeças feixes de lenha, uma vez que está prática era da Levagem da Lenha.

Cada uma destas festas tinha suas características próprias de composição e performização durante suas apresentações pelas ruas da cidade. Na vida cotidiana, “realizar

⁵² VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. Tradução Maria Julia Cottuasser. 2ª Ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1991. p. 247.

⁵³ KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Foi assim que me contaram: recriação dos sentidos sagrados e profanos do Congado na Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário Catalão-GO (1940-2003)**. p.26.

performance” é exibir-se, chegar a extremos, traçar uma ação para aqueles que assistem, a performance se constitui enquanto uma relação de ações e interatividade entre os atores e o público que a assiste. O público destas etapas festivas era receptor, mas também eram agentes reelaboradores, pois a todo tempo recebiam e interagiam com as práticas da encenação performatizada pelos grupos e atores do evento⁵⁴.

As encenações apresentadas pelas outras etapas dos festejos e do Bando, já discutidos, sofreram variações ao longo do século XX, sabe-se ao certo que ela trazia para o palco público, as ruas da cidade, situações-argumentos, combates, ritos que eram inerentemente “dramáticos” porque os participantes não só faziam às coisas por si só, sem sentidos e significados durante suas performatizações, eles tentavam mostrar aos outros o que eles estavam fazendo, não deixavam de ser um ensino de comportamentos e atitudes que muitas vezes eram absolvida e apropriadas de diversas formas pelos expectadores, as suas ações assumiam um “realizado-para-um-público”⁵⁵.

O Bando Anunciador era formado por uma banda usando, principalmente, instrumentos musicais de sopro, se organizava a partir dos anos 60 em pequenos bandos dentro do próprio Bando Anunciador. Segundo Batista (1997), a partir desse período, o Bando anunciador sofre alterações de sentidos e objetivos que, inicialmente, eram de anunciar as homenagens a Padroeira e arrecadar dinheiro para a sua realização. A partir da década de 60, parece mudar seus sentidos e objetivos: agora anunciar as homenagens e satirizar situações ligadas ao cotidiano feirense.

Banhando a Igreja com novas águas, a Lavagem da Igreja marcava um segundo exemplo de prática profana existente nas celebrações da Padroeira da cidade de Feira de Santana. Ordenando-se a partir da década de setenta com o trio-elétrico, fantasias, brincadeiras e “transgressões”, a lavagem sofre alterações com a agregação desses novos elementos, sendo também palco de muitas disputas e demarcador de espaços. A lavagem era um lugar de participação de todos, inclusive dos mais abastados da cidade. Os filhos de empresários, médicos e outros que estudavam na capital vinham se divertir fantasiados para se entregarem à diversão e saírem pelas ruas.

⁵⁴Sobre a realização de performance ver SCHECHNER, Richard. 2006. “O que é performance?”, IN: Performance studies: na introduccion, second edition. New York & London: Routledge, p. 28-51.

⁵⁵Argumentação trazida por Victor Turner IN: TURNER, Victor (1987). “**The Anthropology of Performance**”, En Victor Turner (comp.), **The Anthropology of Performance**, PAJ Publications, New York.

Com tons de muita aproximação e similaridade da Lavagem da Igreja a Levagem da Lenha antecedia o último momento das homenagens a Excelsa Padroeira da Cidade, ela se caracteriza em especial pelos feixes de madeiras levados pelas baianas que dirigiam seu cortejo pelas ruas da cidade, tendo como ponto final de chegada a porta da Igreja Matriz onde eram depositados estes feixes de madeiras e era montada uma grande fogueira que era acesa no final da noite para aquecer o samba e também acender ainda mais a fé dos participantes a homenageada do dia.

Assim, como todas etapas das festas, a Levagem da Lenha também sofreu modificações e transformações de sentidos e significado por quem a praticava. No final do século a intenção da manifestação era levar a lenha para iluminar as ruas da cidade (pois Feira de Santana ainda não tinha luz elétrica) durante as homenagens a Santa Padroeira.

Outra suposição do uso das fogueiras e a trazida de feixes de lenhas para ser usada na feitura de fogueiras no palco do evento em homenagem a Magna Protetora da cidade e nas ruas próximas onde se concentrava as celebrações do festejo poderia ser explicada pelo período inicial que as festas eram realizadas. Sua realização originalmente sendo no mês julho, as comemorações eram marcadas por uma estação de inverno e de muito frio, naquele período uma das soluções para enfrentar o frio nas ruas da cidade era o uso da fogueira com duas funções: a de iluminar o evento e também de aquecer os muitosromeiros e visitante que vinham a cidade⁵⁶.

O uso da fogueira neste período poderia ter contidos estes dois sentidos, mas se sabe que ela não foi uma prática comum apenas na cidade de Feira de Santana, ela fez parte de algumas festas noturnas em cidades que a luz elétrica não existia, na própria capital do estado ela esteve presente no adro do Bomfim. Mesmo em Feira de Santana com a “lei provincial nº1833 de 26 de agosto de 1878”, autorizando a contratação de serviço de iluminação das ruas da cidade com 120 lampiões, não motivou a comunidade abrir mão desta prática que se fortaleceu no século XX, mesmo com a instalação de luz elétrica na cidade na década de vinte⁵⁷.

Porém ao longo das décadas do século XX, está ação foi ganhando outras acepções e a Levagem da lenha começou a ganhar outras conotações que a aproximava muito de

⁵⁶ Esta outra possibilidade do uso da fogueira é trazido por Monsenhor Renato Galvão no Jornal Feira Hoje, Feira de Santana, 27 de janeiro de 1987, Ano XVII, nº 3965 e Alpinio Reis Oliveira Filho no livro de memórias sobre a vida de seu pai. **Tuta Reis: meu pai, meu ídolo**. Feira de Santana, Fundação Senhor dos Passos, 2008.

⁵⁷ Feira Hoje, Feira de Santana, Caderno de Domingo, 30 de janeiro de 1977, Ano VII, nº829.

características carnavalescas. Ela parecia trazer na sua composição muitos dos elementos presentes na Lavagem da Igreja desde as alas de baianas, aos mascarados, os travestidos, a Tribuna popular, os cavaleiros e as enfeitadas carroças sempre a promover guerra de Talco, além de outros elementos⁵⁸.

As mudanças ocorridas na Levagem da Lenha parecem ter alcançado aspectos diversos seja no processo de alteração de seu nome ou até mesmo na forma de ser e acontecer, assim como esta manifestação e outras etapas em homenagens a Orago da cidade, parecem ter se sustentado e se auto reestruturada ao longo dos anos, a partir de práticas culturais que eram criadas e recriadas através de mecanismos que a cada ano era reatualizado em meio às relações de sociabilidades travadas durante o evento.

As festas faziam os participantes, se envolverem num mesmo jogo dela, sendo responsáveis também por reinventá-la, e dela se apropriar de diversas formas num contínuo diálogo no qual os sujeitos podiam ter noção do que estavam fazendo ou até mesmo pelo impulso, podiam se perder nas noções de festejar, do viver e do sentir-se protagonista das celebrações.

Isto parece acontecer também com o nome da Levagem, que inicialmente era conhecida como *Levada da Lenha* e foi sendo alterada pelo uso de uma mistura de Lavagem e Levada que resultou no uso comum do termo Levagem. Esse termo parece ter sido apropriado e usado correntemente ao longo do século XX.

A narrativa da Senhora Ernestina Ferreira Santos (participante da Levagem desde da década vinte) ao descrever que Levagem “havia um ritual mais religioso que profano, não existia muitos foliões no meio⁵⁹”, nos revelar o processo de ressignificações e alterações de sentidos deste festejo. Era muito paradoxal para ela entender as mudanças da Levagem no tempo de sua juventude para o tempo de sua maturidade.

Parecia haver dois movimentos muito presentes nos festejos, um de restauração de longa duração das performances rituais como as práticas das baianas saírem com feixe de lenha nas cabeças e das mesmas fazerem sempre um ritual na frente da Igreja no final do cortejo. E o segundo seria as reinvenções de comportamentos agregados a Levagem com um caráter mais burlesco.

⁵⁸Helder Alencar discutiu este aspecto no Jornal Feira hoje, Feira de Santana, 09 de janeiro de 1971, Ano I, nº19. p.05.

⁵⁹ Feira Hoje, Feira de Santana, 28 de janeiro de 1981, Ano XI, nº2002. p.05.

Num tom de irreverência e de ironia compunha a Levagem também nos anos setenta e oitenta o Movimento da Tribuna Popular, a apresentar nas ruas da cidade suas performances expressada num grande movimento quase teatral de encenações de crítica de finas estampas. Ao mesmo tempo o Movimento entretia o público construindo uma apresentação de caráter de muita espontaneidade.⁶⁰

O movimento trazia também um fortalecimento de identidade do grupo, além de permitir que eles pudessem defender seus pontos de vista em público, os Tribunos podiam de alguma forma oferecer a comunidade uma visão crítica da realidade, permitindo-a reelaborar seus olhares sobre a sociedade num jogo de ensinamento, persuasão e convencimento, num espaço considerado ao mesmo tempo profano e sagrado.

Os Tribunos pareciam se adaptar à realidade a qual estava inserido, isto de alguma forma permitia a fluidez de sua criatividade ao produzir seus cartazes e suas encenações a serem apresentadas na Levagem, eles a todo o momento interagiam com o evento, mas também com o público que viam sua passagem no cortejo.

Para as ruas os Tribunos levaram no ano de 1981 as mensagens “Quem leva a vida na mordomia não leva lenha no dia a dia⁶¹”, fazendo referência aos políticos ao ganharem dinheiro sem muitos esforços e também entre tantas outras mensagens com temas diversos “O grileiro protegido leva terra, o posseiro agredido leva lenha⁶²”, aqui eles denunciavam o apropriação indevido de terras por grileiros e também a falta de políticas públicas para os posseiros que tinham direitos bem restritos.

A festa da Levagem era cenário de muitas performances, assim como também a Lavagem. Nestes festejos eram permitidos muitas expressões desde os travestidos (vestidos de baianas) simulando a levada da lenha para fogueira, os cavaleiros a gerar desconforto e risco de pisoteamento dos participantes, o espaço estava aberto também as expressões folclóricas da cidade como bumba-meu-boi, o jaguar e a burrinha com sua presença marcante, além do “preiboy”, todos estes ícones construídos e apresentado por mestre Muritiba.

As figuras folclóricas sempre fechavam a Levagem com suas apresentações em praça pública, servindo também em 1977 como palco de posse do Prefeito Colbert Martins que

⁶⁰SCHECHNER, Richard. Considera que para haver uma performance deve estar presente no seu desenvolvimento pelo menos um destes setes pontos elencados. 1. Entretêr 2. Construir algo belo 3. Formar ou modificar uma identidade 4. Construir ou educar uma comunidade 5. Curar 6. Ensinar, persuadir e/ou convencer 7. Lidar com o sagrado e/ou profano.p.20. IN: “O que é performance?”, em Performance studies: na introducción, second edition. New York & London: Routledge. 2006.

⁶¹ Jornal Feira Hoje, Feira de Santana, 28 de janeiro de 1981, Ano XI, nº2002. p.05.

⁶² Ibidem.

comemorou sua chegada ao governo na Levagem⁶³. Nela muito era permitido, sejam canções de sucesso tocadas nos rádios como a regravação por Gal Costa do Balancê (antiga machinha cantada por Carmen Miranda), a músicas com tons mais ousados e cantadas em coro que sofriam variações, dependendo do lugar em que eram cantadas, como a canção “A Levagem vem de lá da rua nova, com um monte de nigrinha sem calçola”,⁶⁴.

Um grande cortejo percorria as ruas das cidades atrás da Levagem as carroças ornamentadas por folhagem ou outros elementos numa similaridade a da Lavagem, elas promoviam nos dois festejos guerra de talco, além de transportar figuras pitorescas. As disputas pareciam também ultrapassar os campos do burlesco e entravam no campo político marcando, no ano de 1978 uma grande represália por parte da prefeitura, a uma suposta possibilidade de inserir novamente o trio- elétrico para fazer junto a Lavagem o percurso⁶⁵.

Naquele ano o trio-elétrico ficou fixo na praça da Matriz, mas não teve um público tão grande para continuar comemorando após o fim do cortejo da Levagem. A praça ficou vazia, parecia de alguma forma uma reação da população a insistência do governo manter fora da Levagem o Trio, mas isso parece não ter sido um grande problema que durasse muito, pois anos depois num processo de subversão a ordem instituída “a rua pegou fogo de alegria” com a inclusão de uma “carroça elétrica” formada por integrantes do trio-elétrico do Bloco dos Nacionais que deu a Levagem uma grande dosagem de carnavalesco⁶⁶.

A Levagem parecia ser realmente uma extensão da Lavagem, porém esta tinha características e vivências próprias. Ela representava uma grande manifestação cultural presente nas celebrações em homenagem a Sant’Ana e nela ocorreram muitas disputas envolvendo o campo religioso feirense, como também disputas de espaços e prestígios como poderemos ver no capítulo seguinte.

⁶³Jornal Feira Hoje, Feira de Santana, 25 de janeiro de 1977, Ano V, nº824. p.03.

⁶⁴Jornal Feira hoje, Feira de Santana, 29 de janeiro de 1985, Ano XV, nº3272. p.05, o jornal não traz a canção completa como de fato era cantada.

⁶⁵Jornal Feira Hoje, Feira de Santana, 24 de janeiro de 1978, Ano VIII, nº1115. p.03.

⁶⁶Jornal Feira, Feira de Santana, 29 de janeiro de 1980, Ano X, nº1703. p.03.

2 FÉ, CARNAVAL E ALEGRIA PARA LAVAR A ALMA

Nesse capítulo investigam-se as diversas manifestações existentes dentro da Lavagem tais como os “travestidos”, os “mascarados” e a “Tribuna Popular”, na tentativa de entender como suas expressões de irreverência levantavam incômodos à comunidade feirense, e compreender os enfrentamentos dessas manifestações com outros setores sociais. Objetiva-se também apreender as discussões entre tornar a Festa da Lavagem um grande espetáculo, que foi de encontro a alguns setores que desejavam a manutenção e o fortalecimento de práticas antigas, as quais foram apropriadas com sentidos e significados diferentes. Busca-se também compreender quem eram os vários sujeitos que compunham a Lavagem de Santana e as relações de disputas internas por prestígio e espaço dentro da Festa, a exemplo dos candomblecistas Mãe Socorro e Zeca de Iemanjá, além de tentar entender o trânsito desses sujeitos em outros espaços da Festa.

2.1 MÁSCARAS, FANTASIAS E TRAVESTIDOS: QUEM VAI SAIR NA LAVAGEM?

Nas primeiras décadas do século XX, segundo o memorialista Boaventura (2006) “obra das dez horas, a manhã se estremecia e com ela [a Lavagem⁶⁷] toda a cidade com a lírica e surupemba música do terno desengonçado dos Zabumbas.” Antes dos toques da Zabumbas, bem cedo, homens e mulheres iam buscar água e suas vassouras para lavar o templo. Dando suporte estavam os burricos, todos enfeitados com laçarotes e ornamentados a caráter para o dia tão especial, auxiliando o transporte das águas carregavam esse elemento simbolicamente purificador em suas cangaias. As águas eram trazidas das fontes dos Olhos D’Água, nome revelador da região em que brotavam olhos de água do minadouro que abastecia parte da comunidade feirense.

No cotidiano da urbe os animais eram guiados pelos homens conhecidos como carregadores. No dia da Lavagem eles quebravam parte de sua lógica cotidiana, se permitindo viver uma experiência diferenciada da sua rotina anual. Essa efeméride se apresentava como ritual composto de vários símbolos: em ritual de renovação e reafirmação dos laços dos crentes com sua fé, na esperança de novas conquistas.

O ritual era encenado de forma cadenciada, através das várias performances dos sujeitos integrantes dessa etapa da Festa, dividida em dois momentos, supostamente distintos,

⁶⁷ Minha anotação.

porém, complementares: um mais contrito, com a entrada de pessoas no templo, outro que pode ser considerado uma grande festa momesca devido a sua organização de ritual-cortejo.

Tendo o ritual marcadores invariantes nos quais geram permanência na forma de ser e de existir podemos concluir que sua expressão e perfromização perdurem por longos anos. Um exemplo a ser considerado é a Festa da Padroeira em meios as suas manifestações culturais como a Lavagem e até mesmo a procissão. Porém os elementos invariantes do ritual podem sofrer transformações e variações de acordo com as apropriações e práticas realizadas pelos viventes dos ritos, como demarca Gluckman (1987).

O Rito também expressa uma “forma de ação humana, que alimenta a fantasia e corporifica-a na sociedade e na história” (COX, 1974, p.75). A Lavagem de Sant’Ana, enquanto manifestação popular de caráter historicamente construído, apresenta elementos ritualísticos. Pois os seus partícipes parecia ano a ano repetir, em suas ações e expressões, a liberação de restrições morais e sociais durante o evento, uma vez que este abria espaço para este tipo de acontecimento.

Os participantes expressavam corporalmente seus desejos e fantasias através dos gestos, movimentos e dança embalada pelos sons das zabumbas e bandinhas. Nesse dia muito se era permitido: homem se vestir de mulher, mulher se vestir de homem, se mascarar, se vestir de baiana, sendo a criatividade o grande marcador da originalidade das fantasias materializadas para serem usadas na Festa da Lavagem.

Esse dia pode ser comparado a uma grande manifestação carnavalesca, não contendo um caráter de inversão, como aponta Da Matta (1986) em seus estudos sobre Carnaval. Nem tampouco como um rito de reforço como discute o mesmo. A Lavagem de Santana era composta por manifestações de caráter polissêmico apresentado pelas suas multivivências, produtoras de significados para seus partícipes⁶⁸.

Eles se apropriavam da Festa para revelar seus sentimentos e representar, mesmo por um curto tempo, a sua fé na padroeira da cidade. Participar da Festa podia ter um sentido muito mais amplo de compartilhamento, cumplicidade, de homenagem, sendo possível também unir todos esses sentidos.

⁶⁸Essa análise do caráter polissêmico da Festa da Lavagem toma como base os estudos de ABREU, Marta em **O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900**; de CUNHA, Maria Clementina Pereira em **Carnavais e outras f(r)estas: ensaio de história social da cultural**; de Vovelle, Michel em **Ideologias e Mentalidades**, em seus estudos sobre religião popular; e COUTO, Edilece em **Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant’Ana em Salvador (1860-1940)**.

A Festa da Lavagem se dividia em dois momentos no dia de seu acontecimento: um pela manhã e outro pela tarde, acompanhado ora por bandinhas, ora por Trio elétrico que acontecia na Praça da Matriz. Esta festa, considerada profana pela Igreja, devia e acontecia fora dos muros do Templo Católico, que deveria ser resguardado da profanação. Nele só era possível apenas a Lavagem de seu chão e santuários no turno da manhã. A Lavagem de caráter “carnavalesco” que acontecia sempre à tarde normalmente depois das 16h, não deveria entrar no Templo.

A separação e divisão de espaços evidenciam as fronteiras desses dois universos - o sagrado e o profano - proibidos pela igreja Católica de se imiscuir. Porém o grande paradoxo é saber que a Lavagem também fazia parte da festa em homenagem a Santana e era indissociável dela. Essa separação não aconteceu apenas entre os anos 1960 e 1980. A Igreja Católica já assumia essa postura desde as primeiras décadas do século XX, quando proibiu os batuques e festança nos espaços considerados sagrados e no interior da Igreja Matriz.

Aquela proibição seguia o Concílio Plenário Brasileiro e as determinações de Pio X, na qual “proibi[a] as bandas de músicas tocar dentro das igrejas. Fora delas são permitidas nas procissões, contanto que os músicos se comportem com respeito e edificação cristã e se abstenham de executar composições profanas e ligeiras⁶⁹”. Esta postura da igreja Católica seguia a perspectiva de neocristandade, cujas bases se fundamentavam nos princípios do ultramontanismo, os quais desejavam o fortalecimento da doutrina e a criação de zonas para separar as expressões de religiosidade oficial da religiosidade popular considerada como práticas de profanação.

Segundo Costa e Silva (2009), essa romanização se iniciou um pouco antes no século XIX e seu objetivo era a criação de um clero ilustrado e probo, ligando-se diretamente à Santa Sé e afastando-se da órbita política e de subordinação do Império, com o intuito de influenciar a vida nacional, tendo como principal característica a “espiritualização” do clero, distanciando-o da realidade social e de seus problemas.

No início do século XX, há o desenvolvimento de uma nova linha doutrinária na Igreja Católica conhecida como neocristandade. Conforme Scott, as fronteiras cronológicas da Neocristandade podem ser fixadas entre os anos de 1916 e 1955, tendo seu apogeu durante o governo Vargas (1930- 1945), sendo seu percussor Dom Leme. Segundo AZZI

⁶⁹ 1997, Apud. BATISTA, Silvânia Maria. **Conflitos e Comunhão na Festa da Padroeira em Feira de Santana**.f.55. Livro Tombo I da Catedral de Santana, Feira de Santana(1930-1968) f.97.

(1994), nesse período, a igreja católica começou a dar mais atenção a seus problemas institucionais, relativos às suas fragilidades, deficiências nas práticas religiosas populares, falta de padres, precariedade da educação religiosa na sociedade brasileira, ausência de intelectuais católicos, limitada influência política da Igreja e frágil situação financeira.

As determinações de proibição Católica romanizada representavam também uma reformulação da sua estrutura que passava por uma crise, após a laicização do estado durante a proclamação da República. Como aponta Costa e Silva (2009), o rompimento entre o Estado e a igreja Católica provocara naquela antiquíssima instituição novas perspectivas e fórmulas de autogerenciamento e sobrevivência no Estado brasileiro republicano. E os primeiros anos do século XX ainda sentiam as reverberações das mudanças nas suas estruturas, ressoando também na Feira de Santana dos anos 1920 e 1930.

O desejo da igreja Católica por normatizar esse ritual segue praticamente todo o século XX, ganhando mais força nos finais dos anos oitenta. Este período é o demarcador do fim da festa considerada profana e realocação da festa apenas religiosa do mês de janeiro para o mês de julho, considerado pela Igreja Católica como o mês original de comemorações em homenagens a Senhora Santana. A Lavagem de Santana, assim como a Festa, sofreu profundos processos de remodelamento e organização, alterando, com isso, as relações produzidas para sua sustentação e reprodução até o final das décadas de 1980. No entanto, as mudanças mais marcantes e definidoras do seu ordenamento ocorreram entre os anos 1960 – 1987, período estudado nesta pesquisa.

A Lavagem de Santana parecia se organizar em seus diferentes momentos históricos de forma muito parecida, sofrendo algumas alterações ou inclusões de novos elementos folclóricos ao longo do século XX. Ela se organizava em um grande cortejo composto pelo que poderíamos chamar de alas ou grupos partícipes distribuídos nas ruas, os quais ocupavam as artérias do centro comercial para cumprir seu trajeto, em um espaço que em dias normais tinha outras funções. Este cortejo era possuidor de características próprias e se diferenciava da procissão religiosa realizada, pela Igreja Católica como última etapa das homenagens à Padroeira.

A Lavagem era um lugar de participação de todos, inclusive dos mais “abastados” da cidade. Os filhos de comerciantes, médicos, populares, homens, mulheres, crianças e jovens outros que estudavam na capital vinham se fantasiar para se entregar à diversão e saírem pelas ruas. O universo da Lavagem era composto por agentes fixos e outros flutuantes, misturados

em prol de um interesse comum: a diversão e a fé. Puxando a Lavagem, tradicionalmente, estavam os porta-bandeiras.

No começo, de manhã, corria o zabumba a recolher os porta-bandeiras. Apanhou Calu e lá se foi o grupo buscar Paciência. Eram velhas raparigas, agora de respeito, de idade provecta, que se apresentavam de saia bem rodada e bata aberta em rendas, como costumavam vestir-se. Apanhavam agora Feliciano Carneiro. (BOAVENTURA, 2006, p.22).

A narrativa do memorialista nos remete ao cenário das primeiras décadas do século XX, apesar de não citar. As características apresentadas nos levam a supor que parece ser às baianas a quem se refere. Nos anos 50 o grande destaque na comissão de frente da Lavagem é a baiana Dolores do acarajé⁷⁰, já entre os anos de 60 e 80, a Lavagem era pensada e levada pelos terreiros da Ialorixá⁷¹ Mãe Socorro e do Babalorixá Zeca de Iemanjá, figuras cativas e marcantes na Lavagem⁷². Na sequência, organizadas pelos barraqueiros, em sua maioria, vinham as carroças sempre enfeitadas e prontas para uma disputa da mais bela.

Durante o desfile era promovida a famosa guerra de talco entre os seus “passageiros”. Acompanhando as carroças estavam os cavaleiros montados, ignorando sempre as críticas feitas pelos jornais quanto a sua presença no evento, pois questionavam o risco de pisoteamento⁷³ dos acompanhantes do festejo.

Misturando-se aos partícipes da Lavagem estavam os mascarados e os fantasiados diluídos entre as pessoas. Valia de tudo, o mais importante era a criatividade e a capacidade de singularizar-se no meio de uma manifestação coletiva de tantos “atores”, criando e elaborando de forma hilária suas performances, apresentadas aos espectadores a partir dos diversos temas. Os mascarados parecem ter presença mais forte na primeira metade do século XX, segundo os depoimentos de seu Antônio Ramos, participante da Lavagem:

A.R - Os caretas que eram danados mudando de fala, mudando de voz com máscara, para a gente conhecer um mascarado era difícil.

R.O- E eles faziam o que durante a Lavagem?

A.R- Eles pediam beijo, davam beijos, diziam piadas, declaração de amor era uma brincadeira gostosa viu! A verdade é que era gostosa⁷⁴.

⁷⁰ Sua presença na Lavagem é narrada nas memórias de Lajedinho em seu livro de memórias: **A Feira na década de 30 (memórias)**; [s.n] Feira de Santana, 2004.

⁷¹ Ialorixá e Babalorixá são chefes de um terreiro de candomblé.

⁷² A presença dessas duas figuras é comentada nos jornais Feira Hoje e Folha do Norte durante anos de 1980 a 1987.

⁷³ Essas discussões sobre o risco de pisoteamento foram noticiadas no Feira Hoje entre os anos de 1960-1987.

⁷⁴ Entrevista concedida pelo Senhor Antônio Ramos a Rennan Pinto de Oliveira em 05 de janeiro de 2013. Ele também é conhecido por Antônio Feirense. Católico ativo participa de eventos da Igreja Católica se destacando, em especial por renunciar a presidência da Festa de Sant’Ana, em 1979.

No depoimento é perceptível o comportamento e práticas dos caretas durante a Lavagem, especialmente nas décadas de 1940 a 1970, período de participação mais ativa do Senhor Antônio Ramos na Lavagem, fosse fantasiado ou simplesmente como espectador. Porém, nas Lavagens da década de 1970, Magalhães (2009) relata em seu livro a quase ausência dos mascarados.

Figura 6: O grupo folclórico do Mestre Muritiba em uma apresentação de “Segura a véia”.



Foto C-10

Numa roda de tocadores, no sítio da Festa de Santana, a presença de um mascarado e sua 'véia' parceira de dança. Comuns em outros tempos, tais figuras mascaradas já eram uma raridade naquele momento. Década de 1970

Fonte: MAGALHÃES, Antônio Ferreira et al. História nas lentes: Feira de Santana pelo olhar do fotógrafo Antônio Magalhães- Feira de Santana: UEFS Editora, 2009. P.151

No rodapé desta foto, o autor revela as imagens já rarefeitas de mascarados na Lavagem. A foto se refere também ao grupo folclórico participante da Lavagem, o *Segura a véia*, organizado e apresentado pelo mestre Muritiba⁷⁵, homem que, durante os anos 1970 e 1980, lutou pela valorização das denominações folclóricas. Seu grupo era formado por um pequeno núcleo, do qual fazia parte sua esposa que, após a sua morte, liderou o grupo. Os palcos de suas encenações eram as ruas da cidade, mas seu palco principal era a Praça da

⁷⁵Mestre Muritiba esteve presente na Lavagem até o ano de 1986. Após seu falecimento sua esposa assumiu o grupo que desfilou no ano de 1986 e 1987, como assinala o jornal Feira Hoje, Feira de Santana, 24 de janeiro de 1986, Ano XIV, nº 2965.p.05.

Matriz, onde se apresentava para os espectadores presentes fazendo graça e interagindo com as crianças. Suas apresentações não se restringiam à Lavagem, também se apresentava nas cidades circunvizinhas. Parecia que o grupo usava essas performances e encenações como um meio de sustentação da família, porquanto também fosse uma expressão cultural resistente ao tempo e às mudanças de hábitos culturais presente no século XX.

A Lavagem pode ser lida como um texto, o qual se constrói numa linguagem com códigos próprios. Este texto trazido por ela pode ser passível de compreensão, assim como fizeram Darnton (1986), ao buscar interpretar as procissões que aconteceram em Montpellier no século XVIII e Ryan (2001), ao investigar sobre a Parada Norte-Americana. Ryan (2001, p.180) concorda com Darnton quando interpreta o seu objeto de pesquisa como “um texto especial, intrincadamente emaranhado em seu contexto histórico e social. Tendo múltiplos autores: os milhares de participantes que levaram, para uma cerimônia composta, dos símbolos que eles próprios escolheram”, sendo passíveis de leitura pelos historiadores.

Assim como a “Parada” estudada por Ryan (2001), considero a Lavagem de Santana uma espécie de *performance cultural*. Para Zumthor (2007), a performance está marcada por sua prática – manifestação cultural lúdica não importa de que ordem (conto, canção, rito, dança), na performance o corpo é veículo que da forma ao que se quer se comunicar, a performance envolve o uso da linguagem poética e que todo ato de performance é reflexivo, ou seja, cria uma experiência ao mesmo tempo em que reflete sobre ela. Esta, segundo Geertz (1989), é encenada publicamente também como rituais religiosos, sendo

[...] unidades de ação discrimináveis, caracterizadas por ocorrerem durante um determinado período de tempo; englobando ainda, um programa organizado de atividades, um conjunto de *performers*, uma audiência e um lugar ou ocasião para realizar a performance⁷⁶.

Santos (2006) com base em teóricos como Victor Turner e Geertz, conclui ser a *performance cultural* também composta da mídia cultural, referindo-se aos modos de comunicação que incluem igualmente a linguagem falada e os meios de comunicação não verbal, tais como a dança, a encenação, as artes plásticas e gráficas - que se combinam de várias maneiras para expressar e comunicar o conteúdo de uma determinada cultura.

⁷⁶ SANTOS, Eufrazia Cristina Menezes, com base nos estudos do antropólogo americano Milton Singer, criador do termo Performance cultural; e de Geertz. In: Performances culturais nas Festa de Largo da Bahia. Depois apresentada como paper no GT: Performance, Drama e Sociedade, durante o 30º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, out de 2006, com o título Performances culturais nas Festas de Largo da Bahia. Disponível em:< <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a40-esantos.pdf>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2012, às 21h.

Como uma performance cultural é texto passível de ser lido, a Lavagem de Santana se organizava a partir de uma linguagem com códigos compartilhados entre os sujeitos participantes envolvidos em um enredo desdobrado em multivivências. Sua composição heterogênea sugere que o cortejo seja visto não só em seu aspecto religioso. Contudo, como discute Santos (2006), a respeito da Lavagem do Bonfim, em Salvador, este tipo de festejo deve ser visto “como um instrumento vivo e abrangente de comunicação social utilizado pelos diferentes grupos que dela participavam para tornarem públicos os conteúdos, valores e símbolos⁷⁷”, e no transcorrer do cortejo era possível “impor um panorama móvel”, uma espécie de imagem pública, repleta de significados⁷⁸.

Assim como outras lavagens religiosas, a Lavagem de Santana também possuía seu panorama móvel marcado pelas práticas dos participantes em suas performances, constituído por uma forma de ser e acontecer singularizando-se diante das outras manifestações presentes nas homenagens a Santana. A conduta dos participantes os identifica a partir de suas práticas expressas através de seu jogo corporal e da dança, cadenciados pela energia rítmica e sonora do som das bandinhas e zabumbas. Neste movimento se exalava sensualidade e outras simbologias aceitas no universo da Lavagem, mas totalmente rejeitadas em outro universo social/moral.

Esta expressão corporal simbolizante da Festa era uma marca de representatividade transmitida e reproduzida pelos participantes nos seus ciclos de mudanças e transformações da Festa que tinha práticas e formas verticalizantes ao longo de sua existência tais como a presença das baianas, das músicas com tom de ambiguidade e ironia, das brincadeiras e irreverências.

Muitas práticas vivenciadas e vistas no festejo não deixaram de serem representações⁷⁹ apropriadas e reproduzidas pela comunidade feirense, ao longo dos anos, na Festa. Essas práticas eram transmitidas e reinventadas de geração em geração. Em alguns momentos acreditamos que a forma da Lavagem estava posta, quem mudava eram seus personagens e à medida que aconteciam as mudanças, muitas práticas⁸⁰ eram redefinidas e ressignificadas, fossem pelos seus participantes, fossem até mesmo pelos seus espectadores.

⁷⁷ Ibidem p.12.

⁷⁸ Ibidem p.12.

⁷⁹ O conceito de representação e apropriação se refere às discussões de Roger Chartier.

⁸⁰ As noções complementares de “práticas e representações” são bastante úteis, porque através delas podemos examinar tanto os objetos culturais produzidos, os sujeitos produtores e receptores de cultura, os processos que envolvem a produção e difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos e, por fim, as

Havia uma fusão e interação muito forte entre ambos, pois, ir à Festa da Lavagem mesmo que apenas para olhar, não podia deixar de ser, em certa medida, aprovação a esse tipo de manifestação cultural. As performances apresentadas não se ligavam somente ao corpo, mas, por meio dele, ao espaço não delimitado - apenas pelas ruas e a Praça da Matriz – no qual os ecos da festa pareciam se arrastar e fixarem-se nas memórias tanto dos participantes quanto dos espectadores, que, possivelmente, levavam para suas casas lembranças marcadas no corpo e na memória, comportamentos e práticas vistas e vivenciadas durante a Festa e que, em certa medida, eram reproduzidos em outros espaços⁸¹. Um sinal disso é a fala do senhor Antônio Ramos.

R.O- Gostaria de saber em que momento a Lavagem e o bando ficaram pornográficos. Por que o Senhor disse que naquele tempo eles já cantavam coisas pornográficas? Nas décadas de 40 e 50 eles já cantavam coisas pornográficas? O Bando e Lavagem cantavam coisas pornográficas?

A.R - O Bando não tanto, o Bando podia acontecer de vez em quando, mas esse *pau dentro pau fora* era uma cantiga quase que popular o *pau dentro pau fora quem tiver pau pequeno vá embora* sempre se cantava isso, e aquela *quando eu vim da Bahia*, e eu não notava nada, cantava abria a boca e um dia papai reclamou, porque você está cantando isso, mas ela não definia a palavra buceta. *Quando Eu vim da Bahia eta! Encontrei Seu Tim vuceTA*, esse negócio ela não dizia, mas aí foi percebendo, a gente vai esquecendo essas coisas da rua. Aí se deixou de cantar e nunca mais se cantou em casa, mas se cantava na rua e nessas lavagens e levagens⁸².

É difícil avaliar, mas também não é possível deixar de acreditar que esses sujeitos ouvintes ou partícipes não levassem para casa um pouco da Lavagem dentro de si. A narrativa do senhor Antônio Ramos sobre a repreensão de seu pai ao reproduzir em casa uma música que deveria ser restrita às ruas e à Lavagem, negava a prática de cantar músicas ambíguas e de duplo sentido fora de espaços definidos. A sua fala nos permite fazer essa dedução e reflexão do quanto aquela manifestação se desdobrava e ecoava em outros espaços.

Podemos considerar que esses tipos de músicas em sua dimensão material, foram elaborados, transmitidos e apropriados pelos indivíduos mediante os processos de produção, circulação e recepção. Pois elas se propagaram e se reproduziram durante longos anos na Festa, sendo ouvidas e repetidas em muitas Lavagens, em diferentes épocas.

normas a que se conformam as sociedades quando produzem cultura, inclusive através da consolidação de seus costumes. Discussão levantada por Roger Chartier.

⁸¹ Podemos aprofundar estas questões na obra de Roberto da Matta: **A Casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.

⁸² Entrevista concedida pelo senhor Antônio Ramos a Rennan Pinto de Oliveira em 05 de janeiro de 2013.

Levados pelas músicas de duplo sentido logo atrás das baianas, das carroças, das bandinhas e zabumbas vinham os travestidos, transitando entre sua ala e as das baianas, pois muitas vezes eles se fantasiavam de baianas, mas eram facilmente reconhecidos por destoarem delas pelos tons de cores extravagantes estampados nas suas roupas e enfeites⁸³.

Figura 7, 8 e 9: Travestidos na Lavagem de Sant'Ana.



Fonte: FEIRA HOJE, Feira de Santana, 26 de janeiro de 1982 Ano XII, nº2305, p.05

A Festa da Lavagem para eles parecia ser um avesso⁸⁴ ou travessura, rompiam, em certa medida, com a ordem estabelecida, mas não faziam dela uma inversão total como acontecia nos carnavais medievais apontados por Burke (2010), nos quais ficavam em suspensão por um tempo a ordem estabelecida e tudo era permitido desde a mudança de hierarquia à liberação total do prazer corporal. Como no carnaval europeu ou no próprio carnaval brasileiro. A Lavagem dentre suas manifestações apresentava encenações e performances próprias, nas quais eram representados temas e mensagens diversos, falando de sexo, formas de fé, religião, maternidade e política.

⁸³ O jornal os coloca como travestis, porém tenta fazer a diferença entre os travestis que ganham a vida usando roupas de mulher e os Travestis de carnaval, aqueles que saíam, exclusivamente, na Lavagem. Discussão travada no jornal Feira Hoje, Feira de Santana, 26 de janeiro de 1982, Ano XII, n.2305. p.8-9.

⁸⁴ Tomo emprestado o conceito explicitado por Pinheiro (1995) em seu estudo sobre o carnaval -“em termos sócio-culturais, a noção de avesso se prende a toda e qualquer linguagem, principalmente a comportamental, que contradiga as “boas normas” da moral vigente”. p.21. Avesso é toda e qualquer linguagem que, de forma inusitada, de súbito, perverte o hábito de estar e de ser, instaurando uma nova interrogação, captação pura, ao textualizar ou ler um nascedouro nuança do mundo. p. 21.

Participavam do grupo dos travestidos, tanto homens populares, quanto filhos de comerciantes, empresários, industriários, homens solteiros, casados e outros que não podiam se expressar no cotidiano, pelos tabus e preconceitos existentes. De forma lúdico-festiva, eles tinham seus corpos modelados por roupas femininas e maquiagem para, de forma irreverente, fazer suas performances para o público. No ano de 1982 o jornal *Feira Hoje* os descreviam da seguinte forma:

Grandes bustos postiços, saias de cores variadas, tipos carnavalescos vestindo “maxi-saias”, “mulheres”, maternalmente embalando “bebês” de trapos, fantasias de “velhas”, quase 400 travestis continuaram a velha tradição da Lavagem, com seus trajes pitorescos, destacando-se da multidão em ritmo de samba e arrancando aplausos pela ousadia de muitas de suas criações.

O predomínio foi das “mães” e dos travestis caricatos. Eles espalharam-se atrás da procissão de carroças. Estavam animados, sorridentes, posavam para fotografia e nada traziam que o escondesse o rosto⁸⁵.

No momento do desfile homens comuns vestidos de mulher, quebravam sua rotina - como apresentado nas figuras 7, 8 e 9, se entregando ao divertimento, à irreverência, e de forma ousada rompiam os limites das regras sociais, se deixando fotografar sem nenhum temor. Eles brincavam, a exemplo de “‘Um casal’, ‘ele’ de uns 30 anos, ela de uns 45 anos, perguntavam aos espectadores se queriam ver ‘um beijo’, mas logo depois explicavam: é um beijo de mentirinha⁸⁶”. Os travestidos se entregavam ao som esfuziante das bandinhas.

Basta à bandinha soltar o primeiro acorde que não sobra nada para ninguém. Cada um se segura, pois daí em diante só se vê muita animação, e é justamente nessa hora que aparecem os travestis, alguns assumidos, enquanto outros aproveitam para atravessar as tensões dos dias de trabalho.

Loucas, desvairadas, soltando piadinhas e paquerando todo mundo que passa. As “bonecas” não deixam escapar nada, atraindo todas as atenções para si, o que lhes transformam numa das principais atrações da Lavagem⁸⁷.

Eles eram sempre estavam presente na Lavagem aumentando o volume do cortejo com suas centenas de participantes distribuídos nas ruas e eram admirados por seus observadores das calçadas, pela ousadia. Apesar de, muitas vezes, serem criticados, eles já faziam parte da identidade da Lavagem, como descreve o jornal *Feira Hoje*, no ano de 1987: “os personagens que, nos últimos anos, tanta polêmica vem despertando na comunidade feirense, ora

⁸⁵ Feira Hoje, feira de Santana, 20 de janeiro de 1985, Ano XV, nº3213, p.05.

⁸⁶ Ibidem.

⁸⁷ Feira Hoje, Feira de Santana, 25 de janeiro de 1985, Ano XV, nº3218, p.05.

estimulando elogios, ora conduzindo as críticas ferrenhas - no sentido de estarem desvirtuando a intenção sacro-folclórica da Lavagem de Santana⁸⁸”.

Dando continuidade ao cortejo, estava o grupo folclórico do Mestre Muritiba, o *Segura a véia* e tantos outros que se misturavam ao desfile, com samba-de-roda e encenações do bumba-meu-boi, maculelê, roda de capoeira e grupos pastoris. O mestre Muritiba solicitava dos órgãos públicos uma maior valorização das manifestações folclóricas na Festa e a conservação da tradição.

Figura 10: Grupo de Roda de Samba em apresentação na Lavagem.



Fonte: MAGALHÃES, Antônio Ferreira et al. História nas lentes: Feira de Santana pelo olhar do fotógrafo Antônio Magalhães- Feira de Santana: UEFS Editora, 2009. P.147

Após percorrer seu itinerário, o cortejo sempre voltava para o largo da Catedral, apesar da Lavagem ter cumprido seu percurso, a Festa no Largo da Matriz continuava como uma extensão desta festa. O público transitava entre as barracas e o coreto para assistir as apresentações dos grupos folclóricos com seus sambas de roda, se entregando ao samba ou sendo apenas um mero espectador que escutava os sons mecânicos vindos das barracas e dos shows, realizados no palco da Praça Padre Ovídio.

No seu panorama móvel, a Lavagem levava para seus participantes e espectadores imagens e representações repelidas e negadas pela Igreja Católica, em especial nos anos 1970 e 1980. O resultado foi o choque de representações entre o que se expressava na Lavagem e como a Igreja desejava ser representada. Naquele momento, o jogo de equilíbrio e sustentação

⁸⁸ Feira Hoje, Feira de Santana, 23 de janeiro de 1987, Ano XVI, nº3611, p.03.

da Lavagem foi posto em risco. Os interesses do Clero, dos organizadores e participantes da Lavagem pareciam não entrar mais em negociação e conciliação, por conseguinte, ela parecia apresentar sinais de que poderia acabar. Em alguns momentos essa ordem se tensionou e quase rompeu, mas se recriaram novas relações ou se tirou de linha o objeto tensionador, destarte o ponto de equilíbrio durou até 1987, quando foi extinta juntamente com o Bando, a Lavagem e todas outras manifestações consideradas profanas pela Igreja Católica feirense.

2.2 “TRIBUNA POPULAR”: IRREVERÊNCIA OU PROTESTO?

A “Tribuna Popular” começou ir as ruas para levar suas encenações sobre a situação social e política do país no início da década de setenta. Em 24 de janeiro de 1980, numa quinta-feira, a tradicional Lavagem de Santana saiu pelas ruas de Feira de Santana e uma de suas alas os Tribunos se fizeram presente. Nesta data, além de ser o aniversário de dez anos da criação do “Movimento Tribuna Popular”, foi também um momento de homenagem póstuma a Horácio de Basto seu criador, assassinado no ano anterior. Apesar de sua morte, seus companheiros e amigos não deixaram de levar, durante a Lavagem, a Tribuna Popular às ruas. Naquele ano, saíram quinze componentes na Tribuna⁸⁹, eles se somavam ao grande volume de participantes da Lavagem, junto aos travestidos, às baianas, aos grupos folclóricos e outros. A “Tribuna populara” era marcada pela fusão de dois importantes elementos na sua performance cultural pelas ruas: a irreverência e o protesto com tons de críticas, ironia e sátira ao governo.

Figuras 11 e 12: Membros da Tribuna Popular fazendo crítica à dependência econômica brasileira.



Fonte: Folha do Norte, Feira de Santana, 25 de janeiro de 1980, Ano LXX, n.4677. p.01.

Fonte: Feira Hoje, Feira de Santana, 29 de janeiro de 1980, Ano X, n.1703.p.05.

⁸⁹ Folha do Norte, Feira de Santana, 30 de janeiro de 1980, Ano LXX, n.4683.p.05.

Nestas fotografias, tiradas em dois ângulos diferentes, se percebe claramente as intenções do “Movimento de Tribuna Popular” nas suas encenações teatrais pelas ruas, com faixas, cartazes e frases críticas e irônicas. Três homens estavam envolvidos na cena acima, um do lado esquerdo segurando um cartaz no qual estava escrito “Dólar x Cruzeiro” no qual estava explicitada a batalha entre as duas moedas e no centro da cena encontravam-se dois homens pendurando em seus pescoços dois cartazes, um escrito “Eu sou o cruzeiro” e o outro “Eu sou o Dólar”. O Dólar segurava em sua mão uma corda que prendia o pescoço do cruzeiro, o cruzeiro se encontrava abatido e atrelado ao Dólar, que fazia uma alusão ao *Tio Sam* com sua cartola, cachimbo e paletó.

Nos anos de 1980 o Brasil passava por uma crise de endividamento externo, reflexo de um desequilíbrio interno, que gerou impacto direto na situação econômica da população resultando em grande queda nos níveis de emprego e aceleração da inflação. A encenação performática trazida pela Tribuna Popular traz para as ruas - seu grande palco - um jogo corporal e simbólico carregado de sentidos e preenchido de valores. Suas encenações não podem ser consideradas como simplistas e inocentes, pois eles sabiam o que estavam fazendo e qual resultado podiam alcançar.

Ainda analisando as imagens acima podemos deduzir que a corda no pescoço pode ter dois significados: primeiro, o Brasil ia mal, em sua economia, segundo, o país estava economicamente endividado com os Estados Unidos, país do qual o Brasil era credor. Pode ser visto ainda na encenação, um ar de subserviência do Cruzeiro (o Brasil) ao Dólar (Estados Unidos) cuja postura conotava seriedade e certo desprezo ao seu capacho. A performance destes sujeitos estava imbuída de valores e simbologias de profundo caráter político social. Através de sua encenação, a “Tribuna” trazia para as ruas o que estava sendo vivido pela população, não apenas na sua região, mas também no país.

Levando reflexões da realidade vivida para a comunidade e seus espectadores “se utilizavam de dramatizações para protestos, [...] ⁹⁰”. A Lavagem não era um palco aberto somente para várias expressões de fé, mas também um espaço para reivindicações políticas e protestos populares. Através de suas dramatizações encenadas ao público, o “Movimento de Tribuna Popular” trazia profundas críticas, feitas de diversas formas criativas, fosse a partir das metáforas, símbolos e ludicidades ou de cartazes e faixas. Eles apresentavam para seus observadores, situações da realidade que estavam diretamente ligadas ao momento presente.

⁹⁰ Folha do Norte, Feira de Santana, 24 de janeiro de 1980, Ano LXX , nº 4676. p.05.

Isso nos permite concluir que a Lavagem era também um espaço de crítica, de fina ironia das relações socioeconômicas e políticas vividas no país.

Nos anos 80, muitos foram os temas tratados e trazidos nos desfiles. No ano de 1982, “o pacote eleitoral e o pacote da previdência, bem como o decreto que classificou os diversos produtos como supérfluos⁹¹” foram alvos das críticas do Movimento da Tribuna Popular. Ela não trazia temas únicos para seu desfile, podiam ser encenadas diversas críticas apresentadas pelos subgrupos que compunham esta ala,

E desta vez os alvos das críticas foram o Ministro do Planejamento Delfim Neto, e o próprio governo por ter aumentado o preço da gasolina para Cr\$ 564, além de ter majorado os demais derivados de petróleo e álcool.

Um folião, que carregava uma placa nas costas com a inscrição “Político Honesto” portava uma pasta que anunciava a sua identidade: “Doutor Pasta Pura”. Na mesma pasta, o folião expressava a sua tristeza num ambiente de alegria ao escrever o preço da gasolina.

Já um grupo animado de rapazes levou uma escultura de madeira em que logo deram o nome de Delfim, que durante todo o cortejo sofreu severas críticas em forma de música⁹².

A notícia revela críticas de cunho político, inclusive críticas ao Ministro e ao governo pela ineficiência de ação e solução que não gerassem tanto custo e punição para a sociedade brasileira. Os componentes da Tribuna estavam muito bem sintonizados com o momento político vivido no Brasil, sabiam exatamente o que a situação representava para a nação brasileira. Eles expressavam seus sentimentos e angústias de forma lúdica e criativa no desfile da Lavagem. Em 1985, o posicionamento dos componentes da Tribuna Popular sobre o processo de redemocratização fica bem evidente.

O Clima de reconquista e convivência com a democracia, que o país respira desde a eleição de Tancredo Neves, refletiu-se ontem, majestosamente, na festa da Lavagem, o ponto alto das manifestações profanas que integram os festejos em louvor à padroeira da cidade, Senhora Santana. Ao contrário dos anos anteriores, não houve tumultos, confusões. O povão se entregou integralmente à alegria, à folia [...]

[...] Desde cedo um grupo animado [...] chegou ao largo da Catedral carregando um caixão, simbolizando a morte da candidatura do PDS no Colégio Eleitoral, atraindo a atenção dos presentes. Até mesmo dona Silva Maluf esteve representada pelos ‘travestis’, que se vestiram de preto, chorando copiosamente pela morte do marido, enquanto os acompanhantes também se desmanchavam em lágrimas. E o ‘féretro’ percorreu todo o percurso da lavagem, com o caixão de Paulo Maluf correndo de mão em mão, sob os olhares atentos de “travesti” vestido de enfermeira.⁹³

⁹¹ Feira Hoje, Feira de Santana, 22 de outubro de 1982, Ano XII, n° 2303.p.05.

⁹² Feira Hoje, Feira de Santana, 29 de janeiro de 1980, Ano X, n.1703.p.05.

⁹³ Feira Hoje, Feira de Santana, 25 de janeiro de 1985.p. 05

O desfile parecia ter internalizado o novo momento brasileiro de democracia. Os seus participantes de forma democrática e pacífica comemoravam esse acontecimento histórico da sociedade brasileira. Eles se apropriavam do momento da Lavagem para fazer suas performances de caráter político e também expressavam a alegria pela vitória de Tancredo Neves nas eleições presidenciais indiretas: ali estavam presentes também os que questionavam a Nova República e a situação dos que passavam fome e não tinham terras.

Figuras 13 e 14: Travestido fazendo deboche de Paulo Maluf.



Fonte: FEIRA HOJE, Feira de Santana, 25 de janeiro de 1985, Ano XV, nº 3268, p.05.

As figuras acima, publicadas no período, trazem o enterro de Paulo Maluf e sua cara como ficou depois das eleições. Na primeira imagem, o cartaz apresenta de forma irônica o trocadilho ao grafar seu nome “TupriyeMauluf”. Na imagem ele está com dois chifres representando o mal. A “Tribuna Popular” ao encenar o enterro de Maluf representava simbolicamente mais do que a perda dele nas eleições, revelava o “fim” dos representantes remanescentes da ditadura militar. Os cartazes que acompanhavam o seu enterro simbólico diziam ser ele um exemplo que dava vivas à fome, ao analfabetismo e ao regime militar. Os sujeitos liam e interpretavam a situação a partir de seus ideais e perspectivas.

Na segunda imagem, Maluf foi representado por uma máscara monstruosa que “assustava” os travestido que fazem de toda a situação um grande deboche e brincadeira. Em sua mão, Maluf trazia o cartaz “A cara de Maluf depois das eleições. Diretas Já”. Toda encenação expressava um posicionamento político mesmo sendo apresentado com irreverência. Neste dia, o Jornal Feira Hoje noticiou que o caixão de Maluf foi carregado e

passou de mão em mão, atrás dele estava sua viúva, um travestido chorando copiosamente pela morte do marido⁹⁴.

Em tom de brincadeira, parte da população feirense apresentava suas opiniões e expressava seus sentimentos sobre a política nacional e o processo de transição do governo militar para um presidente civil depois de anos de ditadura militar. Não podemos deixar de acreditar que toda expressão no enterro simbólico de Maluf pode ter sido também, além de outros sentidos, uma comemoração pelo processo de redemocratização, mesmo com a derrota da campanha pelas Diretas Já.

O cortejo de 1985 foi marcante devido a estes protestos e sátiras ao governo federal, mas também pela indiferença de órgãos públicos e do comércio em permitir a presença de seus funcionários no desfile da Lavagem, por terem tido um funcionamento normal, apesar de, no dia do cortejo, o fechamento do comércio e da indústria ser facultativo. Naquele ano, diferentemente dos outros anos, não houve esforço e nem apelo da Prefeitura para o encerramento das atividades durante o desfile. O *Feira Hoje* noticiava:

É bem verdade que a maior parte dos estabelecimentos comerciais da cidade não fecharam as portas. Mas, nas lojas, somente sisudos e irritados balconistas, postados em frente às casas comerciais faziam parte da fauna comercial. Nenhum cliente, nenhum freguês. A Prefeitura Municipal, também funcionou, mas sem nenhum movimento. Quando o cortejo passou, o prefeito José Falcão, acompanhado do chefe de gabinete Antônio Barreto, do secretário Osvaldo Torres e do diretor do EPI, João Inácio do Vale, estava na sacada, no primeiro andar, assistindo à Festa⁹⁵.

A partir daquele ano parece que a Lavagem começou a ganhar outra conotação e valor para a Prefeitura. Considerando a conjuntura presente, parecia surgir os primeiros sinais de decadências para o fim da Lavagem e de toda parte profana das homenagens a Sant'Ana, pois a cidade que antes parava pra ver e participar do cortejo, em 1985, como descreve o jornal, esteve dividida, apesar da insatisfação dos que ficaram presos nos seus trabalhos, porque a rotina não foi mudada como sempre acontecia em anos anteriores. A observação do prefeito em sua sacada pode representar simbolicamente os distanciamentos que a Prefeitura foi tendo em relação ao evento até seu rompimento total, apenas dois anos adiante.

Nos anos seguintes, a “Tribuna Popular” trouxe para seus observadores, assim como nos anos anteriores, críticas e temas do momento, a exemplo do ano de 1986, quando criticou

⁹⁴ Jornal Feira Hoje, Feira de Santana, 25 de janeiro de 1985, Ano XV, nº 3268, p.05.

⁹⁵ Feira Hoje, Feira de Santana, 25 de janeiro de 1985, Ano XV, nº3268. p.03.

a nova República, de forma irônica, sua característica marcante. Era dito em cartaz: “Não tome remédio com o nome de Nova República. Ass. O povo⁹⁶”. A ironia, como discute Aguiar (2001), trazia a descrença, a falta de ações e de projetos solucionadores, capazes de tirar o Brasil da grande crise financeira em que se encontrava e conter a galopante inflação que consumia o salário e o poder de compra.

Apesar de ter sido uma manifestação que durou em torno de 17 anos e ter extinguido com fim dos festejos da Padroeira da cidade, Tribuna Popular foi um movimento de singularidade dentro da Lavagem e na Levagem, pois tinha características próprias que a diferenciava das outras manifestações como as baianas até os próprios travestidos. Seu objetivo durante os anos de sua permanência na Festa foi de encenação e convite para os expectadores refletirem sobre a real situação sócio-política e econômica não apenas do país, mas da própria região a qual estavam inseridos. Por isso, sua preocupação foi sempre trazer para ruas temas focando estas questões.

2.3. ZECA DE IEMANJÁ OU MÃE SOCORRO: QUEM DEVE COMANDAR A LAVAGEM?

Na tarde de quinta-feira, do dia 26 de janeiro de 1984, por volta das quinze horas, na Praça da Matriz começavam a se juntar, em torno do Largo, os participantes e espectadores ansiosos pelo início do cortejo-desfile da Lavagem de Santana, marcada para iniciar às dezesseis horas. Porém, naquele ano, como não fora diferente dos anos anteriores, a Lavagem começou com um atraso considerado pequeno, em torno de 15 minutos, mas a grande supressa foi a ausência de “Mãe Socorro” e de suas baianas abrindo a Lavagem, pois o evento foi aberto pelo grupo de Baianas de Zeca de Iemanjá, levadas pelo som esfuziante da bandinha contratada pela Setur para animar os participantes da Lavagem.

A Lavagem já se dirigia para a antiga Rua de Aurora⁹⁷ quando todos avistaram, correndo de forma esbaforida, o grupo de baianas de Mãe Socorro em direção ao cortejo-desfile. Naquele ano, as coisas não saíram como desejava Mãe Socorro. Ela estava muito chateada com a informação contraditória sobre o ponto de concentração para a Lavagem: Zeca de Iemanjá informou-lhe que seria na Praça dos Remédios e não em frente à Igreja

⁹⁶Feira Hoje, Feira de Santana, 25 de janeiro de 1985, Ano XV, nº3268. p.03.

⁹⁷ A referência a Aurora se dá pelo fato de nessa rua ter residido uma famosa profissional do sexo, Aurora durante muitos anos manteve uma casa de noite conhecida pelo seu luxo e beleza. Anos depois essa rua foi renomeada como Rua Desembargador Felinto Bastos.

Matriz⁹⁸. Esta situação apontou as disputas desses dois candomblecistas em torno do desfile da Lavagem. A ação de Zeca parecia ter sido uma artimanha/tática para tomar a frente da Lavagem.

Mãe Socorro estava decepcionada pela ação de Zeca de Iemanjá desde a Festa do ano anterior. O seu “limite” chegou ao ponto máximo quando soube que, durante a Levagem da Lenha, na terça-feira da semana seguinte, a baiana pertencente ao grupo de seu oponente havia sido premiada como a baiana mais bonita da Lavagem na quinta-feira da semana anterior. Ofendida ela tomou a mesma atitude de dias anteriores de seu “colega” e iniciou a Levagem sem esperar pela presença de Zeca de Iemanjá e de suas baianas⁹⁹. As baianas de Zeca tiveram de encontrar o desfile e as outras baianas num percurso já bem adiantado.

Apesar das disputas deles por prestígio e mais destaque, isto não impedia o funcionamento da Lavagem de Sant’Ana, pois ela obedecia a seu fluxo festivo e comemorativo, composto por um universo de multivivências e formas de expressão. Através das performances culturais elaboradas por seus componentes vertidos pelos seus movimentos preenchidos de sinestesia presente nos jogos corporais dos sujeitos envolvidos pelas músicas das bandinhas, como também do cenário propício ao lúdico e ao burlesco, a Lavagem permitia o desenvolvimento e a produção de práticas culturais e das apropriações pelos seus componentes da linguagem festiva que lhe davam sentido.

Sendo um espaço onde se desenvolvia relações de sociabilidade entre os presentes, ali eram permitidos muitos jogos e usos de recursos para animar e dar sentidos e significados àquela manifestação preenchida de representatividade trazida pelos muitos símbolos presentes nela. Muitos dos sentidos e significados podem ser extraídos dessa manifestação, além de considerar também a possibilidade de seus componentes e espectadores fazerem suas leituras e interpretações. Algumas dessas interpretações eram feitas durante os movimentos de interações e vivências das apresentações/encenações, ora pelos espectadores, ora pelos seus participantes.

Muitos desses espectadores podiam levar consigo sentidos e interpretações iguais ou talvez diferentes do objetivo de quem apresentasse, encenasse ou considerasse aquele espaço como um lugar de protesto, de brincadeira, de folclorismo ou até mesmo um lugar de “perversão”, onde se permitiam músicas de duplo sentido e pornográficas.

⁹⁸ Feira Hoje, Feira de Santana, 27 de janeiro de 1984, Ano XIV, nº2965, p.05.

⁹⁹ PANORAMA DA BAHIA, Feira de Santana, 15 de Fevereiro de 1984, Ano 1, nº11.p.17.

Compartilhava da ideia da Lavagem como representação de um lugar folclórico, o Babalorixá Zeca de Iemanjá do Terreiro Ilê OguntêOmiLodô, localizado no Campo Limpo, considerava que a Festa da Lavagem deveria ser bem diferente do candomblé, essa diferenciação foi um dos pontos mais marcante em sua entrevista:

R: E assim, na festa essa coisa do Candomblé, por que o senhor já era, no período, babalorixá. O senhor levava um pouco disso pra festa?

Z: Não!

R: Ou a festa era festa?

Z: Não. Eu, sempre procuro separar as coisas. O Candomblé é o Candomblé. É ela, aí pronto. Você me fez uma pergunta agora, que eu vou ter resposta para lhe dar. Era o assunto de Mamãe Socorro, que ela misturava a festa de rua com a festa de Candomblé (pausa). Candomblé é Candomblé. Candomblé, hoje em dia, você sabe, que você é de faculdade. O candomblezeiro é cultura! Então, ela não. Ela misturava as coisas, as roupas dos santos. Você viu algum orixá vestido aqui?

R: Vi.

Z: Ela pegava aqueles orixás vestido e colocava no meio da lavagem. Isso não está adequado. (pausa). Então, ela mesma tirava o valor da casa dela. Eu não, eu separava, baiana é baiana. Vim fazer uma festa para as baianas, vim fazer uma festa para o povo. Eu não vim fazer uma festa para um Orixá. Festa para um Orixá, (inaudível)¹⁰⁰.

Pronunciando estas últimas palavras a respeito do candomblé e os limites entre este e a festa da Lavagem, pode-se indagar, em certa medida, a respeito da dificuldade da comunidade em aceitar expressões dessa religião nas ruas e sua presença no cortejo-desfile da Lavagem, pois essa manifestação não deixava de ser uma etapa de uma festa católica maior, a festa da Padroeira da Cidade. Ao que parece Zeca de Iemanjá se mantinha reservado e inibia expressões ou símbolos de identificação dessa religião afro durante os festejos.

Mãe Socorro parecia se comportar de forma bem diferenciada na Lavagem, pois não estava preocupada em reproduzir práticas e ações para agradar seus espectadores e setores mais conservadores da sociedade feirense que pareciam desejar apenas a folclorização dos rituais afro. Era comum ele trazer para lavagens rituais do culto afro durante o encerramento do desfile.

Podemos ver que a visão de Mãe Socorro ultrapassava a imagem e representação de uma Lavagem como um espaço de denominação folclórica. Podemos ver, em depoimento dela, na revista Panorama da Bahia de janeiro de 1984, como era comum trazer para o encerramento dos festejos da Lavagem e da Levagem, como já fora discutido no capítulo anterior, rezas como *Igorici* que seria uma espécie de “Salve Rainha”, o *Muxucá* seria algo

¹⁰⁰Entrevista concedida pelo Senhor Zeca de Iemanjá a Rennan Pinto de Oliveira em 07 de julho de 2013.

parecido com o "Pai Nosso". Além de encerrar o evento fazendo o *Indorossam* para todos os orixás começando com Ogum (Santo Antônio) e encerrando as homenagens com Nanã, como uma possível referência a Matriarca Feirense¹⁰¹.

Seus rituais ultrapassavam os banhos de água de cheiro associados aos ritos lustrais realizados nos terreiros de candomblé durante a festa pública conhecida como "Águas de Oxalá", quando um dos mitos de Oxalá é revivido anualmente. Essas águas banhando os participantes da Lavagem tinham vários sentidos, pois além de purificar, também limpava, renovava, gerava vida e promovia o renascimento¹⁰².

Naquele momento, Mãe Socorro tornava público parte dos rituais e mecanismos de funcionamento do candomblé, a exemplo do encerramento do cortejo dando bênçãos e espargindo água de cheiro, como símbolo purificador, nas cabeças dos seus acompanhantes, a prática da Lavagem simbólica do adro da Catedral de Santana e o desenvolvimento de alguns ritos. No ano de 1984 o jornal *Feira Hoje* publicava sobre a chegada das Baianas ao templo:

Quando chegou ao largo, uma viatura da polícia cívil abriu caminho na praça para que as baianas conseguissem chegar até a igreja, para a realização do ritual afro e jogar as flores e água perfumada na multidão.

Inicialmente, o grupo de Mãe Socorro: a Babalorixá comandou a saudação aos orixás, Oxalá, Xangô, Oxossi e Nanã que no sincretismo equivale a Senhora Santana. Depois as baianas de Zeca de Iemanjá se aproximaram para "benzer" a multidão e pedir proteção para cidade¹⁰³.

As baianas, mas do "que representavam a personagem indispensável para a eficácia simbólica do ato da Lavagem no imaginário dos [seus] participantes¹⁰⁴", no largo do templo. Elas revelam aos seus espectadores outra imagem passível de um diálogo entre religiões diferentes em um mesmo momento festivo, apesar dessa mistura de práticas religiosas do candomblé e do catolicismo nem sempre ser aceita por alguns setores da sociedade religiosa feirense.

Apesar da Lavagem, segundo Serra (2009), não ser uma prática trazida para o Brasil pelos Africanos escravizados, mas sim pelos portugueses de cultura ibérica, em Feira de Santana ela foi apropriada e ganhou outros significados, sendo praticada de forma ressignificada e com novos tons de imbricamentos culturais da cultura afro-brasileira.

¹⁰¹ Entrevista dada a Revista Panorama da Bahia: 15 de janeiro de 1984, Ano 1, nº09.p.14

¹⁰² Podemos aprofundar tal discussão no livro de Maria das Graças de Santana Rodrigué: **OriÀpéré Ó: o ritual das águas de Oxalá**. São Paulo: Summus, 2001.

¹⁰³ Feira Hoje, Feira de Santana, 27 de janeiro de 1984, Ano XIV, nº2964. P04

¹⁰⁴ SANTOS, Eufrázia Cristina Menezes. IN: Performances culturais nas Festa de Largo da Bahia. p.09

Nos anos iniciais do século XX já se encontram relatos, como o de Boaventura (2006) e Teles (2000), sobre a presença negra na Festa de Santana e também na Lavagem. Vale salientar também a presença marcante dos Terreiros de Mãe Socorro e Zeca de Iemanjá na organização da Lavagem entre os anos 1970 e 1980. Antes desse período existiam outras figuras participantes da Lavagem que, possivelmente, mantinham uma relação com o candomblé, como Dolores do Acarajé e Helena do Bode, conhecida por desfilar na Lavagem e sempre está acompanhada de um bode, como é narrado pelo memorialista Lajedinho (2004) e pelo cronista Oydema Ferreira (2010).¹⁰⁵

A produção da Lavagem nos anos 1980 era carregada de competição entre os candomblecistas, pois ambos buscavam, cada um a sua maneira, fazer a mais espetacular e bonita passagem nas ruas durante o cortejo. O Jornal *Feira Hoje* em notícias durante os anos pesquisados deixa a disputa em evidência:

“[...] Mãe Socorro criticou a Setur na distribuição de verbas para confecções das roupas das baianas. Ela disse que houve protecionismo por parte da secretaria, beneficiando o grupo de Zeca de Iemanjá, razão porque ficaram mais bem enfeitadas as baianas do terreiro do pai de santo¹⁰⁶.”

“Segundo Mãe Socorro, A Setur está “ajudando mais o terreiro de Zeca de Iemanjá”. O próprio Netinho (Galdino Neto, funcionário da Setur) queria que Zeca de Iemanjá saísse na frente do cortejo da Lavagem, mas eu não aceito porque o lugar é meu há mais de 40 anos¹⁰⁷”.

“O único momento de certa tensão e constrangimento, ocorreu, justamente, no confronto entre as duas alas de baianas. Como ocorre todo ano, o terreiro de Mãe Socorro puxa o cortejo, vindo, logo atrás, uma banda, estrategicamente posicionada como barreira intransponível entre os dois grupos, evitando atrito entre eles¹⁰⁸”.

Existem três importantes elementos a serem analisados nas notícias publicadas a respeito dos conflitos entre os dois organizadores da Lavagem. O primeiro elemento se refere, em certa medida, a alguns privilégios como uma verba maior para investir na confecção das roupas das baianas recebido pelo Babalorixá Zeca de Iemanjá. As notícias sobre o debate a respeito das verbas dirigidas de forma distinta aos terreiros nos revelam uma disputa entre eles e um possível protecionismo da Setur ao Babalorixá Zeca de Iemanjá, nos anos de 1982 e 1983, sob a gestão de Luciano Cunha na Secretaria de Turismo.

¹⁰⁵Oydema Ferreira no ano de 2010 escreveu *Retalhos da Minha Cidade*, um livro de crônicas publicado pela Fundação Senhor dos Passos, no qual relembra os velhos tempos da cidade de Feira de Santana.

¹⁰⁶ Feira Hoje, Feira de Santana, 22 de janeiro de 1982, Ano XII, nº 2303, p.6.

¹⁰⁷ Feira Hoje, Feira de Santana, 15 de janeiro de 1983, Ano XIII, nº 2653, p.3.

¹⁰⁸ Feira Hoje, Feira de Santana, 25 de janeiro de 1985, Ano XV, nº 3218, p.05.

Na nossa entrevista feita com o Babalorixá é revelada a sua facilidade em transitar nos setores políticos da cidade, uma vez que ele era convidado constantemente pela prefeitura para organizar, além da Lavagem de Santana, a Festa de Santa Bárbara¹⁰⁹, concursos de quadrilhas juninas, blocos de micareta, entre outros.

Pode-se associar esta facilidade em conseguir contratos com a prefeitura, justamente pelo fato levar às ruas apenas os aspectos folclóricos, preferindo a descrição quanto à expressão dos elementos do Candomblé. Ele buscava não misturar sua religião com a manifestação popular, apesar de ser um Babalorixá. A escolha pela descrição poderia ser também uma tática para conviver e manter uma boa relação com o cenário político e social, além de ser um possível instrumento para saber lidar com o jogo político e social da época.

A opção da Setur e de seus secretários em não dar tanto espaço a Mãe Socorro pode está ligado a certas práticas nas festas, que provocavam tensionamento no campo da “boa convivência” e do equilíbrio dos jogos políticos, religiosos e sociais. Esse pouco espaço dado à Mãe Socorro pode representar, em certa medida, a reação de setores sociais conservadores.

Mãe Socorro parecia pôr em risco as relações de equilíbrio da fé do catolicismo feirense, além de pôr em suspensão os bons costumes da sociedade. A Ialorixá mexia diretamente com a moral de uma sociedade conservadora e católica. Quanto a essa questão, Zeca narra:

R: Agora me conta um pouco disso, desse retorno? Existiam alguns rituais e aí? O senhor fazia parte desses rituais?

Z: Não, minha parte só era somente a lavagem. Eu só era somente pular, saltar como um bode quando tava comendo folhas de umbu.

R: Mas...fazia o ritual quando chegava na igreja.

Z: Era onde às vezes era criticada por isso. Por que são coisas que não podem se fazer (inaudível). Que tem que fazer, no axé, no abassá, é dentro de casa. E elas faziam perante o público, mas era uma criatura, que ali no centro de abastecimento, que tem uma quadra, que tem um jeito de uma piscina. Eu aí entro ali, tocava candomblé, santos reis escondido, tiro de santo, e tal, e tal, tal. (inaudível)¹¹⁰.

Zeca de Iemanjá, quando foi entrevistado comunica que Mãe Socorro expunha a imagem do candomblé ao fazer uso das práticas religiosas em espaços públicos, numa comunidade com perfil conservador e que até a década de 1950, com uso da força das

¹⁰⁹ Essa Festa era realizada no Centro de Abastecimento da cidade.

¹¹⁰ Entrevista do Senhor Zeca de Iemanjá concedida Rennan Pinto de Oliveira em 07 de julho de 2013.

autoridades, fazia perseguições e combatia práticas ligadas à religião afro¹¹¹. Na sua fala considera que Mãe Socorro sofria diversas críticas por tal atitude e essas críticas não deixavam de ser uma negação a essa forma de expressão que deveria ser mantida dentro de locais reservados. As ações de Mãe Socorro teriam gerado reações de negação a sua postura¹¹².

Um segundo elemento a ser avaliado foi à tentativa do próprio Galdino (também conhecido como Netinho), funcionário do órgão da Setur tentar mudar a liderança no desfile do cortejo de Mãe Socorro para Zeca de Iemanjá. Nesse mesmo ano terá sido uma coincidência a vitória de Netinho como a “Baiana mais bonita” no concurso promovido pelo órgão, assim noticiou o jornal *Feira Hoje*. E continuando, “Por outro lado, durante a Lavagem da Lenha, a Secretaria de Turismo pretende realizar um desfile especial com os vencedores dos concursos promovidos no desfile da Lavagem da Igreja. Os vitoriosos - Netinho, a “baiana” mais bonita, Tribuna Popular, a figura mais original...¹¹³”.

A entrevista com Senhor Zeca sugere, que Galdino se produziu como a “baiana” mais bonita por suas vestes, adornos e capricho. Revela também a sua amizade com Galdino, seu filho de Santo. O próprio babalorixá afirmou que Galdino e outros funcionários da Setur faziam parte de sua “panela”¹¹⁴. A vitória de Galdino pode ter sido por merecimento, mas não deixa de ser indício que levaria Mãe Socorro a ter se irritado tanto com a essa premiação.

Há entre os dois uma disputa interna quanto ao comando da Lavagem, mas o que prevaleceu não foi o capital político¹¹⁵ do qual Zeca se apropriou, mas sim o *poder simbólico*¹¹⁶ carregado por Mãe Socorro, que enfrentou outros embates para manter seu reconhecimento.

O último e mais relevante elemento era a separação das alas das baianas por uma banda para evitar o conflito entre a Ialorixá e o Babalorixá. Segundo Zeca o conflito se

¹¹¹ Josilvado Pires de Oliveira em sua tese revela como até os anos 50 era intenso o combate às práticas religiosas de cultura afro pelas autoridades da cidade de Feira de Santana e o grande preconceito de setores sociais a essa religião.

¹¹² O local citado na entrevista parece ser a Praça dos Tropeiros, em frente ao Centro de abastecimento, nas mediações de seu terreiro, localizado no bairro atrás do Centro, na Rua Nova.

¹¹³ Jornal *Feira Hoje*, Feira de Santana, 22 de janeiro de 1983, Ano XIII, nº 2659, p. 03.

¹¹⁴ A Panela citada por Zeca de Iemanjá revela o quanto Galdino fazia parte de seu grupo de amizade e podia contar com ele para todos os momentos. Seu Zeca de Iemanjá em entrevista afirmava: “E o pessoal. Gorete trabalha na Secretaria de Turismo. Tudo era pessoa da minha panela. Você entendeu Rennan? Era pessoa da minha panela.” Esta fala revela que Galdino (conhecido também como Netinho) também pertencia a sua “panela”.

¹¹⁵ Sobre o Capital político ler Bourdieu, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**.

¹¹⁶ Sobre o poder simbólico ler Bourdieu, Pierre. **O Poder Simbólico**.

encerrava com o fim da festa. Em outros momentos, fora da Lavagem, eles mantinham uma relação de respeito e boa relação. Mas transparece em sua fala, que ele tinha grande gosto em competir com a Ialorixá Mãe Socorro. Sabia que ela não era bem aceita pelos jornais e se aproveitava dessa brecha para aumentar seu prestígio, o capital político ao que parece sua tática funcionou bem.

Independestes dos conflitos entre Zeca e Mãe Socorro, algo era garantido aos dois, sua circulação nos três diferentes momentos da Festa de Sant'Ana: primeiramente, na Lavagem, abrindo este ato considerado pela Igreja como profano e desvinculado da instituição; dias depois, estavam presentes na Lavagem da Lenha. Conforme aponta Lajedinho (2004), elas substituíam os vasos de água e flores levados na cabeça por feixes de lenhas para serem colocadas na frente da Igreja Matriz e formar uma grande fogueira para lembrar os tempos em que a cidade não possuía luz elétrica e, no último momento, seguiam a procissão, o espaço sagrado que marcava o fim das homenagens à padroeira. A procissão foi o cenário onde se apresentaram as maiores tensões e diferenças da Igreja para com os seguidores do candomblé¹¹⁷.

Ao longo dessa década, foram introduzidas no cortejo da Lavagem, baianas de outros terreiros da cidade. Noticiou o jornal *Feira Hoje* sobre o convite feito pela Setur para a participação na Lavagem de Santana às baianas dos Terreiros de Ogum, do bairro Tomba, sobre o comando de Mãe Benta Machado, do centro de Mãe Zeti, além da presença de Baianas de Terreiros de Santo Amaro da Purificação e de cidades da circunvizinhança para prestar suas homenagens a Senhora Santana ou Nanã, a senhora dos lagos no sincretismo religioso¹¹⁸.

A presença das baianas e de algumas figuras cativas do candomblé parece entrar em decadência na Lavagem, pois a festa passara a entrar em crise. No ano de 1985, a situação se apresentou de forma bem distinta para Zeca de Iemanjá. Pela primeira vez, desde sua saída no desfile, sua participação ficou comprometida, como confirmou o Jornal *Feira Hoje*:

O dia da lavagem da Igreja- amanhã reserva uma desagradável surpresa para os que aguardam o tradicional desfile das baianas de Zeca de Iemanjá. Este ano, a lavagem conta com a participação de apenas cerca de 30 baianas, sob o comando de “Mãe Socorro”, que recebeu ajuda financeira para organizar o desfile, enquanto os demais participantes não foram sequer convidados pela Secretaria de Turismo¹¹⁹.

¹¹⁷ Esta discussão da presença das baianas na procissão será aprofundada no capítulo III da dissertação.

¹¹⁸ *Feira Hoje*, Feira de Santana, 27 de janeiro de 1984, Ano XIV, nº 2964.p5.

¹¹⁹ *Feira Hoje*, Feira de Santana, 23 de janeiro de 1985, Ano XV, nº 3216. p4.

Depois das negociações entre o Secretário de Turismo e o jornalista Paulo Noberto, responsável pela divulgação da festa, foi definida a participação de Zeca de Iemanjá no cortejo. Mais uma vez o Babalorixá deu sinal de seu intercâmbio e influência em setores da sociedade feirense e, em especial, nos setores políticos. A partir daquele ano, a postura da Setur havia mudado quanto aos investimentos e à estruturação dos eventos de caráter profano e não católicos da Festa. Buscava-se o fortalecimento da parte católica do evento, possivelmente cumprindo a afirmativa de José Falcão¹²⁰, o qual afirmava durante a festa de 1983 que, no ano seguinte, tomaria medidas para não ferir a parte católica - religiosa. A cada ano os investimentos tornaram-se menores para a parte profana e se ampliaram o embelezamento da parte religiosa, havendo a restauração de toda parte estrutural da Igreja e dos largos em frente à Catedral e à Praça Padre Ovídio¹²¹.

No cenário de divergências e disputas desses líderes religiosos do candomblé, algo parecia aproximá-las: as suas reclamações a respeito dos poucos investimentos por parte da Setur e as dificuldades enfrentadas para manter a saída das baianas na Lavagem de Santana, uma vez que a maior parte dos custos ficaria sobre a responsabilidade deles, como esclarece a notícia publicada no *Feira Hoje*, em 1986: “A exemplo de anos anteriores, os participantes se queixam da fraca ajuda prestada pela Prefeitura Municipal, que colabora com certa quantia em dinheiro, destinada à aquisição das roupas”¹²².

O periódico aponta para a inibição dos investimentos da Prefeitura nestes símbolos da Lavagem e a permanência da polêmica de privilégios de um dos grupos durante a organização do evento. O risco da ausência de Zeca de Iemanjá no ano de 1985 se concretizou dois anos após, como se observa em nota especial do *Feira Hoje*:

Este ano, a Lavagem teve como principal característica a lamentada ausência do grupo de baianas comandadas pelo pai de santo, Zeca de Iemanjá que, com seus trajes primorosos e a salutar rivalidade com o grupo do terreiro de Mãe Socorro, formando sempre dois cordões, conferiam ao festejo um brilhantismo maior¹²³.

No desfile de 1987, a ala das Baianas foi comandada por Mãe Socorro, Benta Manchado do Tomba e Mãe Jorgina. Apesar da ausência do Babalorixá Zeca de Iemanjá, os

¹²⁰ Ele foi eleito Prefeito nas eleições de 1983 e tomou posse no ano de 1984- sua afirmação foi feita no *Jornal Feira Hoje*, Feira de Santana, 25 de janeiro de 1981, Ano XIII, nº2663.

¹²¹ O noticiamento da restauração da Igreja foi amplamente divulgado pelo jornal *Feira Hoje* no ano de 1984.

¹²² *Feira Hoje*, Feira de Santana, 23 de janeiro de 1986, Ano XIV, nº 3612, p.3

¹²³ *Feira Hoje*, Feira de Santana, 23 de janeiro de 1987, Ano XVII, nº3961, p.4

jornais não deixaram de prestar elogios a sua forma de fazer a festa com trajes “primorosos”. É possível supor o espaço conquistado por esse Babalorixá e sua rede de ligação com o jornalismo pois o próprio Paulo Noberto, intermediador de sua saída na Lavagem de Santana no ano de 1995, fazia parte do jornal que publicava a notícia de sua ausência e a perda que a festa, provavelmente, sofreria com sua falta.

Segundo o Secretário de Turismo, Itaracy Branca, a tradição seria mantida com água de cheiro, mesmo com a ausência deste Babalorixá. Naquele ano, os festejos já estavam comprometidos, dando sinais de decadência e riscos de sua permanência e continuação, pois a cada ano desde o início da década de 80, existiram diversas crises pela permanência ou extinção dos festejos profanos, acirrando os conflitos entre a Igreja Católica feirense, a Prefeitura e os sujeitos participantes da Festa de Santana.

Os espaços de ocupação dos festejos agora sempre “obedeciam” à lógica da Setur, que determinava o percurso a ser feito pelos sujeitos do evento, sendo rompido apenas no ano de 1983, com a mudança do roteiro “a pedido dos terreiros de candomblé, que gostariam de desfilar para a multidão que, geralmente, acompanhava o cortejo [...]”¹²⁴. A mudança do roteiro da Lavagem, naquele ano de 1983 parecia ter sido não apenas uma decisão isolada da Secretaria de Turismo, mas parecia ter uma interferência de Zeca de Iemanjá em mais uma de suas provocações à Mãe Socorro. Na entrevista, o Babalorixá fala sobre a sua interferência na mudança no roteiro percorrido pelas baianas naquele ano e comenta a respeito de uma mudança feita a partir de sua sugestão.

R: Conte-me mais um pouco disso, eu encontrei no jornal, que teve um ano que saiu da igreja de Santo Antônio. Não encontrei no jornal que saiu do alto do cruzeiro.

Z: Teve um ano que saiu da igreja de Santo Antônio. E teve um ano que saiu da igreja do Cruzeiro. E quem foi o criativo? A criatividade, quem fez a confusão fui eu. Quem fez a confusão. Eu tinha Netinho. Que Netinho trabalhava na Secretaria de Turismo.

R: Ah entendi, foi uma escolha do senhor.

Z: foi uma escolha minha.

R: E a Prefeitura?

Z: O prefeito era meu pai, era meu filho, era meu amigo, era meu irmão... Mas se fosse no tempo de José Falcão, eu tinha mais autoridade. Eu tinha. No tempo de Colbert. E, mas, naquela época o pessoal era outro. Não tinha essa violência que tem hoje em dia. (pausa curta)¹²⁵.

Zeca de Iemanjá indicou a relação política que mantinha com os gestores. Evidenciou seu capital político e táticas de influência para a mudança dos percursos na Lavagem de

¹²⁴ Feira Hoje, Feira de Santana, 22 de janeiro de 1983, Ano XIII, nº2659.

¹²⁵ Entrevista do Senhor Zeca de Iemanjá concedida a Rennan Pinto de Oliveira em 07 de julho de 2013.

Santana em anos diferentes. O acúmulo desse capital político pode ter se dado justamente pelas táticas e caminhos encontrados por Zeca de Iemanjá, uma vez que, a cada dia, Mãe Socorro parecia perder seu prestígio acumulado durante seus quarenta anos de Lavagem de Santana, em especial, por sua postura e ação.

Quando Zeca de Iemanjá a deixou desencontrada, sem saber da vinda da Lavagem da Igreja dos Capuchinhos, o faz com base na rede que o sustenta nas suas decisões, Netinho, funcionário da Setur. Havia claramente um jogo de disputas entre Zeca e Mãe Socorro e, em alguma maneira, parece ter sido impactado pelos capitais políticos somados por Zeca ao longo de sua passagem pela festa e os bens simbólicos¹²⁶ adquiridos nas relações desenvolvidas com os políticos e figuras da imprensa.

Outra mudança feita neste itinerário ocorreu no de 1983, quando a Lavagem sofreu grande ampliação, saiu do Alto do Cruzeiro, na proximidade da Rua Nova e do atual Estádio Joia da Princesa, para se dirigir à Praça Matriz, onde haveria convergência com os foliões. A mudança não se manteve nos anos seguintes, voltando ao antigo roteiro, percorrendo as principais ruas do centro da cidade, como a Tertuliano Carneiro, Rua de Aurora, Senhor dos Passos, Praça da Bandeira e Marechal Deodoro.

2.4 BANDINHAS OU TRIO ELÉTRICO NA LAVAGEM?

No final dos anos 1940, ocupava as ruas do centro da cidade - próximo à Igreja da Matriz - os Barbeiros de Bonfim, a mais famosa e conhecida zabumba da região. A sua chegada nas ruas representava alegria e divertimento certo. Era o toque dos seus instrumentos e o ritmo de suas músicas o grande catalisador da alegria, irreverência, liberação e sociabilidade dos participantes e espectadores da Lavagem de Santana. Eles eram cativos e marcavam sua presença nas várias manifestações consideradas profanas pela Igreja Católica.

A Zabumba do Bonfim fazia a alegria do Bando Anunciador, da Lavagem de Santana e também da Lavagem da Lenha com suas machinhas de carnaval, sintonizadas com as paradas de sucesso tocadas no rádio da época com seus programas de auditórios. Muitos sucessos eram cantados, em especial, os vindos dos carnavais do Rio de Janeiro, os participantes eram embalados pelas músicas *A Mulher do Padeiro*, sucesso cantado pela dupla Joel e Gaúcho, *Jardineira*, eternizada por Orlando Silva, e muitas outras marchinhas e sambas

¹²⁶Sobre os Bens Simbólicos ler Pierre Bourdieu. **A Economia das trocas simbólicas.**

cantados pelas mulheres de sucesso do rádio nacional, tais como Emilia Borba e Aracy Almeida.

Ao som esfuziante dos Zabumbeiros do Bonfim, os participantes e espectadores se fundiam através de um jogo de relações, apropriações e reproduções de uma linguagem corporal fruto da prática cultural da Lavagem. Essa era composta de diversos elementos e multivivências presentes nas performances dos grupos partícipes da manifestação. Um dos elementos presentes na Lavagem era o samba e as marchinhas de carnaval que davam tons de burlesco e lúdico à Lavagem.

Estes tons estavam presentes também nas fantasias dos mascarados, nas fantasias dos caciques apontando seus arcos, flechas em direção ao público, temeroso de ser acertado pelas flechas desses “selvagens”, além do temor, a ira e ataque dos cangaceiros com sua valentia e “barbárie” trazidas por suas espingardas e bainhas de peixeira e facão do cangaço. Segundo Oliveira Filho (2008, p.81),

Os índios eram homens com o corpo pintado com roxo-terra, portanto cocar e tanga confeccionados com penas de peru e, na cintura, tinham penduradas umas cabacinhas. À frente ia o cacique, seguido de dez a doze comandados. Nas mãos, traziam arco e flechas com que ameaçavam as pessoas pedindo dinheiro. Eu tinha um medo danado de ser morto por eles.

Nesse ritual de horror, estavam incluídos os cangaceiros que imitavam, nas vestimentas e apetrechos, os integrantes do bando do Rei do Cangaço, o Lampião. Ficavam zanzando pela praça, a fazer medo a quem não tinha coragem. Hoje eu vejo que nem ai eles estavam para as crianças.

Índios ou cangaceiros realmente podiam não estar muito preocupados com as crianças, porém não podemos deixar de acreditar que a Lavagem parecia ser também para esses menores e para o público em geral uma encenação pedagógica pelo fato de transmitir e reproduzir uma série de informações de caráter plurais com seus sentidos ressignificados ou até mesmo legitimador sobre as representações dos índios e do cangaço.

Complementando esse panorama “móvel e pedagógico” estavam as baianas representantes dos elementos afro-brasileiros. A Lavagem parecia de fato ser também um lugar onde se presentificavam elementos da brasilidade “rejeitada”, talvez fosse isso que incomodasse tantos alguns setores sociais desejosos de formatar ou até mesmo acabar com as manifestações de caráter profano. Coincidência ou não, estes elementos eram movidos pela musicalidade do samba, um marcador da identidade nacional. Os participantes desfilavam pelas ruas em um grande cortejo vivenciando, ao mesmo tempo, um lugar de representação de

elementos formadores da identidade nacional, mas também faziam deste lugar um espaço de brincadeiras e encenações cômicas e políticas.

Com o passar das décadas as músicas da Lavagem também sofreram modificações. Segundo senhor Antônio Ramos¹²⁷, as músicas com refrãos de caráter ambíguos eram presente desde as décadas em que era frequentador da Lavagem, isto é, nos anos 1950 a 1970. Mas ao longo dos anos, em especial, entre as décadas de 70 e 80 ganharam letras de caráter mais pornográfico ficando mais escancaradas as frases consideradas mais ousadas no canto e na voz dos participantes.

A entrevista com senhor Antônio Ramos nos leva, ainda, a inferir que a Lavagem começa também a se abrir ao longo dos anos, e cada vez mais, às encenações e performances com tons mais ousados e ações que geram enfrentamentos à moral da comunidade feirense, como se observa em seu relato:

A.R: Inclusive eu! E a gente ia pra lavagem, pra dançar na lavagem que era uma dança boa, que você podia participar tranquilo, que não tinha aquela de vestir saia era viado. Era homem vestido, era os homens de Feira, a maior parte dos homens de Feira se vestiam de baiana, era uma baianada danada (risos). E era uma festa bonita, tomando a cerveja dele, o refrigerante dele, essa coisa toda, era uma festa bonita. Terminava tava todo mundo cansado, não tinha carro, cada um ia pra sua casa, com suas saias, com suas roupas. Era uma festa bonita! E ultimamente não tem nada disso, é só imoralidade, palavrão.

A.R: Teve um dia, rapaz, que foi uma imoralidade tão grande. Eu me lembro como hoje, ali na esquina da Igreja Senhor dos Passos um carro saindo da direção do correio para o mercado de arte. Um carro todo enfeitado de rola, cada pênis enorme tudo pendurado no jipe. (risos)

R.O: Isso na Lavagem? Cheio de rola saindo de lá?

A.R: Rolas do carrão e povo cantando pau dentro pau fora e os paus estavam lá em pendurado¹²⁸.

Estas informações possibilitam a visualização de um panorama geral nas mudanças ocorridas na Lavagem, entre os anos 1950 e 1970, quando o senhor Antônio Ramos fez a opção de não frequentar mais este espaço devido às mudanças profundas de comportamento dos participantes. Possivelmente, ele não foi o único que se chocou com tal imagem representativa de vários pênis pendurados em um carro seguido por várias pessoas cantando “*Pau dentro, pau fora, quem tiver pau pequeno, vá embora*”.

Ainda segundo Antônio Ramos, os participantes se embalavam com a música carnavalesca “*Mamãe eu quero, Mamãe eu quero/ Mamãe eu quero mamar/ Dá a chupeta, ai,*

¹²⁷Entrevistado concedido por Antônio Ramos a Rennan Pinto de Oliveira em 05 de Fevereiro de 2013.

¹²⁸ Ibidem

dá a chupeta/ Dá a chupeta pro bebê não chorar!” e faziam alusão ao órgão genital amarrando linguças nas calças ou no penico. Alguns ainda mais irreverentes colocavam a linguça dentro do penico e misturando-a à cerveja ofereciam aos espectadores durante a caminhada do desfile.

Todo este movimento se aproximava do burlesco e não deixava de transmitir uma imagem para os que estavam de fora acompanhando a Lavagem, talvez este seja um dos fatores da ausência de famílias nessa manifestação e um dos motivos do atrito da Igreja Católica feirense com essa expressão da Festa, considerada profana, nas últimas décadas de sua existência.

Outro forte motivador das mudanças das performances culturais da Lavagem foi a entrada do Trio elétrico, um novo elemento modificador das expressões corporais e do gosto musical. Ele destoava e parecia criar muitas dissonâncias de opiniões quanto a sua presença na Lavagem, para alguns era considerado um elemento invasivo na tradição da Lavagem, pois interrompia um ciclo natural do seu desenvolvimento ao romper com sua característica particular em sair acompanhada pelas alegóricas bandinhas.

O Trio elétrico, invenção da década de 50, surge na Bahia a partir da experiência vivida pelo grupo *Clube Carnavalesco Misto Vassourinha do Recife*, eles formavam uma grande orquestra composta, em sua maioria, por instrumentos de metais, alguns de madeira e pouca percussão. Apesar de estarem de passagem em Salvador - onde seu navio ancorou antes de seguir rumo ao Rio de Janeiro, lugar em que participariam do carnaval carioca - aceitaram o convite da Prefeitura de Salvador para, em cima de um carro, fazerem uma apresentação pelas ruas da capital. Essa novidade foi um grande sucesso e conseguiu “varrer” uma massa de foliões percorrendo em ritmo frenético ao som do frevo dos Vassourinhas.

Nesta mesma década, influenciados por este frevo, a dupla Dodô e Osmar criaram um carro de som elétrico, conhecido como Fubica. No carnaval do ano seguinte, a dupla recebe um novo integrante e juntos formam um trio que tocam instrumentos elétricos. Esta formação dá nome à revolucionária invenção de Dodô e Osmar, o carro com forte potência de som elétrico que passa a ser chamado de Trio elétrico.

Seguindo a afirmativa de Fred Goés (1982), o Trio tinha o poder de canibalização, pois parecia deglutir tudo o que era encontrado pela frente, de forma muito rápida, transformando e modificando todo o contexto encontrado. Em certa medida, ele passava a ser o foco condutor, ao passo que atraía todas as atenções para si, e por consequência outros

grupos de músicos e expressões de cultura como samba de roda vão perdendo espaço e essa diversidade cultural passa a se intimidar na festa, pois, o Trio era um grande concorrente e um “homogeneizador” do som e do ritmo, além de trazer para aquela festa da Lavagem uma ordem e organização diferentes das Lavagens anteriores.

Diferentemente, as bandinhas mantinham seus participantes num lugar de “horizontalidade” durante o cortejo, apesar das demarcações e ordenamentos dos grupos participantes da Lavagem já ficarem bem claros nos jogos de relação e manutenção do desfile-cortejo. A introdução do Trio elétrico na Lavagem, segundo os jornais *Folha do Norte* e *Feira Hoje*, ocorreu nos anos 60, quando a Lavagem parece ter recebido investimento para sua ampliação por parte da Prefeitura Municipal. Essa ação da prefeitura gerou críticas de membros da sociedade e da Igreja Católica, com denúncias nos jornais, como no *Folha do Norte*, questionando a originalidade da Lavagem e seu verdadeiro sentido e objetivo. Essa presença do Trio elétrico dentro do cortejo parece instalar, nas relações de manutenção da Lavagem, tensões e ampliação de disputas desses setores da sociedade feirense.

Até o ano de 1977, a diretriz da Setur era retirar elementos arcaicos da lavagem, dando-lhe um caráter mais moderno, constituído de trio elétrico e shows de palco, mas esses projetos se encerram com a proibição do trio elétrico, e o retorno das zabumbas e trios de cantadores. Parece que o apelo de Helder e de alguns membros da comunidade Feirense em manter a tradição da Lavagem com instrumentos de zabumbas, charangas e outros foi escutado, pois no final da década de 70, por decisão da própria Setur, o trio-elétrico foi retirado da festa, e houve valorização de elementos mais antigos para dar ritmo às danças e às irreverências.

Acredita-se ser um dos grandes interesses, não somente o de Helder Alencar, mas também da Igreja Católica em manter a Festa com elementos expressivos de características mais tradicionais, não desejando, dessa forma, a ampliação da festa da Lavagem, evitando que ela ganhasse proporções maiores como parecia está acontecendo a cada ano, após a Setur ter assumido a administração da parte considerada profana.

A Igreja, a cada ano, se tornava ainda mais distante da parte profana, pois a organização desta etapa da Festa de Santana, como já fora dito, passa a ser não mais de responsabilidade dos membros das comissões escolhidas e organizada pela igreja, mas sim da Setur, (órgão criado pela prefeitura), que parecia, naquele período, divergir das metas e das

propostas da Igreja para a Festa, pois estavam investindo mais fortemente na parte considerada profana com a captação de patrocínios para o evento acontecer.

Partilhando da opinião de Monsenhor Renato Galvão, Dom Silvério Albuquerque¹²⁹ criticou também a Setur a respeito da festa profana:

Se a Secretaria de Turismo quer fazer sua festa com trio elétrico e os barraqueiros que não misture a Igreja nisso. O que está acontecendo atualmente é uma vergonha para a própria cidade: a igreja Catedral, por exemplo, está rodeada de mocambos e favelas e o que é pior, a falta de higiene é uma coisa absurda. Transformaram a praça num sanitário público¹³⁰.

A referência ao Trio elétrico deve-se ao seu retorno à Lavagem, no ano de 1981 e 1983, num ponto fixo na Praça da Catedral, uma vez que sua participação havia sido extinta desde 1977, por decisão da própria Setur. Dom Silvério via esse retorno como um grande enfraquecimento da parte litúrgica, e que resultaria no afastamento dos fiéis do verdadeiro sentido religioso da Festa, pois um número significativo de fiéis pareciam se interessar mais pelos eventos profano. Muitos iam à festa não para participar dos atos litúrgicos, mas para se entregarem à pândega e a bebedeiras nas barracas.

Dom Silvério de Albuquerque, o então Bispo da diocese, demonstrava também uma grande preocupação quanto ao modo como os participantes e espectadores estavam se apropriando da Festa e os significados que eles estavam dando às comemorações de Santana. A Lavagem, naturalmente com o passar dos anos, se transformava e ganhava novos formatos com a inclusão e exclusão de novos elementos. Um dos grandes destaques dessa mudança foram os novos tons de musicalidade sentidos pelos participantes da Festa e a forma como eram expressos.

No final da década de 70 e durante a década de 80, as tocatas das filarmônicas 25 de Março, Vitória e Euterpe Feirense, presentes no coreto da Praça da Matriz, perdem espaço para palcos de shows montados pela Prefeitura, onde se cantavam novos ritmos do carnaval baiano: os sons das guitarras baianas de Dodó e Osmar, Gilberto Gil e sua *Marcha da*

¹²⁹ Tomou posse na diocese de Feira de Santana em 20 de maio de 1973. Nasceu em Olinda-PE em 11 de março de 1917. Ordenado em 30 de maio de 1942. Foi diretor do Seminário Seráfico em Campina Grande – PB, ocupou altas funções na Província franciscana. Em 1970, foi sagrado Bispo e destinado à Caetité - BA onde esteve por três anos, sendo transferido para Feira de Santana, onde assumiu o governo em 20 de maio de 1973. Criou novas paróquias; organizou o patrimônio do Asilo Nossa Senhora de Lourdes como fundação diocesana. Restaurou a antiga sede do Bispado e fundou o Seminário Santana Mestra. Permaneceu até 1995, continuou presente na Diocese como Bispo Emérito, exercendo, dentre outras, a função de Conselheiro até seu falecimento em junho de 2013.

¹³⁰ Feira Hoje, Feira de Santana, 23 de janeiro de 1983, ano XIII, nº2.660.

Tietagem, Moraes Moreira varrendo a multidão com sua *Vassourinha elétrica*, e *Um frevo novo* composto por Caetano Veloso. As músicas daqueles anos estavam sintonizadas com o grande fenômeno do momento, o Trio elétrico.

O largo da Matriz era um grande palco onde sobrepunham no seu espaço muitos tempos e histórias da Lavagem. As canções cantadas nesse lugar movimentaram corpos e ritmos diversos, além de ter ditado comportamentos e sugerido novas maneiras de sociabilidade. Neste mesmo lugar só que em tempos diferentes aconteceram muitas formas de apropriação e vivências dos festejos, foi nela que muitos participantes dançaram ao som das Zabumbas e charangas nas primeiras décadas do século vinte como conta Boaventura (2006) e Lajedinho (2004).

Nesta mesma Praça, após ter seguido pelas ruas da cidade, os Zabumbeiros do Bonfim levavam os participantes ao êxtase da dança e divertimento como afirmava o senhor Antônio Ramos: “Era um fogo rapaz, e as músicas quentes, você sambava, quisesse ou não, você sambava”. Eram as bandinhas, o grande sucesso da Lavagem e da festa dita profana, com a chegada elétrica, o movimento, as performances dos sujeitos e sua forma de se divertir também se alteram.

Paralelo a tudo, isso começou a existir uma batalha pela permanência da tradição e a retirada do Trio elétrico na Lavagem de Santana. Esta batalha, noticiada nos jornais locais, alertava para os impactos na estrutura da festa, caso se mantivessem estes elementos modernos. Membros da Festa, como a própria Mãe Socorro, consideravam desnecessária a presença do trio elétrico, pois para eles o Trio descaracterizava o sentido original destes festejos. Realmente, o Trio elétrico é visto como um objeto estranho que parece mudar a formar de “carnavalizar” e da diversão dos feirenses.

3 A FESTA DE SANTANA: ESPAÇOS DE DIVERGÊNCIAS

Compreender as disputas e conflitos aflorados no campo religioso feirense, ao longo do século XX, a partir da festa em homenagem a Padroeira da cidade de Feira de Santana, além de entender como as relações de conflitos e disputas interferiram no próprio funcionamento e fabricação dos festejos e nos seus diversos espaços, bem como investigar as reações dos participantes do festejo frente a decisão de extinguir as Festas de Largo é objetivo deste capítulo.

3.1 A IGREJA CATÓLICA FEIRENSE: SEUS TERRITÓRIOS E “LIMITES”

Para começarmos falar sobre o campo religioso feirense, precisamos compreender inicialmente como se organizava e se distribuía a religião de maior predominância dele até os anos oitenta. O Catolicismo feirense teve suas raízes ainda no período colonial e durante muito tempo foi a religião majoritária na comunidade feirense. O símbolo da fé católica estava presente no cotidiano dos cidadãos e de suas práticas habituais. Era possível ver expressões da religiosidade em vários momentos da rotina na sociedade, seja em aniversários, em celebrações públicas e até mesmo como patronos de muitas instituições a exemplo das filarmônicas¹³¹.

Durante muito tempo a igreja Católica feirense não teve concorrente, por isso gozava de grande tranquilidade no comando de seu rebanho. Suas energias estavam voltadas para manter e fortalecer o seu poder simbólico frente à comunidade. Além de restaurar a fé católica no seio da sociedade no primeiro quinquênio do século XX, em especial quando o espaço do catolicismo passou a sofrer concorrências com a chegada de outras religiões. “Dir-se-ia que Nossa Senhora Santana não é mais a única protetora feirense. Outras divindades, entidades sagradas e musas também foram convocadas para proteger seus fiéis e seguidores, louvadas e hineadas por variados cantos e linguagens.¹³²”

Segundo Silva (2009) o campo religioso feirense entre os anos 30 e 90 se constituiu por uma diversificação de expressões religiosas a disputarem espaço e fiéis, estas também

¹³¹Discussão apresentada por Rollie Popino no seu livro Feira de Santana e Elizete Silva em artigo sobre o Campo religioso feirense: notícias e reflexões preliminares.

¹³² SILVA, Elizete. O Campo religioso Feirense: notícias e reflexões preliminares. In: **Stientibus**, Feira de Santana, n.41, jul/dez. 2009, p.44.

buscaram se estabelecer na cidade, mesmo sendo fortemente combatida pela Igreja e comunidade católica. Segundo Silva (2009) as primeiras notícias sobre a chegada de missões evangélicas na cidade, em seus estudos, ocorreram em 1937, após trabalho proselitista organizou-se a Igreja Evangélica Unida de Feira de Santana.

Anos depois em 1939 foi fundada a Assembleia de Deus com seu protestantismo de origem pentecostal. Nos anos 40 os Batistas começam a se estabelecer na cidade. Em 1941 os Batistas formaram a Congregação Batista e no ano de 1947 organizou-se a primeira Igreja Batista da comunidade feirense, após estes anos outras denominações de caráter protestante foram ocupando espaços na cidade.

O estabelecimento de denominações protestante na urbe gerou grande incomodo da Igreja Católica, pois foi colocado em risco o seu domínio religioso. Muitas atitudes foram tomadas, desde perseguições a atitudes de intolerância e ameaças aos fiéis que alugassem casas para os crentes realizarem seus cultos. O Jornal Folha do Norte era outro ferrenho crítico da presença dos protestantes na cidade.

O Jornal Folha do Norte era transmissor de parte da opinião da elite feirense letrada que desqualificava e considerava o protestantismo como uma religião de pessoas incultas. Paralelo a todos estes acontecimentos, outra expressão religiosas a se instalar na cidade foi o Espiritismo. Seus participantes em grande maioria eram pessoas mais cultas. O campo religioso feirense também tinha a presença dos cultos religiosos afro-brasileiro, também fortemente combatido e perseguido pela Igreja católica e batidas policias a fechar a todo tempo espaço onde ocorriam práticas religiosas de cunho afro-brasileiro.

O forte combate do catolicismo a outra expressões religiosas, em especial o protestantismo, está ligado ao próprio processo de reorganização e restauração vivido pela Igreja Católica brasileira. O resultado desta conjuntura se dar pelo processo de separação entre a Igreja e o Estado e a crise da República Velha. A Igreja brasileira precisava se reorganizar para sobreviver aos novos tempos.

Nesse período a Igreja passou por uma série de reformulações ligadas ao processo de ultramontanismo e da neocristandade que buscaram fortalecer o catolicismo de inspiração tridentina e dismantelar na medida do possível o chamado catolicismo popular. Neste período foi se inaugurando devoções de cunho mais clerical e sacramental no intuito de desprestigiar antigas confrarias e irmandades. Além de criar uma Igreja mais forte para combater protestantismo, espiritismo e as religiões afro-brasileiras.

O ponto mais alto da romanização da Igreja do Brasil como já fora discutido no capítulo anterior foi o Concílio Plenário Brasileiro de 1939, pois ele enquadrava efetivamente a Igreja no espírito Tridentino e Ultramontano. Feira de Santana parecia, nos anos 40, adotar o novo espírito a guiar a Igreja Brasileira com ações de enfraquecimento das confrarias e irmandades como podemos supor a partir dos estudos apresentados por Batista (1997) sobre a festa de Sant'Ana.

Apesar de existir uma carência de estudos sobre confrarias e irmandades na cidade de Feira de Santana, Batista (1997) sinaliza atitudes de intervenções diretas por parte da Igreja em instituições religiosas como o Apostolado da Oração que teve toda sua diretoria substituída a mando do Pároco nos anos trinta. Outra mudança feita pela Igreja agora nos festejos de ordens religiosas foi à proibição de toques de Banda musicais dentro da Igreja durante eventos religiosos. Tal atitude gerou muita insatisfação das Bandas de músicas como será discutido mais a frente.

A cidade vinha sentindo as mudanças pela quais ia sofrendo o discurso em defesa de uma festa da Padroeira mais pura e com mais força na parte religiosa. A ausência de parte da comunidade nos rituais litúrgicos não era algo presente apenas nos anos setenta e oitenta quando a festa de Sant'Ana foi ganhando um caráter de maior espetacularização embutido pela Setur quando a assumiu nos anos setenta. Podemos ver ainda no final da década de trinta a fala do Pároco e sua existência por uma festa mais litúrgica: “A Festa da Padroeira contínua com o brilho das anteriores... é uma festa de expansão popular. As missas são pouco concorridas. Há anos venho insistindo por uma homenagem mais perfeita a Sant'Ana, com pequeno resultado¹³³”

Paralela a toda esta discussão Feira de Santana vinha passando por uma série de transformações, e a longo passo parecia alcançar o almejado progresso. As mudanças instituídas ano a ano gravavam na cidade e também em seus marcos simbólicos alterações de pontos da cidade, ligada diretamente na formação de sua identidade.

Sendo um bom exemplo a modificação da feira de gado dos antigos currais públicos, para uma região mais distante do centro. Outro exemplo foi a relocação da famosa feira do centro da cidade para o Centro de Abastecimento. Nesse período as indústrias começavam a

¹³³1997, Apud. BATISTA, Silvânia Maria. Livro Tombo I da Catedral de Santana. In: Monografia de especialização. **Conflitos e Comunhão na Festa da Padroeira em Feira de Santana (1930-1950)** defendida na Universidade Estadual de Feira de Santana, no Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, 1997. (1930-1968). f.51.

chegar e por isso era preciso adaptar a cidade aos novos ares da mudança como identifica os estudos de Oliveira (2008) sobre Feira de Santana em seus tempos de modernidade.

Entre os anos 50 e 60 a cidade passava por transformações e ganhava cada vez mais importância e espaço na economia baiana e se apresentava com grandes potências financeiras, além de ser no estado da Bahia a segunda maior cidade. Este fator, entre outros, deve ter sido o motivo de em 21 de Julho de 1962 por decreto Papal de João XXIII pela Bula "Quandoquidemnovae", a cidade ter se transformado em Diocese.

Naquele ano a cidade parecia assumir uma nova importância para a Igreja Brasileira e possivelmente se tornaria um grande centro divulgador do Catolicismo na região. A diocese feirense foi um desmembramento da Arquidiocese de São Salvador da Bahia. Sendo o primeiro bispo feirense Dom Jackson Berenguer Prado (1962 - 1971), após seus nove anos liderando a diocese foi substituído por Dom Silvério Jarbas Paulo de Albuquerque (1973 - 1995).

Antes da chegada de Dom Silvério Albuquerque, a cidade ficou dois anos sem Bispo, pois o último havia sido transferido em 1971 para assumir a Diocese de Paulo Afonso. O novo Bispo tomou posse em 20 de maio de 1973. De origem Pernambucana, nasceu em Olinda, em 11 de março de 1917. Batizado com o nome Jarbas Paulo de Albuquerque. Teve seu nome alterado quando se ordenou, em 30 de maio de 1942, passando a se chamar Dom Silvério de Albuquerque.

Teve uma parte de sua formação na Alemanha, tempos depois de sua Ordenação se tornou em plena era Vargas diretor do Seminário Seráfico em Campina Grande – PB, também ocupou altas funções na Província franciscana sua Ordem de Origem. Tornou-se Bispo em 1970, e foi designado para assumir Caetité – BA e por lá esteve durante três anos antes de assumir a Diocese de Feira de Santana. Nos seus anos de pastorado foi responsável por criar novas paróquias, organizar o patrimônio do Asilo Nossa Senhora de Lourdes como fundação diocesana, além de restaurar a antiga sede do Bispado e fundar o Seminário Sant'Ana Mestra.

Coincidentemente a ocupação do Bispo acontece numa década pela qual a Igreja estava experimentando novas formas de se levar o evangelho ao povo. A América Latina e sua mais recente perspectiva de evangelizar fortalecia a chamada “Igreja dos Pobres”. A Igreja latino-americana lembrava a todos que não existe apenas um mundo moderno desenvolvido, mas também um submundo subdesenvolvido. Reformulações possíveis pelo

“Concílio do Vaticano II ao assumir como lema: não mais o anátema, mas a compreensão, não mais condenação, mas diálogo”¹³⁴.

Porém o Concílio gerou internamente na Igreja a formação de dois grupos os chamados “renovadores” ou “progressistas” e os “conservadores” como apresenta Azzi (1983). O grande defensor dos projetos dos conservadores fora o papa João Paulo II. Segundo Boff (2005) a grande característica deste papado foi à restauração da grande disciplina. O mesmo autor defende a ideia de que o Papado representou a tentativa de frear o que chamaria de “aggiornamento”(processo de modernização) da Igreja, sendo o grande pretexto usado pelo Papa João Paulo II a ideia de salvaguardar a identidade católica.

Para realização de seu projeto o papa não se opôs totalmente ao Concílio do Vaticano II, mas fez sua leitura na perspectiva do Concílio do Vaticano I, o qual centrava todas as ações da Igreja na figura do Papa, sendo ele infalível e dotado de poderes absolutos. Desde então começou o processo de restauração de uma igreja hierárquica onde o Papa estava no topo. No intuito de levar a frente seu projeto reescreveu o direito canônico, no qual enquadrou toda a vida da Igreja e também publicou um Catecismo Universal da Igreja Católica para oficializar o pensamento único dentro da Instituição. Além de combater diretamente religiosos ligados a ideias mais progressistas como a teologia da Libertação.

O novo bispo de Feira de Santana parecia caminhar pelas ideias dos conservadores como apresenta o estudo de Juvenal Santana (2012) quando levanta a possibilidade deste conservadorismo se dar como resultado de um posicionamento do clero feirense de maior passividade frente às questões políticas tão efervescentes nos anos da ditadura militar. Pelo depoimento do Bispo a uma revista sobre a questão do progressista x conservadores ele responde que tal situação “é uma coisa fictícia, uma criação, porque na verdade o que existe é que uns desse queriam mais renovação e outros são mais lento”¹³⁵

O Bispo nesta declaração parece está alheio às profundas transformações sofridas pela igreja brasileira em especial a inaugurada com as chamadas Comunidades Eclesial de Base- CEB’s, advento da igreja mais progressista. Além do envolvimento desta com movimentos sociais e comunitários. De fato a postura do Bispo se apresenta como conservadora, não observando a existência de conflitos no seio da Igreja brasileira, que internamente na sua formação era diversa.

¹³⁴Discussão feita por Leonardo Boff no texto O Papa de volta à grande disciplina. 2005 In:http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=N&cod=80393. Acesso 10 de dezembro 2010.

¹³⁵ Publicado na Revista Panorama da Bahia 01/12/1983, Ano I, nº06, p.17.

Seguindo uma postura de caráter restaurador, o Bispo feirense começa nos anos oitenta uma grande batalha para dar fim ao que considerava profanação do sagrado, as festas de largo associadas às festas religiosas. A extinção da festa de largo mais marcante fora o Bando Anunciador, a Lavagem e Levagem da lenha integrada à festa em homenagem a Padroeira da cidade de Feira de Santana. Além destas festas de largo findaram na cidade expressões de caráter popular, ligado a Igreja, como a Lavagem do Alto do cruzeiro. A atuação do Bispo foi bem extensiva na sociedade feirense.

Nos anos oitenta se fortaleceram nos jornais discursos vindo tanto do Cura Monsenhor como também do Bispo para extinguir a festa de largo, sendo um dos muitos argumentos o aumento de violência na festa, a poluição sonora das barracas e a invasão do profano no sagrado, além da ausência de fieis nas novenas e parte litúrgica. Porém as reclamações não pareciam tão contundentes a ponto de levar ao fim dos festejos de largo.

Na fabricação da festa dos anos setenta e oitenta passavam a existir três importantes elementos agregadores para sua realização: a Igreja, a Setur e o povo. Cada um se apropriava da festa com um sentido e intenções diferentes que parecem não mais se convergirem. A Igreja a cada ano estava perdendo espaço para festa de largo e o foco das homenagens a Orago parecia se centrar muito mais nas expressões e performances praticadas pelos populares presentes especialmente na lavagem e na Levagem.

O clero feirense começava a compreender no que a festa estava se tornando e isto se confirma mais fortemente com o surgimento da Secretária de turismo que passou assumir parte dos festejos e desejou torna-lo um produto turístico. A Festa de Sant' Ana a cada ano ganhava dinâmica própria complexizando suas formas de ser e se organizar. À medida que os anos passavam, a festa ganhou maiores proporções e seu público cresceu, o Secretario de Turismo Itaracy Pedra, no ano de 1984 declarava: “O aumento no volume de público, a cada ano que passa está a exigir uma mudança na estrutura da festa, a fim de absorver todo público frequentador. Há tempos atrás, se fazia uma festa para 10 mil pessoas. Hoje o público previsto é de 200 mil participantes no mesmo espaço físico¹³⁶”.

Mas a Igreja Católica parecia não aceitar esses novos tempos e os comportamentos dos participantes nos festejos, como também as intenções de dar a festa de largo proporções maiores que já tinham, pois isto representava o enfraquecimento da parte litúrgica e tirava todo o sentido de representação a qual o Catolicismo feirense desejava apresentar a sociedade.

¹³⁶ Declaração publicada no Jornal Feira Hoje, Feira de Santana, 07 de janeiro de 1984, Ano XIV nº 2946. p5.

Naquele momento a Igreja compreendia todo o sentido da Festa e seu potencial de ser um lugar aonde tranquilamente poderia se proclamar novos valores, e poderia desenvolver uma espécie de pedagogia religioso-educativa. Ela também entendia que a festa podia ser um importante instrumento para divulgar e legitimar suas representações de fé e doutrina Católica. Perder o controle de uma das mais importantes festas da cidade podia significar a perda de espaço conquistado pela Igreja na sociedade feirense ao longo do século XX.

Tomar a decisão de separação da festa de largo da parte litúrgica se apresentava como uma faca de dois gumes para Igreja, pois poderia por em risco todo o seu prestígio e respeito conquistado ao longo de décadas. Sendo o resultado disto, a grande insatisfação de seu rebanho que se afastaria de vez da Igreja. E confirmaria o quanto seu poder simbólico no campo religioso feirense estava se fragmentando com o crescimento de outras religiões na cidade.

Porém não fazer a separação significava para o bispo revalidar a profanação e reforça o pecado como podemos ver em seu discurso moralizante ao dizer “se não há mais sentido religioso na festa, o melhor é acabar, não fazer está bagunça para dar oportunidade a se pecar mais¹³⁷”. Seu objetivo também era de não por em risco a credibilidade do Clero feirense frente à comunidade, uma vez que esta poderia imaginar, segundo fala do próprio Clero, que a igreja aceitava todas estas profanações praticadas nas festas de largo.

Seus discursos pareciam ser uma estratégia para comover a população da sua decisão em acabar a festa. Em 25 de janeiro de 1987, logo após a novena de Sant’Ana, o Monsenhor leu uma carta¹³⁸ que se dirigia a ele, a Dom Silvério e ao Prefeito José Falcão responsabilizando-os pelos desrespeitos à religião, pelas grandes obscenidades que aconteciam durante a lavagem e pela falta de ação para solucionar a situação, Renato Galvão faz sua defesa apesar de concordar com a carta e expressar a necessidade de acabar com a festa, uma vez que a prefeitura investia mais do que arrecadava e a Igreja não conseguia levantar fundos suficientes.

Porém havia uma grande contradição na fala do Cura a respeito da pouca arrecadação feita pela Prefeitura, uma vez que ele acusou a Prefeitura municipal no ano de 1983 de fazer grande arrecadação e focar apenas na festa de largo se esquecendo da festa religiosa e de dar

¹³⁷ Feira Hoje, Feira de Santana, 08 de janeiro de 1981, Ano XII, nº2291, p.03.

¹³⁸ A carta foi escrita pelo Senhor Pedro Félix um cidadão Feirense que residiu em São Paulo durante muito tempo e se mostrou estarecido diante das cenas que presenciou na Lavagem de 1986. Feira Hoje, Feira de Santana, 25 de janeiro de 1987, Ano XVII, nº3963. p05.

um maior apoio as comissões. A festa podia não levantar fundos suficientes para Igreja, mas não foi o que pareceu acontecer no ano de 1984 quando a comissão conseguiu levantar fundos e com apoio da prefeitura, do governo do estado e da própria comunidade realizou grande reforma na Igreja¹³⁹.

Com a estratégia de desqualificar a festa e sua forma de acontecer a Igreja parecia ganhar mais folego para por em práticas seu projeto de extinção da festa de largo. A festa não acabou houve modificações em sua forma de se organizar. Quando migrou para o mês de julho a festa ficou resumida apenas a parte litúrgica e procissão.

A retirada do popular de cena significou uma grande cartada para a Igreja, pois ao mesmo tempo conseguiu acabar com dois elementos de risco. Primeiro dissociou a festa do popular e do que considerava profanação. Extinguiu as intenções da Setur em tornar a festa um elemento turístico, no qual o foco seria as festas de largo por atrair um grande contingente de pessoas e terceiro deixou ter concorrentes na sua realização, pois minimizava a crise das comissões em arrecadar donativos para montagem da festa. Uma vez que não precisava concorrer com as festas anteriores a janeiro como o Natal da Kalilândia e a festa do alto do Cruzeiro e nem com a micareta que via depois da festa da Padroeira.

Algumas conclusões foram levantadas em estudos feitos sobre os motivos para seu fim. Entre os argumentos para o fim das festas de largo e sua remoção de janeiro para julho conservando apenas sua parte litúrgica fora discutido por Brito. Ele defende a ideia que houve a “impossibilidade de manutenção de “acordo”, que durante várias décadas possibilitou o convívio de formas diferenciadas de louvor, no mesmo espaço festivo, para diferentes personagens” (2006, p.81). Porém não podemos deixar de vislumbrar que seu fim está diretamente ligado a ressignificação deste acordo, atendendo a uma estratégia da Igreja e, em certa medida, com anuência do Poder público, quando não enfrentou de frente a Igreja para atender a um pedido dos populares em restaurar a festa. Podemos perceber que um novo acordo foi firmado, mas não houve a participação de todos para sua concretização.

¹³⁹ As notícias sobre a reforma pela qual a Igreja passou foi publicada no jornal Feira Hoje, Feira de Santana, 22 de janeiro de 1984, Ano XIV, nº2961, p.05.

3.2 PROCISSÕES DE SANTANA: ESPAÇOS DIVERSOS

Os preparativos para Procissão tinham início pela manhã com a missa solene na Igreja Matriz. A partir das dezesseis horas o comércio, como historicamente acontecia, fechava suas portas a espera do desfile do Séquito. Este preenchia as ruas com milhares de pessoas que iam reforçar sua fé e prestar suas homenagens a Padroeira da cidade. Era um dia marcado por grandes performances de expressão da religiosidade católica.

Seu percurso era semelhante das festas de largo. Entre os anos 50 e 80 o préstito iniciava-se na Praça Padre Ovídio (Matriz) fazendo o contorno na rua Monsenhor Mário Pessoa (na Presidente Dutra da Matriz até a Casa de Saúde Sant'Ana), Senhor dos Passos seguia até a Praça Dom Pedro II (Nordestino), Rua General Câmara (próximo do Najé), Praça Fróes da Mota, Igreja dos Remédios, Rua Conselheiro Franco e por fim Praça da Matriz em frente a Catedral como pode ser melhor visualizado no mapa em anexo.

Após sair da Igreja Matriz, o cortejo era acompanhado no primeiro quinquênio do século XX pelas irmandades, confrarias e outras associações religiosas. Estas levavam para o préstito suas insígnias, seus estandartes e imagens como representação de símbolos que a identificavam e permitia aos observadores compreenderem os princípios fundamentais da formação de cada grupo deste¹⁴⁰.

Além daquelas compunham o desfile o Clero local, as autoridades da cidade e outros. No cortejo se faziam presente também os representantes do funcionalismo público e das corporações, todos eram embalados pela musicalidade entusiástica das filarmônicas distribuída ao longo da procissão.

Um sorteio realizado pela comissão da festa definia o dia e horários para cada filarmônica fazerem suas apresentações, sejam elas como retretas, tocatas ou seratas durante os vários dias do evento. Entre as filarmônicas existia uma disputa pelos melhores espaços da festa, sendo um deles tocar no coreto logo após a primeira novena, que marcava a abertura dos festejos.

Prestígio para filarmônica também era poder tocar na Igreja no dia Magno da Festividade, pois neste dia estavam presente os convidados vindo de outras cidades ou outras instituições para dar seguimentos aos atos litúrgicos e as oratórias em honra a Sant'Ana.

¹⁴⁰ A discussão sobre símbolos e seus significados está presente na obra de Mary Ryan em seu texto A parada Norte-americana: representações da ordem social do século XIX. IN: HUNTY, Lynn. **A nova história cultural**: Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo. Martins Fontes. 1992.

Porém os dois lugares de maior destaque a se conseguir era sair à frente do andor da Excelsa Matriarca e tocar no encerramento dos festejos.

A procissão de Sant'Ana pode ser pensada como uma linguagem de comemorações públicas. Pois além de ser complexa, assume um caráter de múltiplos sentidos e usos feitos de distintas formas pelos seus participantes e observadores. Em seu processo de funcionamento muitas vezes, ela foi apropriada e praticada a partir de diferentes interesses pelos grupos que dela participou.

Observando a passagem de uma procissão pelas ruas da cidade de Feira de Santana em seus vários tempos históricos é possível extrair de seu ordenamento e funcionamento muitas leituras das representações ciclicamente repetidas e reinventadas pelos partícipes dos festejos. Permitindo-nos acessar relações existentes na sociedade feirenses entre a Igreja e outros setores sociais como o político, empresarial e até mesmo cultural, uma vez que o Préstito representa um recorte da estrutura social e urbana da cidade, onde possibilitava as encenações dos papéis de caráter simbólico dos participantes do desfile.

O Préstito da Padroeira era um espaço aberto a muitas performances culturais sejam para expressar as renovações dos laços da comunidade católica com sua Padroeira ou até mesmo reforçar a força do Catolicismo como religião predominante na comunidade feirense. A Procissão podia assumir também um espaço de disputas e até mesmo de conciliações de diferenças políticas e religiosas presente no seio da sociedade feirense.

Como expressão de renovação da fé podemos notar a dedicação a qual as Irmandades e Corporações prestavam no momento de ornamentar seus santos para ser levado na procissão, nas décadas iniciais do século XX. Na medida em que os anos foram se passando as irmandades e Corporações de leigos foram perdendo espaço, resultado do novo comportamento doutrinário assumido pela Igreja na república.

As reformulações da doutrina da Igreja Católica brasileira sofreu grande influência da neocristandade como aponta Mainwaring (1989). Tal doutrina tinha um caráter conservador e se baseava no ultramontanismo, que pregava uma maior racionalização dos cultos e também o distanciamento entre a Igreja e as sociedades de leigo e, além disso, das expressões de um catolicismo popular.

Seguindo os princípios da nova doutrina absorvida pela Igreja foi possível identificar, através das fontes, como a Igreja feirense interferiu na produção do evento a Sant'Ana durante todo século XX e em especial nos últimos anos em que a festa ocorreu no

mês de janeiro. Neste período as comissões foram definidas pela Igreja em consonância com o Prefeito municipal¹⁴¹. Os nomes a presidir a procissão nos anos iniciais do século eram definidos, pela Irmandade de Sant'Ana em comum acordo com o pároco, mas ela e outras Irmandades foram perdendo espaço e sofrendo um processo de esvaziamento principalmente após o Código canônico de 1938.

Na medida em que as Irmandades foram perdendo espaço de sobrevivência no campo religioso feirense às ornamentações dos andores pelo que se pode constatar foram sendo assumidas pelas famílias, que tinham grande honra em poder embelezar a Santa a qual ficava responsável. Cada família assumia a responsabilidade de cuidar de um santo da Igreja, na ausência de um zelador para um santo o Pároco designava a tarefa algum membro da comunidade. Como aconteceu com Dona Carolina que ao chegar à cidade foi convidada a ficar responsável pela ornamentação do andor de São Benedito e de São Vicente nos festejos a Sant'Ana¹⁴².

O cuidado aos Santos da Catedral não se resumia apenas ao dia da procissão, mas se estendia para todo ano ou mesmo para uma vida Católica como explicita o Senhor Antônio Ramos:

A Matriz era bonita, uma pintura bonita, os altares todos com toalhas, os altares todos com fitas, de acordo com a zeladora de cada altar. Lembro-me bem que o Altar de São José que desmancharam estupidamente, ignorantemente, desmancharam o altar de São José, um altar que é muito mais velho do que eu, os casamentos mais grã-finos de Feira de Santana aconteceram naquele altar e a Dona Josefa era a zeladora, era uma Senhora respeitosa e cuidava desse altar como dela. Santo Antônio era de Amanda, Santo Antônio e Nossa Senhora do Carmo, aquele altar também com toalhas grã-finas tal, tal, tal. O Seu Coração de Jesus era Dona Tibúcia, uma florista de primeira qualidade, inclusive fez muitas flores para capela do Tomba e etc. No outro lado o Altar era de Nossa Senhora da Vitória o altar era da Professora Sidrônia, o do Coração de Maria não me lembro bem, quem era e o de São Miguel também eu não me lembro. Mas esses altares todos com estrados, esses altares todos com esses estrados cobertos de tapetes, esses altares todos com toalhas importantes e bordadas ou pintadas em suas fitas, flores todos os dias ou de três em três dias aquelas flores eram trocadas¹⁴³.

A descrição do Senhor Antônio Ramos nos dar elementos suficiente para depreender o papel do catolicismo na vida desses Zeladores de santo, além do espaço ocupado por ele no

¹⁴¹A Igreja definia os presidentes da Comissão da Festa da Padroeira como ficou claro no depoimento do Senhor Antônio Ramos, que foi convidado pelo Cura da Catedral Monsenhor Renato Galvão para presidir a Comissão do evento de 1979. Monsenhor juntamente com a Prefeitura Municipal na Gestão do Prefeito José Falcão convidou para organizar os festejos de 1985 e 1986 o empresário Oscar Marques e no ano de 1987 o empresário Everton Cerqueira.

¹⁴² Discussão presente no Jornal Feira Hoje, Feira de Santana, 28 de janeiro de 1981, Ano XI, nº2002, p.03.

¹⁴³ Entrevista concedida pelo Senhor Antônio Ramos a Rennan Pinto de Oliveira em 05 de fevereiro de 2013.

seio da sociedade feirense. Cultuar os santos pelas múltiplas expressões de zelo, orações e outras formas, foi herança de um catolicismo advindo da colônia.

Pela extensão territorial do país e distância da metrópole foi muito comum na colônia a grande ausência de padres para levar os colonos uma doutrina mais próxima da Santa Sé. Este fato levou as comunidades e os colonos a desenvolverem um catolicismo popular com práticas culturais bem distintas do Catolicismo português. As novas práticas reinventadas e apropriadas pelos colonos na sua forma de praticar o Catolicismo e prestar culto aos seus santos parecem perdurar na contemporaneidade brasileira¹⁴⁴.

Os cultos praticados pelos devotos destes santos parecem ter múltiplas funções, que vão do agradecimento as graças alcançadas até solicitações de pedidos para empreendimentos importantes na vida dos féis tanto de cunho particular como coletivo. Para muitos destes devotos o santo representava um mediador entre o homem e Deus, podendo auxiliá-lo mais rápido no atendimento de seus desejos¹⁴⁵.

O cuidado prestado aos santos poderia representar para as famílias da sociedade feirense devoção ou até mesmo gratidão por graças alcançadas. Isto explica o fator motivador da dedicação e manutenção de muitos destes altares com investimento próprio durante longos anos. Um grande exemplo de devoção era da família Portugal que durante décadas ornamentou nas procissões o andor de Sant'Ana, como pagamento de promessa¹⁴⁶.

A passagem dos andores dos santos pelas ruas da cidade sempre geravam no público explosões de emoções, sejam com aplausos, com cantos sacros, espocar dos foguetes e o balançar dos lenços coloridos. Todos os olhares se voltavam afim de ver as imagens carregadas nos andores, ficavam lotadas “calçadas, as janelas das casas e até do hospital como ocorreu na Casa de Saúde Sant'Ana para verem a procissão passar”¹⁴⁷.

Durante o Préstito era comum se formar um grande cortejo que podia alcançar mais de dois quilômetros de extensão. No ano de 1980 ele foi composto por uma soma de mais de trinta mil pessoas. O cortejo tradicionalmente era aberto pelo andor de São Benedito no ano de 1981 ele foi conduzido por “negros, que, por final constituíam maioria absoluta entre os

¹⁴⁴ Discussão levantada por Cândido da Costa e Silva. In: **Os Segadores e a messe o clero oitocentista na Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2000.

¹⁴⁵ Discussão feita por HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro (1500-1800)**. Petrópolis: Vozes, 1974.

¹⁴⁶ Informação retirada do Feira Hoje, Feira de Santana, 29 de janeiro de 1981, Ano XI, nº2003, p.03.

¹⁴⁷ Feira Hoje, Feira de Santana, 31 de janeiro de 1980, Ano X, nº1704, p.03.

que acompanhavam o Santo. Além disso, os cânticos entoados tediavam para ritmização africana, lembrando velhos lamentos do século passado”¹⁴⁸.

Os andores traziam em si diversos significados para quem o acompanhava, pois permitia mais uma forma de estreitar os laços dos devotos com seus santos mais preferidos. Eles também podiam representar uma forma de distinção e medidor do número de devotos por Santos. Um exemplo foi na procissão de 1980 quando “os andores foram carregados com distinção e enquanto imagens como de Nossa senhora Aparecida ou São Joaquim foram disputadas, as de São Sebastião e São Vicente foram acompanhadas por seis a dez pessoas.”¹⁴⁹.

Enquanto alguns Santos no universo católico feirense parecia terem menos prestígio frente à comunidade, pelo fato de exercer uma menor influência na relação de fé e devoção dos participantes com catolicismo e também por não fazerem parte da história cotidiana destes devotos. O andor de Senhora Sant’Ana se imiscuíam de valores e trazia embutido em si todo o sentido da festa. Primeiro por ser toda a razão da festa e da procissão sendo as outras imagens uma espécie de convidados para prestigiar a grande homenageada.

Segundo, a imagem de Sant’Ana trazia sentidos sagrados e também de prestígio para quem dela se aproximasse. Seu espaço era o mais disputado dentro da procissão, estavam sempre próximo dela grupos mais abastados, políticos, a comissão da festa e até mesmo membros do clero. “A imagem de Sant’Ana chegava a praça carregada por dezenas de pessoas, que disputavam uma pontinha do andor”¹⁵⁰.

Sendo um lugar bem demarcado, se tornava mais difícil à aproximação dela outras pessoas que não fizessem parte destes grupos. Durante a procissão até pessoas mais abastadas se disponibilizavam para carregar o andor da Santa. Esta prática foi comumente vista durante o século XX. Foi comum também e teve mais destaque nos anos oitenta a formação de cordões de isolamentos em torno do andor da Santa com objetivo de estabelecer um distanciamento de curiosos e outros, da ala dos políticos e autoridades públicas presente na procissão.

Este fato reforçava as fronteiras dos lugares a serem ocupados por alguns grupos sociais, além da reprodução e a manutenção da estrutura social, mesmo numa manifestação de

¹⁴⁸ Feira Hoje, Feira de Santana, 28 de janeiro de 1981, Ano XI, nº2002. P.03.

¹⁴⁹ Feira Hoje, Feira de Santana, 31 de janeiro de 1980, Ano X, nº1704. P.03.

¹⁵⁰ Ibidem.

caráter público. Isto reforçava simbolicamente a distância deste grupo com a população comum, além de diferenciar os papéis assumidos por eles na comunidade feirense.

No início do século XX, outro demarcador das diferenças sociais foi o vestir-se para a festa, em especial para poder assistir as novenas e sair na procissão. Este aspecto foi reforçado pela mídia jornalística da época, tornando-se um costume dos festejos que habitou durante muito tempo, o imaginário coletivo da sociedade feirense. Tal ponto era igualmente reproduzido nas discussões e narrativas dos memorialistas que vivenciaram estes festejos.

Era possível ver tal ponto na publicação do jornal de maior circulação na cidade na década de 30 com tom de convocação: “para render as homenagens de sua fé à Celestial intercessora de sinceras preces e rogos a Feira Católica ostentará, em sua romagem o belo santuário, suas melhores vestes como um testemunho do incomparável acatamento e indiscutível veneração a Santa do Orago¹⁵¹”.

Alguns espaços da festa pareciam ser ocupados por poucos privilegiados ou outros que faziam um maior esforço para poderem participar de forma direta na festa como expressa um dos participantes nos anos trinta e quarenta:

R.O: Começou a participar da festa quando?

A.R: Com 10 anos em procissões... Ia só pra procissão assistir a... Éramos pobres, a festa de Santana era uma festa de muito luxo, tinha pessoas que trabalhavam o ano inteiro pra fazer uma roupa pra ir pra a Festa de Santana que era no domingo de janeiro, então depois da festa de Santana, no domingo, outra roupa para a procissão na quarta-feira, então era um luxo tremendo, a gente não tinha esse luxo todo. Ia lá muito pouco ou não ia. Agora na procissão sempre a gente ia e ficava de longe e víamos a procissão passar e etc..

R.O: E porque à distância... Porque a escolha de ficar distante de não fazer parte da procissão?

A.R: Era porque o luxo era muito grande e nos éramos humildes.

R.O: O pai do Senhor, a família do Senhor, em geral?

A.R: Minha mãe, meu pai, alguns parentes andava sempre um pouquinho à distância para não se misturar com aquela gente fina, com aquela gente fina, grã-fina. Era cada vestido, cada roupa que você ficava admirado. Eu tinha uma tia que morava aqui perto, ela tinha uma filha e essa filha, era uma filha e um filho, o filho não era muito ligado à igreja não, mas a filha, ela trabalhava o ano inteiro para dar o vestido da filha do domingo e da quarta-feira, quando essa minha prima passava aqui, não tinha carro era a pé, todo mundo via o charme da menina passando aqui, a meninazinha pobre mais com um luxo daquele, ia pra Festa de Santana.

R.O: Quer dizer a mãe fazia um grande sacrifício...

A.R: Para a filha. Isso ela passava no meio dos grã-finos como grã-fina também. Pelas roupas.

R.O: Isso foi mais o menos em que período? 1938, 1940?

¹⁵¹ Folha do Norte, Feira de Santana, 24 de janeiro de 1931, Ano XXII, nº1123, p.01.

A.R: Não! Em 40 não... na década de 30, porque Eu sou de 28 e isso Eu era garoto de 8, 10 anos, 28 com 12 dá quanto? 30 né? Dá... 1930 não. 30 já estava crescendo, já estava com... Eu sou de 28... 2 anos... 30... 38... dez anos¹⁵².

Olhando o depoimento com um maior cuidado é perceptível ver como a representação de um grupo social foi de alguma forma internalizada, pelo depoente e como este e sua família incorporaram as regras do jogo da estrutura social estabelecida. A festa parecia ser um lugar onde ele sua família não podiam participar pelo fato de não terem instrumentos simbólicos que o identificasse com os grã-finos. Diferente de sua prima que fazia um esforço para poder está próxima ou no mesmo patamar daqueles grupos sociais. Não podemos definir este exemplo como regra geral do evento uma vez que ele permitia múltiplas vivências e experiências.

Podemos afirmar que as representações absolvidas pelo depoente foram socialmente estruturadas por aquele grupo social, gerando conseqüentemente a criação de esquemas de percepção e de juízo, no âmbito pessoal e coletivo. Estes esquemas fundamentavam as formas de pensar e de agir dos indivíduos no âmbito da procissão como em todo festejo.

O comportamento da família do depoente frente à procissão parecia como algo que fora inserido nas ações e mentalidade deles, diante de introjeções tanto no estado objetivado (monumentos, livros, teorias), quanto no estado incorporado, sob a forma de disposições. São nestas introjeções que se processa o *habitus* fundando condutas regulares, que permitiam prever práticas — das “coisas que se fazem” e as “coisas que não se fazem” em determinado campo¹⁵³.

A Procissão de alguma forma estabelecia uma ordem hierárquica que deveria ser reproduzida pela comunidade feirense. Apesar de ser apresentada como um movimento de caráter sagrado e ordens divinas, a festa na sua estruturação tinha profundas características temporais. Tendo durante muito tempo sua organização sobre o domínio dos grupos mais abastados da cidade.

Na produção das homenagens a Padroeira fica claro que muito destes grupos, tanto os que produziram os festejos, quanto os que dele participavam, desenvolveram múltiplas práticas e também se apropriaram de forma diversa dos materiais simbólicos que circulam em

¹⁵²Entrevista concedida pelo Senhor Antônio Ramos a Rennan Pinto de Oliveira em 05 fevereiro de 2013.

¹⁵³Discussão levanta por Pierre Bourdieu no seu livro **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

torno deste evento. Eles deram lugar e usos diferenciados e opostos dos mesmos bens simbólicos produzido pela festa¹⁵⁴.

Muitas vezes, os usos, as práticas e as apropriações que estes grupos fizeram da Festa e da procissão gerou choques de representações e conflitos que se desdobraram em diversos fatos ocorridos dentro do festejo. Segundo Chartier, “não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido a seu mundo”¹⁵⁵.

O choque de representação que trouxe um maior agravamento para a procissão colocando em risco sua ordem aconteceu no ano de 1979. Quando o presidente da comissão responsável pela festa de Sant’Ana renunciou o cargo por não ter sua reivindicação atendida e compreendida pelo Cura da Igreja na época. O presidente da comissão, o Senhor Antônio Ramos, solicitou que as Baianas do Terreiro de Mãe Socorro não fossem a procissão vestida com suas roupas de baianas, pois segundo ele estas faziam referência ao candomblé.

Muitos debates foram gerados em consequência deste fato, houve várias publicações no jornal e depoimentos de Monsenhor Renato Galvão, do Bispo Dom Silvério e de todos os outros envolvidos na querela, e em especial o Senhor Antônio Ramos:

A.R: Antes de assumir a presidência. Vim pra aqui ((a casa dele)) fiz um listão, eram 12 itens dizendo o que era preciso. Ai ele citou não sei quem, citou não sei quem, que era também assim, que todos eram filhos de Deus. São filhos de Deus, mas nem todos estão agindo de acordo com o Evangelho, de acordo com a Igreja. Era porque era uma esculhambação, está certo que elas façam lá o que quiserem, façam sua feitiçaria, faça/ faça o que quiserem, mas misturando as coisas ((num tom de indagação e reflexão)). Ninguém vai aos candomblés delas, ninguém ia lá aos candomblés dela fazer (???) ela tava dando santo, tava fazendo o quê/ ninguém vai lá. Como é que agora elas vêm pra procissão de Santana: a Festa máxima do município? Porque, quer queira quer não, a festa de Santana é a maior festa de Feira de Santana, a maior festa hoje da Arquidiocese. Então como é que essa gente vem se intrometer e justamente para aparecer, e aparecer não como católicos, aparecer como Pai de Santo e Mãe de Santo, não aceitava de jeito nenhum e não aceitava e não aceito porque é uma coisa totalmente contrária. Elas façam as coisas delas... Pode até participar, como eu disse: vocês vão ((sem roupa)) porque tinha até nome na testa, o torço, a jarra de perfume, a mesma coisa de uma lavagem. Procissão é uma coisa, lavagem é outra coisa. Procissão é um ato religioso, lavagem é um ato folclórico. Há diferença entre religião, entre religioso e folclórico. Aí eu não aceitei. Aí quando eu vi que falhou mesmo, renunciei e elas saíram. O Colbert Martins, eu soube, foi ele que botou na frente, por que elas iam atrás, diz que quando chegou

¹⁵⁴ Discussão sobre Bens simbólicos pode ser aprofundada nos estudos Pierre Bourdieu no seu livro **O Poder Simbólico e A economia das trocas simbólicas**.

¹⁵⁵ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 11, n. 5, jan-abril 1991.p.188.Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext. Acesso em: 20 ago. 2010.

bem naquela curva da Casa de Saúde Santana, diz que ele botou na frente, botou elas na frente. Então é porque queriam mesmo era...¹⁵⁶

Pela análise da entrevista podemos perceber a tensão gerada pelos conflitos em torno da questão das vestimentas das baianas, mas podemos extrair da entrevista muitos outros dados no que se referem aos olhares e imagens construídas da sociedade feirense sobre a cultura afro-brasileira e quanto está incomodava em alguma medida parte da população feirense.

As baianas com vestimentas e indumentárias da cultura afro só apareceram com maior vigor na festa de Sat'Ana a partir da década de quarenta, quando as políticas de censura aos cultos afros na cidade de Feira de Santana ficaram mais flexível a presença destes elementos nos festejos em comemoração a Orago¹⁵⁷. Até então muitos dos participantes do candomblé ou ditas baianas iam para lavagem com roupas mais discretas como fala o memorialista Boaventura que “ velhas raparigas, agora de respeito, de idade provecta, que se apresentavam de saia bem rodada e bata aberta em rendas, como costumava vestir-se” . Além de saírem na multidão mulheres com seu “púcaro de água, geralmente modestos moringues empapelados, com ramos de canafístulas na boca”. (BOAVENTURA, 2006, p.21-22).

Segundo o memorialista os festejos da lavagem eram do “tipo de ex-voto sui generis, função inteiramente de caráter popular, mas sem nenhum vislumbre de feiticismo. Nada de coisa de nagô” e ainda “dir-se-ia que é coisa de negro africano, estes batuquejés pelas ruas. Não eram. E sim coisa de luso, que modelou este barro por aqui e se adaptou. Não nos deu o preto tanta tradição por aqui no sertão” (BOAVENTURA, 2006, p.20).

A reflexão de Boaventura demonstra a representação que boa parte da sociedade feirense tinha sobre a festa e como a liam e a interpretava. Neste período a sociedade feirense era de predominância Católica, bem como apresenta os estudos de Silva (2009), em sua análise sobre o campo religioso feirense. O Catolicismo expurgava qualquer outra expressão religiosa que não fosse Católica e lutou para que outras denominações não obtivessem espaço para professar sua doutrina no seio da comunidade feirense.

O olhar de Boaventura sobre as expressões afro na festa eram imbuídos, daquela concepção Católica onde a verdadeira fé deveria ser de sua doutrina, e de outros valores absolvidos de uma cultura nacional que negava as práticas culturais negras. Parte das práticas

¹⁵⁶ Entrevista concedida pelo Senhor Antônio Ramos a Rennan Pinto de Oliveira em 05 de fevereiro de 2013.

¹⁵⁷ Os estudos sobre a presença negra na festa foi realizado por Adriana Silva Teles. In: Presença negra na festa de Santana: (1930-1950). Feira de Santana, 2000. Monografia (Especialização, História/História da Bahia) – Universidade Estadual de Feira de Santana.

culturais dos negros que foram aceitas pela sociedade brasileira foram folclorizadas e transformadas em objetos amorfos. Uma vez que a cultura distanciada de seu contexto e de seus interlocutores se esvazia do seu verdadeiro sentido¹⁵⁸.

Sendo o senhor Antônio Ramos interlocutor da Igreja ele insistia em revalidar a ideia de que o lugar das baianas na festa deveria ser no espaço onde aconteciam as expressões de caráter folclórico e não na procissão. O espaço do séquito deveria ser um lugar reservado apenas as expressões da fé cristã. O depoente não foi o único a insistir no discurso sobre a necessidade de não misturar as religiões e de disciplinar a presença da Ialorixá no préstito da Advogada Celestial.

No ano de 1980, o então presidente¹⁵⁹ da comissão colocou sob as mãos da Igreja a decisão sobre a saída das Baianas na procissão. O porta voz da Igreja, Monsenhor Renato Galvão, decidiu não tomar conhecimento sobre a participação delas no Préstito, mas não deixou de declarar: “ não as convidei, não proíbo, não tomarei posição alguma a um ato público de rua, mas se não comparecessem seria melhor e mais autêntica. Umbanda é muito diferente de sincretismo religioso”¹⁶⁰.

As declarações de Monsenhor não deixavam de trazer um posicionamento da Igreja frente às ações das Baianas, inclusive acusavam-nas de Umbandistas. Seu posicionamento foi bem diferente do ano anterior quando buscou intermediar os conflitos entre a comissão da festa e as Baianas. O assunto da presença das baianas parecia pairar no ar e gerar incomodo mesmo após 1979 com o fato da renúncia do presidente da comissão.

Três anos depois nos festejos de 1983 o então presidente da Comissão sugeriu que as Baianas participassem do Préstito sem suas tradicionais roupas, e também convocou uma reunião para discutir o sincretismo religioso nas festas. O Presidente da comissão em declaração “adiantou que irá disciplinar a participação das Mães e filhos de Santo durante a procissão. Mãe Socorro e outros terreiros não ficarão na frente do andor de Nossa Senhora, como aconteceu com a procissão do ano passado, quando elas tomaram o lugar do Apostolado da Oração”¹⁶¹.

¹⁵⁸ O aprofundamento desta questão pode ser vista na discussão feita por Michel de Certeau no texto A Beleza do Morto, no qual ele analisa como parte da cultura é transformada em folclore.

¹⁵⁹ O Jornal Feira Hoje se refere a dois nomes como presidentes da comissão do ano de 1980 primeiro Aurelino Silva Filho e segundo José Francisco do Amaral. Pelas leituras feitas não houve mudança de presidente neste ano. A hipótese é que tenha havido um erro na publicação, mas não tivemos como confirmar concretamente o nome.

¹⁶⁰ Feira Hoje, Feira de Santana, 09 de janeiro de 1980, ano XI, nº1859, p.05.

¹⁶¹ Feira Hoje, Feira de Santana, 14 de janeiro de 1981, ano XI, nº1864, p.05.

Neste mesmo ano, Mãe Socorro ameaçou não sair na Lavagem e na Levagem da Lenha, caso fosse suspensa sua saída na procissão de Sant'Ana. Após diálogos, o risco da ausência de Mãe Socorro e suas filhas de Santo foi suspenso, desde que ela obedecesse à ordem estabelecida pela comissão e saíssem no local determinado pela mesma. Ela parecia está com seu capital simbólico desgastado, uma vez que não foi ouvida nem pelo Monsenhor e nem pela Setur. Sobre a ameaça de não sair nos eventos de largo, a Setur declarou que ela não poderia fazer isto uma vez que já havia recebido o patrocínio repassado pela Prefeitura para confeccionar as roupas das Baianas.

Até aquele momento Mãe Socorro havia inventado instrumentos táticos para permiti sua presença na procissão. E durante um tempo conseguiu escapar do “controle” da Igreja, se mantendo no ato religioso, apesar dela ter se apropriado deste evento com outros sentidos. Naqueles anos a Ialorixá parecia efetivamente quebrar a lógica da ordem dominante e reinventava um lugar para ela e suas filhas na procissão e na sociedade feirense, num continuum movimento de bricolagem¹⁶².

A procissão se apresentava como um espaço não apenas para revalidar a fé católica, mas também de revalidação de algumas diferenças sociais vividas pela sociedade feirense do período. Ela era um lugar de múltiplas vivências e permitia o afloramento de questões embotadas na mentalidade da comunidade do período. Ela também era um espaço aberto tanto para o poder público com suas intervenções na estruturação dos festejos e a comunidade com suas expressões de fé e solidariedade para fazer o evento acontecer ano a ano.

3.3 OS FABRICANTES DA FESTA E SUA RELAÇÃO COM O “PÚBLICO”

Festejar Sant'Ana significava para a cidade grande honraria e expressões de fé. As comemorações à Padroeira influenciava a rotina de toda comunidade que as aguardavam o ano todo. Porém um grande destaque seria fazer parte de sua organização e montagem, ou seja, compor a comissão que presidiria todo o evento, desde levantamento financeiro, até a estruturação de toda festividade.

O fabrico da festa em homenagem a Excelsa Advogada celestial feirense permitia o aprofundamento de múltiplas relações de sociabilidade. Além de agregar um conjunto de

¹⁶²A bricolagem rejeita as diretrizes e roteiros preexistentes, ela não busca descobrir verdades, como se elas estivessem escondidas à espera de um investigador, o que se pretende é entender a sua construção e questionar como os diversos agentes sociais produzem e reproduzem o que é imposto pelos discursos hegemônicos. O conceito aqui foi usado a partir dos estudos de Michela de Certeau.

acessos sociais, que compreendiam ao estreitamento de relacionamento e a criação de uma rede de contatos, que se estendiam para além dos festejos. O conjunto destes elementos apresentado pela festa gerava para seus organizadores uma espécie de capital social que dava a eles prestígio frente à sociedade feirense¹⁶³.

Concretamente a festa parecia de alguma forma trazer este tipo de capital para quem a elaborava. Capital gerado a partir das relações de produção e dos resultados contraídos com o evento. Uma boa forma de acumulá-lo era adquirindo prestígio, através do reconhecimento e destaque frente a eventos anteriores e de quem os produziram. Fazer uma festa de destaque marcava para sempre os organizadores do festejo, uma vez que entrava para história como o evento de maior relevo e beleza.

A montagem da festa trazia para seus organizadores múltiplos sentidos. Porém as práticas e apropriações dos materiais simbólicos que circulam em torno dela podiam ser usadas de formas diferenciadas e com objetivos distintos, entre os promotores e participantes do evento. Um dos motivos que levava a alguns agentes produzir a festa podia está ligado a expressões políticas e promocionais frente à comunidade, pois a festa tinha espaço aberto para este tipo de prática.

Não podemos deixar de vislumbrar que muitos dos realizadores da procissão não eram apenas idealizadores do evento, eles eram igualmente agentes influenciadores da sociedade feirense, pois faziam parte dos grupos políticos e empresarial da cidade. Alguns deles ocuparam importantes postos na administração pública local e regional. Podemos elencar alguns deles a partir das comissões nas quais participaram como Presidente ou membro. Era comum a participação deles em comissões diferentes, porém assumindo postos distintos.

Entre os vários organizadores da festa podemos destacar Arnold Ferreira da Silva que presidiu a comissão do evento de 1932. Ele foi, na cidade de Feira de Santana, renomado político, jornalista e prefeito. De grande peso e reconhecimento o médico, poeta, jornalista e educador Gastão Guimarães também colaborou na organização do evento. Na cidade este exerceu vários cargos, tais como médico da Prefeitura e da Santa Casa de Misericórdia, além de ter sido Delegado Escolar, Vice-Presidente da Associação Bahiana de Medicina e Presidente da Regional de medicina na cidade. Figuraram na organização do evento muitos nomes de pessoas pertencentes aos grupos mais abastado da sociedade feirense, dentre eles de Coronéis locais.

¹⁶³ Sobre o aprofundamento desta discussão ver o livro **O Poder Simbólico**, de Pierre Bourdieu.

Tendo a festa da Padroeira ocupada parte da rotina feirense, ela se tornou também um espaço de ratificação das representações destes grupos sobre si. Segundo Chartier toda representação se apresenta representando algo, sendo sempre determinadas pelos interesses de grupos que a constroem. Estas representações geram identidade tanto para o indivíduo quanto para o grupo¹⁶⁴.

A festa de Sant'Ana permitiu, durante longos anos no século XX, concentrar sua organização nas mãos de pessoas pertencentes a estes grupos, limitando o espaço de fabricar a festa a outros indivíduos que a consumia de acordo as suas práticas culturais. A feitura do evento no primeiro quinquênio do século XX demandava de seus organizadores certa antecedência, pois todas as festas em homenagem a Excelsa Padroeira era patrocinada pelos donativos arrecadados pela comissão. Ela arcava com os custos do pregão, do Bando anunciador, da Lavagem, da Levagem da Lenha, novenas e procissão.

Pelo tamanho do evento e suas demandas, o Pároco da igreja apressava a nomeação da comissão do ano seguinte alguns dias depois do termino da festa do ano corrente. Sendo assim, a comissão tinha um tempo razoável para investir suas energias na produção das etapas do evento, sendo cada uma dela uma festa dentro da festa maior em homenagem a Orago. Os componentes das comissões e em especial o seu presidente naquele ano tinha que inserir a festa em sua rotina, vivendo tempos para festa e tempos para suas atividades corriqueiras. O evento de fato mobilizava energias extras e criava novos espaços de sociabilidade dos componentes da comissão com outros participantes do festejo.

A comissão tinha que pensar em tudo desde levantamentos de donativos, a montagem da programação da festa e das novenas. Além de ficar responsável por arrumar patronos para cada novena que podia ser dedicada a um setor social, econômico ou religioso. No ano de 1928 as novenas se organizaram da seguinte forma.

- 1º noite- Archiconfraria do Sagrado Coração de Maria e Pio União das Filhas de Maria.
- 2º noite- Auxiliares do comércio.
- 3º noite- Confraria do Carmo, Apostolado da Oração.
- 4º noite-Confraria do Rosário e Irmandade de São Benedito.
- 5ºnoite-Agricultores, criadores e negociantes de gado.
- 6º noite- Os diplomados.
- 7º noite- Comércio e Indústria.
- 8º noite-Senhoras e Senhorias feirenses.
- 9º noite- Artistas feirenses¹⁶⁵.

¹⁶⁴ Debate feito por Roger Chartier em se **A história cultural entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 1990.

¹⁶⁵ Folha do Norte, Feira de Santana, 07 de janeiro de 1928, Ano XIX, nº 964, p.04.

Cada homenageado da noite também era responsável por ornamentar a Igreja e ordenar as atividades daquele dia. Por isso, cada patrono fazia questão de organizar o mais belo evento. A dedicação de cada patrono em organizar o novenário podia significar o seu zelo a Igreja e o tamanho de sua fé a Santíssima Mãe de Deus.

Podemos entender este formato da festa também como um mecanismo estratégico usado pela Igreja para manter aproximação dos vários setores da sociedade com o catolicismo, afim de que estes setores se sentissem igualmente reconhecido e prestigiado pelos seus favores e solidariedade prestado a Igreja feirense, através de suas doações, patrocínio e tempo investido na realização do evento religioso. Não podemos deixar de vislumbrar o sentido de sagrado e sobrenatural dado por estes participantes a suas ações para com a Igreja.

O novenário também traz um retrato da própria estrutura econômica e social vivenciada pela sociedade do período. A própria novena dedicada aos agricultores, criadores e negociantes de gado demonstra o quanto estes tinham um papel significativo na comunidade feirense. Os estudos de Clóvis Oliveira (2000) nos evidenciam o quanto a criação e feiras de gado contribuíram para formação de uma identidade feirense ligada a uma cultura sertaneja e do vaqueiro.

Igualmente e importante para economia feirense eram o comércio que naquele ano, e em muitos anos consecutivos, tiveram novenas dedicadas a ele. Ele sempre influenciou e determinou relações do imaginário da elite feirense com o próprio sentido de progresso e modernização da cidade. A representação que se tinha do comércio para cidade era que ele definia a própria razão de existir da urbe¹⁶⁶.

A noite dos diplomados dos anos de 1928 validava o papel e importância dos bacharéis e graduados para a cidade. Coincidentemente naquele ano tiveram a frente das novenas os médicos Gastão Guimarães e o senhor Honorato Bonfim. Eles eram também intelectuais produtores de imagens e representações da cidade, pois além do exercício da medicina também eram escritores e emissores de opiniões na comunidade. Marcaram tanto a comunidade que o primeiro teve como homenagem, a alteração do nome da Escola Normal a qual dirigiu, para Instituto Gastão Guimarães. O segundo virou nome de rua.

¹⁶⁶ Esta discussão foi levantada por como explicita Ana Maria Carvalho Santos Oliveira nos seus estudos sobre Feira de Santana e a modernidade na sua tese: **Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950-1960)**.

Outro grupo social homenageado no novenário do ano de 1928, a exercer uma predominância nas organizações do evento, pelo menos até o primeiro quinquênio do século XX, foram às chamadas Arquiconfrarias, Confrarias, Irmandades e Apostolados de Orações. A primeira era uma fraternidade de oração e de vida cristã, unia todos os seus associados em seu esforço de vida, de oração. Cada um rezava pelas suas intenções e pelas intenções de todos numa corrente de orações. Aconselha-se aos associados da Arquiconfraria oferecerem o seu dia, sua oração e seu trabalho de cada dia ao Coração de Jesus, através de Nossa Senhora do Sagrado Coração, por intenção de todos os membros da Arquiconfraria e por toda a Igreja.

Segundo Azzi podia existir dois tipos principais de confrarias: as irmandades e as ordens terceiras. Ambas surgiram na Idade Média. As irmandades derivam das antigas corporações de artes e ofícios. As ordens terceiras são vinculadas a ordens religiosas medievais como as franciscanas, as carmelitas e aos dominicanos¹⁶⁷.

As irmandades eram formadas por grupos de leigos católicos que se associavam, geralmente pela vizinhança, para promover a devoção e o culto a um santo, representado por uma relíquia ou imagem. Elas tiveram uma importância fundamental na expansão católica na América Portuguesa e, assim como suas congêneres lusitanas, reunindo leigos em torno da devoção a um santo ou santa.

Elas também, durante séculos anteriores, prestaram serviços de ajuda mútua que iam desde a realização da festa á promoção de cerimônias de enterro e auxílio aos irmãos necessitados (doentes, presos, cativos). Heranças do colonialismo português foram erguidas no Brasil entre os séculos XVII ao XIX. Tornaram-se responsáveis pelas devoções católicas e pela promoção das procissões e festas, marcada pela grandiosidade das manifestações exteriores da fé.

A grande presença delas na festa da Padroeira nos leva a compreender o espaço que o Catolicismo ocupava na sociedade feirense do período e o quanto este influenciava a mentalidade das pessoas. Na medida em que o catolicismo foi perdendo espaço na comunidade feirense houve crise de representações, neste momento a Igreja começou a combater expressões não consideradas católicas.

Complementado as homenageadas do novenário estavam as Senhoras e Senhorias. Elas eram grandes agentes da festa em especial na organização das quermesses e dos leilões

¹⁶⁷ AZZI, Riolando. "A instituição eclesiástica durante a primeira época colonial". In: **História da Igreja no Brasil**. Edições Paulinas/Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1983.

que eram feitas todas as noites após a novena. Elas eram uma das grandes doadoras das comidas e objetos a serem comercializados na feira beneficente que acontecia ao redor do Templo e tinha o objetivo de levantar fundos para serem repassados para a Igreja.

Nas primeiras décadas do século XX não era comum um número expressivo de barraqueiros para fazer comercialização de bebidas, comidas e jogos uma vez que era a própria comissão do evento que tinha controle e uso do solo ao redor do Templo. Podemos ter clareza disto na festa de 1937 quando a Comissão do festejo publica no jornal “os interessados na instalação de barracas destinadas a venda de bebidas, comidas e gelados procurar a comissão¹⁶⁸”.

A comissão tinha a venda pelo uso do solo como mais um instrumento de arrecadação de verba para o evento. O domínio sobre a venda do uso do espaço público parece ter sido durante muito tempo algo permitido pela Prefeitura Municipal a Igreja. As notícias que se tem é que a comissão teve domínio sobre este comércio até o ano de 1965, como declarou Monsenhor Renato Galvão “eu ainda encontrei em 1965 as comissões arrecadando a ocupação do solo, as barracas, tudo ficava para a comissão da festa¹⁶⁹”.

Outro mecanismo de arrecadação de fundos para os festejos eram as chamadas loterias de Sant’Ana que normalmente corria todo dia. Delas se tirava dinheiro para o preparo do templo e os folguedos. Toda a cidade se volta para realização do evento havendo uma parceria entre a Igreja e a comunidade. Pelo menos até os anos sessenta a festa teve sobre o domínio e controle de realização dos grupos mais abastados, não dependendo tão intensamente do Poder Público para sua realização.

Outro caminho de arrecadação usado para sustentar financeiramente a festa, eram os chamados livros de ouro. Estes eram passados pela Comissão para ser assinados por diversas pessoas do comércio, da indústria e de outros setores da sociedade. Era o maior instrumento de arrecadação dos festejos, pois havia pomposas doações feitas pelas pessoas convidadas a assinar o livro. O dinheiro arrecadado dava para pagar os custos dos festejos e comumente sobrava para ser usado na manutenção e reforma da Igreja.

Um dos feitos mais marcante feito pela arrecadação de fundos para Igreja foi na festa de 1914, que também ficou conhecida como festa das Torres. Naquele ano o Padre Ovídio Boaventura estava à frente da Igreja feirense. Ele havia reformado o templo, porém não

¹⁶⁸ Folha do Norte, Feira de Santana, 09 de janeiro de 1937, Ano XXVII, nº1434.

¹⁶⁹ Entrevista concedida pelo Monsenhor Renato Galvão em 09/08/1988. Arquivos de História Oral. - CEDOC (Centro de Documentação e Pesquisa de Feira de Santana) -UEFS.

conseguiu que a segunda torre fosse até o fim, quem o ajudou a terminar as obras foi o dinheiro arrecado pela comissão daquele ano. Esta festa se tornou uma das mais famosas da cidade. Segundo Boaventura “separou duas épocas da cidade: antes e depois da Festa das Torres. De todo canto veio gente para o grande dia. Romarias, passeios das cidades vizinhas” (2006, p.26).

A doação de donativos para o evento também era um mecanismo de fortalecer o prestígio de maior investidor da fé, pois a cada fechamento de balancete era divulgado no jornal o nome dos doadores e a quantia de doação, além da soma total arrecada até o momento da publicação. Periodicamente o valor de doações de donativos era atualizado. Após o fim da festa se publicava um balancete total de arrecadação e gastos com o evento e também o dinheiro que sobrava. Podemos visualizar tal situação no balancete final da festa de 1931.

Figura 15: Tabela de ganhos e custo com a Festa de Sant'Ana.

RECEITA		DESPESA	
Recebido da Comissão passada	121#000	Foguetes para missa festiva de 26 de Julho	80#000
Resultado líquido de 191 kermesses, sendo: 5 de 50#000, 181 de 75#000, 1 de 500#000 e 1 de 1:000#000	8:427#700	Pago a Manoel Januario, tocata da missa de 26 de Julho	10#000
Donativos, conforme publicação feita na «Folha do Norte»	4:483#400	Dispendido com a festividade de 26 de Julho	250#000
Licenças para armar barracas	307#000	Pago de luz	22#000
Resultado líquido de uma partida de Foot-Ball	133#650	Concerto de uma comoda para a sacristia	50#000
Arrendamento da kermesse	200#000	Sellos do correio	2#700
Resultado de leilão	48#400	Dispendido com o pregão	561#100
Total R.	19:727#100	Pago a João Paschoal dos Santos, caiação da Matriz	1:000#000
		Dispendido com 16 esteiras e um pote para hospedagem da Charanga 7 de Setembro	15#700
		Despesas effectuadas por Alfredo Rodrigues	72#000
		Dispendido com a reforma da instalação electrica da Matriz	1:049#700
		Dispendido com a barraca do leilão	10#300
		Pago de orchestra para um grupo de mascarados	15#000
		Rodapé da Igreja	80#000
		Corretto de patis	19#500
		Telegrammas	5#700
		Total R.	19:727#100

Obrigações da Comissão passada	
Pregador	360#000
Bicas de cobre para Matriz	248#000
Pago a charanga 7 de Setembro, e despesas de luz, agua, lenha e um almoço para a mesma	1:670#200
Pago á «Folha da Feira»	31#000
Comissão ao cobrador das listas	49#000
Pago a Joviano Cruz, de foguetes	353#200
Dispendido c/ a charola de Sant'Anna	195#800
Idem c/ a lavagem	894#300
Pago a «Folha do Norte», conta de impressos	401#250
Idem á orchestra da festa	400#000
Idem ao Sr. Lazaro, despesa de viagem	39#000
Gratificação a armadores	109#000
Despesas effectuadas pelo Conego Carlos Olympio, com as duas missas festivas	1:325#000
Pago á Sociedade Ph. Victoria	800#000
Idem Idem á Sociedade Euterpe Feirense	800#000
Despesas miudas	2#700
Dispendido com iluminação	800#000
Gratificação ás Phils. Euterpe e Victoria	200#000
Importancia entregue á nova comissão para pagamento de bilhetes premiados, do ultimo sorteio, até agora não apparecidos	95#500
Total	10:834#650

O Thesoureiro Raul Silva	
Visto Dr. Otto Schmidt—Presidente	

Fonte: FOLHA NORTE, Feira de Santana, 28 de janeiro nº1125, Ano XXII, p.04.

Avaliando todas as informações trazidas pelo demonstrativo da receita e despesa apresentado pela comissão podemos ter uma noção do movimento da chamada economia da festa e suas várias relações com o público envolvido na sua produção e realização. Além de perceber, como já discutido, os vários mecanismos usados pelas comissões para levantar fundos para prestar as homenagens a Sant'Ana.

Podemos ver também como todo evento era alimentado a partir da arrecadação feita pelas comissões. Despesas que iam da manutenção do próprio Templo, como a reforma da sacristia e de moveis, às despesas com charangas, filarmônicas, selos, montagem das missas e até mesmo os Pregadores convidados para os dias de novenas e dia Magno da festa.

A mentalidade da comunidade e sua corresponsabilidade de montagem e produção em homenagem a Sant'Ana parecem que sofrem profundas mudanças nas três últimas décadas do século XX, em especial nos anos setenta e oitenta, quando o evento passar ser realizados em coparticipação com órgão de turismo da prefeitura municipal de Feira de Santana.

Nos anos setenta o Senhor Helder Alencar, colunista do jornal Feira Hoje, fala da necessidade de se criar um Departamento de Turismo para assumir a festa para desenvolver todo potencial turístico e econômico a partir das homenagens a Padroeira. Ele também fez profundas críticas ao formato de organização da festa, pelo que considera um “sistema obsoleto de comissões”¹⁷⁰.

Na década de setenta e oitenta vários debates foram levantados a respeito do potencial turístico da cidade de Feira de Santana revalidando a discussão insistentemente feita por Helder Alencar durante toda década de setenta. Ele desejava que as festas religiosas da cidade em especial da Padroeira deixasse de ser realizadas com dificuldades e concretamente se transformasse em atração turística com publicidades e organizadas para despertar a atenção de milhares de pessoas de regiões circunvizinhas e de outros estados. Ele considerava que “Feira tem condições de ingressar num campo turístico por ser um município progressista¹⁷¹”.

Estas discursões culminaram em um encontro puxado por agentes de turismo da cidade, em que reuniu diversos setores da sociedade tanto representantes do estado, da Prefeitura Municipal e do empresariado feirense para quebrarem o tabu de que a cidade de Feira de Santana não teria potencial turístico. Chegaram à conclusão de que só daria certo o

¹⁷⁰ Debate levantado na coluna “Pois é” assinada por Helder Alencar. Feira Hoje, Feira de Santana, 09 de janeiro de 1971, Ano I, nº19, p.05.

¹⁷¹ Ibidem.

empreendimento no turismo se fosse formado uma coalizão de força entre o poder público municipal, estadual e a iniciativa privada.

O desejo de Helder Alencar de ter uma festa organizada por um órgão municipal se concretiza em 1973 quando por decreto, a lei municipal nº762/73 cria a Setur-Secretaria de Turismo, recreação e cultura, tendo como uma de suas finalidades no Cap. I Das finalidades, Art.4º. Inciso II: Zelar pelo patrimônio histórico e cultural do município e no Inciso V: Dar apoio e incentivar as festas populares, promovendo-as e divulgando-as por todos os meios ao seu alcance, visando à exploração dos seus aspectos turísticos¹⁷².

A partir daquele ano a festa poderia ganhar conotações diferenciadas, uma vez que o um órgão do município passava a assumir a responsabilidade pela conservação do patrimônio histórico e cultural da cidade. No ano de 1974 a Setur passou a ser corresponsável de forma direta na realização de todo evento inclusive assumindo parte de sua divulgação. O investimento na festa variava muito do gestor municipal que estava à frente da Prefeitura.

O nascimento da Setur também gerou crise na arrecadação de donativos para o evento. No ano de 1976 a comissão responsável pela festa “queixa-se, amargamente, da falta de dinheiro com o retraimento do comércio, já que os comerciantes alegam que a festa pertence à Secretária de turismo¹⁷³”. Desde aqueles anos fazer parte das comissões se tornou mais difícil, pois a comunidade parecia não mais compartilhar de uma solidariedade e visão de valores comuns, para continuarem fazendo pomposas doações para realização do festejo, claramente a festa passava por mudanças de sentidos e seu poder simbólico de agregação parecia está esgarçado.

A cada ano a Igreja reclamava da dificuldade que vinha enfrentado em conseguir pessoas disponíveis para se responsabilizar pela realização do evento. Os tempos pareciam de fato ter mudado. Presidir o evento parecia trazer uma série de reclamações advindas não somente da Igreja, mas dos próprios dirigentes da comissão. No ano de 1981 o senhor José Guimarães dizia que a festa “é um abacaxi difícil de descascar, dado os inúmeros problemas apresentados para sua realização”¹⁷⁴.

À medida que os anos passavam, a montagem da parte religiosa da festa estava ficando comprometida como afirma o Cura Renato Galvão a respeito da composição da

¹⁷²A lei foi criada em promulgada em dezembro de 1973 e publicada no jornal Feira Hoje, Feira de Santana, 15 de janeiro 1974, Ano IV, nº242, p.05.

¹⁷³ Feira Hoje, Feira de Santana, 17 de janeiro de 1976, Ano VIII, nº 797, p.02.

¹⁷⁴ Feira Hoje, Feira de Santana, 16 de janeiro de 1981, Ano XI, nº1992, p.03.

comissão organizadora da festa. Fazer parte da comissão na década de oitenta não parecia dar tanto prestígio como acontecia nos anos 50 conforme já apontava Batista (1997). Segundo Monsenhor,

Ninguém mais quer ser presidente da comissão, pois as dificuldades são muito grandes. A Setur arrecada milhões e fatura politicamente às custas da festa, mas só ajuda com a impressão do programa [...], disse ele lembrando, que enquanto isso, na parte profana há muitos gastos¹⁷⁵,

Na década de oitenta começa surgir fortes debates a respeito deste fortalecimento da parte dita profana pela Secretária de Turismo, num movimento de tornar a festa, com um caráter de espetacularização. Porém tal ação sofreu fortes reações de membros da comunidade que considerava que incluir na festa novos elementos como o trio-elétrico descaracterizava os festejos em homenagem a Orago feirense. Por isto ele foi retirado do evento permanecendo apenas bandinhas e charangas.

A Setur, ao longo da década de setenta e oitenta, assumiu muitas vezes posicionamentos ambíguos, uma vez que em alguns momentos parecia desejar a ampliação dos festejos de caráter mais popular, ocorridos no largo. E em outros momentos de forma paradoxal parecia abandonar a festa com poucos investimentos, divulgação e atraso na realização do evento. Este comportamento da Setur gerou diversos conflitos dela com a Comissão e a Igreja que lhes faziam muitas críticas. A cada ano as críticas feitas a Setur pela comissão pareciam aumentar e o evento parecia ganhar ares de batalhas contínuas.

A grande crise enfrentada pela Igreja em encontrar alguém para a comissão foi nos anos de 1985 e 1987. No primeiro ano só conseguiu alguém para presidir o evento trinta dias antes de sua realização, mas o responsável pelo evento o ex-deputado Oscar Marques conseguiu realizá-lo, inclusive permaneceu na organização do evento do ano seguinte quando deixou o cargo. Após muitas discussões e faltando muito pouco para realização das homenagens a Sant'Ana, o Monsenhor e o Prefeito Municipal indicou para presidir a comissão do ano de 1987 o empresário Everton Cerqueira que em declaração elogiou o convite e criticou os cidadãos feirenses por não colaborarem para organização da festa da Padroeira da cidade. Sua meta como gestor da comissão foi realizar uma festa com caráter predominante religioso, voltado segundo o mesmo para as tradições e costumes regionais.

¹⁷⁵Feira Hoje, Feira de Santana, 15 de janeiro de 1983, Ano XIII, nº 2651, p.03.

No processo histórico do papel da comissão frente ao festejo podemos compreender como seus sentidos e significados foram sendo alterado ao longo do século XX. E também a necessidade dela reinventar novas formas e mecanismos para continuar arrecadando dinheiro e mantendo seu prestígio frente a uma comunidade que a cada ano mudava sua mentalidade e compreendia a festa de forma bem diferente de como era vista no primeiro quinquênio do século.

3.4 OS OUTROS PARTICIPANTES DA FESTA.

Os festejos de Sant'Ana não era um momento especial fora do universo cotidiano da cidade. Entretanto instaurava uma diferença no cotidiano, promovendo também uma multiplicidade de possibilidades. A festa da Padroeira apresentava-se como um espaço plural e de múltiplas relações, ela estava aberta as relações dinâmicas entre instituições e agentes sociais distintos. Partindo desse pressuposto, as manifestações festivas podiam dimensionar tanto as hierarquias do mundo social quanto seus conflitos.

As comemorações da Advogada Celestial da cidade, ao longo do século XX, foram palco de muitos conflitos e disputas. Entre estas disputas uma das mais marcantes foram a das Filarmônicas. Existiram disputas entre elas, mas também houve conflitos delas com a Igreja e o Poder Público municipal. A presença das Filarmônicas nos festejos em homenagem a Orago perdurou durante muitas décadas do século XX.

Originalmente acredita-se que as Filarmônicas surgiram a partir das Bandas militares e Babeiros no século XIX. Na Bahia a primeira Filarmônica que se tem notícia foi a Erato Nazarena fundada em 29 de agosto de 1863. Cinco anos depois foi fundada na cidade de Feira de Santana, em 25 de março de 1868, a Filarmônica de mesmo nome da data. Os fundadores da filarmônica 25 de Março teve um desentendimento interno, após cinco anos de sua fundação houve o conflito do grupo tendo como consequência a formação de um grupo dissidente.

No ano de 1873 foi criada pelo Padre Ovídio Alves de Boaventura e os dissidentes da 25 de Março, a Filarmônica Vitória, regida pelo maestro Manoel Tranquilino Bastos. Completando os conjuntos musicais da cidade, quarenta anos depois em 17 de dezembro de

1921 surge a Sociedade Filarmônica Euterpe Feirense. Estes grupos musicais estiveram presentes, em muitos eventos de cunho religioso, político e culturais ocorridos na cidade¹⁷⁶.

Sua presença era marcante nos festejos da Padroeira e as definições dos dias delas tocarem se dava a partir de sorteio realizado pela comissão do festejo. Tocar durante as celebrações a Sant'Ana só fortalecia ainda mais o vínculo destas filarmônicas com o catolicismo. Todas elas tinham seu santo patrono para proteger e guardá-las em todas as situações cotidianas. O Santo Padroeiro da filarmônica 25 de Março era o Coração de Jesus; da filarmônica Vitória, Nossa das Vitórias e da Euterpe Feirense, Cosme e Damião.

Sua aproximação ao catolicismo não significava passividade e submissão às práticas católicas quando ferisse seus interesses. Prova disto foi o boicote promovido, de não tocar na festa de Sant'Ana, pela Filarmônica 25 de Março em solidariedade ao Apostolado da Oração que teve toda sua diretoria substituída pelo Padre Mario Heberto Fernandes pároco em 1932. A atitude do pároco criou insatisfação dos paroquianos e levou até o pedido de demissão do presidente da comissão em protesto a ação da prática católica como discute Batista (1997).

Segundo Batista os conflitos entre as filarmônicas e a Igreja se prologaram até os anos quarenta, pois a 25 de Março e a Euterpe Feirense se ausentaram da festa por mais de uma década, em consequência do conflito delas com o pároco Almicar Marques, quando ele proibiu o toque de filarmônicas dentro da Igreja, obedecendo a determinações do Governo Arquidiocesano em ordem da Santa Sé.

Tal atitude do Pároco atendia as novas regras adotadas pela Igreja referente à neocristandade. Este movimento dava ao Catolicismo ares mais conservadores e de contrição. Mas os conflitos e disputas das filarmônicas não se resumiam a festa de Sant'Ana. Elas também disputavam entre si por espaços, maior número de sócio e destaque frente à sociedade feirense. Como podemos ver expressado na fala de senhor Antônio Ramos:

R.O: Como era essa historia do urubu e da carniça?

A.R: Ah! A Vitoria fez aquele sobrado, depois da 25, a 25 já existia quando a Vitoria fez o seu sobrado com aquela águia. Um cara da 25 disse: é... aqui tem até urubu, chamou a águia da Vitoria de urubu, e teve gente que disse: tem razão, por que onde tem carniça tem urubu, quer dizer, a 25 era carniça e a águia era o urubu que tava farejando a carniça (risos altos) eu tenho isso anotado ai. Ai essa coisa foi famoso né? E hoje eu não sei.

R.O: Elas competiam muito?

¹⁷⁶Discussão feita pelo memorialista Lajedinho. In: **A Feira na década de 30 (memórias)**; [s.n] Feira de Santana, 2004.

A.R: Brigavam, brigavam.

R.O: Brigavam pelo que? Pelo espaço de tocar, ou pelo sentido da qualidade da música?

A.R: Pela qualidade, a fama, o sobrado, por que o sobrado da Vitoria ninguém pode negar, é lindo demais! É um dos sobrados mais lindos¹⁷⁷.

As disputas das filarmônicas geravam grandes trocas de ofensas, mas também representava simbolicamente a busca de prestígio e reconhecimento frente à sociedade feirense. De alguma forma elas interferiram diretamente no cotidiano dos seus participantes de quem se ligavam a eles e nas atividades de lazer da comunidade feirense. Cada uma delas buscava se aprimorar na composição de suas partituras e também nos shows e encontros promovidos para seus sócios e convidados. Elas no início de sua criação tiveram como mantenedores homens ricos da cidade, mas depois se tornaram numa espécie de clubes recreativos promotores de atividades de lazer.

A luta das filarmônicas por reconhecimento e valorização de seu nome perdura por décadas. O pagamento pelas suas apresentações realizadas na festa da Padroeira durante muitos anos foi efetuado pela comissão, porém isto muda com a criação da Setur na década setenta. Neste momento as filarmônicas passam a ser contratada e paga pelo órgão. No ano de 1977 a relação da Filarmônica 25 de Março com o poder público se tensiona, pois a mesma não recebera o pagamento pela festa do ano anterior e se recusou a subir no palanque no seu dia de apresentação. A situação só foi resolvida após a Setur garantir o pagamento retroativo e o referente àquele ano.

A festa de Sant'Ana significava para os seus participantes não apenas um ato religioso, mas também um espaço aberto para outros tipos de divertimento e lazer para adultos jovens e crianças. Em torno do palco da festa eram armados parques de diversão, bancas de jogos e barracas. Os participantes frequentavam o palco da festa tanto a noite como ao longo do dia.

Mas um dos espaços sempre cheio e muito concorrido eram as barracas, pois ofereciam música, comida, bebidas, além de outros atrativos. Muitos dos barraqueiros que serviam comidas e bebidas na feira aproveitavam os ciclos festivos na cidade para colocar suas barracas e crescer um pouco mais seus lucros, apesar de também existir barraqueiros que só montavam suas barracas nos dias da comemoração das homenagens, pois as festas de largo, especialmente a Festa de Sant' Ana, durante muito tempo foram bastante lucrativas, por ser muito concorrida pelos feirenses e visitantes.

¹⁷⁷ Entrevista concedida pelo Senhor Antônio Ramos a Rennan Pinto de Oliveira em 05 de fevereiro de 2013.

O dia mais esperado por eles era o da Lavagem, sempre marcada para acontecer na quinta-feira da segunda semana de janeiro. Segundo os barraqueiros, era a Lavagem que definiria se teria valido a pena ou não ter participado do evento, pois com ela se obtinham os melhores lucros. Eles eram os primeiros a chegar ao palco onde as homenagens a Sant'Ana aconteciam, pois a montagem das barracas começavam poucos dias antes do primeiro novenário. Porém havia barraqueiros que só montava suas barracas após o início da festa.

A grande preocupação deles era conseguir os espaços mais estratégicos para a venda de seus produtos e iguarias, razão pela qual disputavam entre si e com a Setur o solo frente ao templo. A ocupação frente ao templo se apresentava como um local privilegiado para o barraqueiro, pois era um espaço de grande trânsito tanto de pessoas que iam para as novenas como também das pessoas que saíam da missa.

A ocupação frente ao templo gerava disputas também entre os barraqueiros e a Igreja que encontrava dificuldade para passagem da sua procissão no último dia festa gerando grandes querelas com os eclesiásticos, a Setur e a comissão organizadora do evento. Sua permanência na Praça da Catedral se dava até o encerramento das celebrações.

Eles estavam sempre angustiados pela distribuição da cerveja, pois era uma incógnita se a distribuição seria suficiente ou não para atender os clientes consumidores, que também eram os participantes dos festejos. Na falta de produtos, buscavam táticas e mecanismos de negociação com bares e amigos vendedores de bebidas para atender seus consumidores ou, então, recorriam ao mercado paralelo para conseguir preços de bebidas diferenciados dos praticados pelas distribuidoras de cerveja.

Além do temor diante dessa incerteza, o que também incomodava estes barraqueiros era a divisão dos espaços do solo na proximidade da Igreja Matriz. Eles sabiam da importância de se instalar num local centralizado, pois concretamente representaria lucro. Para a Setur as barracas representavam uma boa arrecadação e geração de dinheiro para a cidade e o comércio local, uma vez que pagavam taxas de imposto à Coelba pelo uso da luz; à Prefeitura, pelo uso do solo; até a compra de alimentos e bebidas no comércio da cidade, além da geração dos muitos empregos temporários.

Diante dos conflitos travados entre os Barraqueiros e a Igreja devido a dificuldade de executar nos anos setenta e oitenta as missas das novenas por conta do som alto, a Setur se tornou a intermediária dos diálogos entre eles e a Igreja Católica. O objetivo do Órgão de turismo era manter uma relação de equilíbrio, e, afim disto, passou a tomar atitudes para sanar

as reclamações dos religiosos que denunciavam nos jornais feirenses o que consideravam atos de desrespeito praticados pelos barraqueiros em frente ao templo, como os excessos de brigas, bebedeiras e outros, causados pela venda de bebidas, e o alto volume dos sons mecânicos em disputa paralela aos atos litúrgicos da novena e das missas.

Porém estas ações não eram generalizadas nas Barracas como narra a Senhora Joanhina quando afirma que em seus dezoito anos trabalhando em Barracas nunca presenciou em sua barraca e nem das amigas briga e conflitos, mas revela a presença de brincadeiras feitas por jovens que segundo ela zombava de muitas coisas fazendo provocações às pessoas. Estas práticas dos jovens não deixavam de ser expressões e formas de se divertir nos festejos¹⁷⁸.

Em 1983, o Monsenhor Renato Galvão denunciou no Jornal Feira Hoje que “O profano invade cada vez mais a parte sagrada. A poluição sonora é insuportável, interrompendo o que se passa na Igreja. Os barraqueiros, muitos deles de outra terra, não tem amor à cidade e não respeitam as tradições locais ¹⁷⁹”. Também que era arriscado solicitar silêncio a um barraqueiro. E dando continuidade, expressiu críticas à falta de solução da Setur para acabar com esses problemas ao afirmar: “não tenho, pessoalmente, nenhuma restrição aos homens do turismo (Setur). Entretanto, sempre prometem maior espaço para o povo, prometem silêncio, mas cada ano a situação se agrava¹⁸⁰”.

Segundo a senhora Joanhina nem todos os Barraqueiros eram cúmplice da situação de som alto no momento das novenas e missas, inclusive a mesma revela que a situação do som alto passou a acontecer recente em consequência da entrada de novos barraqueiros, que podiam ser controlado pela própria Setur, através de punições, como até mesmo a negação da venda do solo no ano seguinte aos Barraqueiros que desrespeitassem. Em declaração afirma “ Eu acharia que se algum fazê isso, como a gente disse, nois pedimos o turismo, pra ele coloca uma pessoa pra dar uma olhada qual era aquela pessoa que não respeitava e o turismo não vendia o chão, pronto, tava decidido.¹⁸¹”

Numa tentativa de disciplinalização e regularização do uso dos espaços na Praça da Catedral, a gestão do Prefeito José Falcão, empossado no ano de 1984, buscou novos

¹⁷⁸Entrevista concedida pela Senhora Joana Maria dos Santos, conhecida como D. Joanhina. Ela teve participação ativa nas discussões sobre a extinção da Festa e foi uma espécie de líder dos barraqueiros. Entrevista em 11/11/1988. Arquivos de História Oral-CEDOC (Centro de Documentação e Pesquisa de Feira de Santana)-UEFS.

¹⁷⁹ Feira Hoje, Feira de Santana, 15 de janeiro de 1983, Ano XIII, nº2651, p.03.

¹⁸⁰ Ibidem.

¹⁸¹Entrevista concedida pela Senhora Joana Maria dos Santos.

caminhos e ações para a elaboração do evento, como a redistribuição do uso do solo pelos barraqueiros, apesar da grande resistência deles em armar suas barracas nos novos espaços determinados e criado pela prefeitura. Nesse ano, muitos barraqueiros quebrando a nova regra armaram suas barracas nos seus antigos lugares, nos canteiros e espaços, agora, proibidos.

Em decorrência desse conflito a Setur, na presença do secretário Itaracy Pedra Branca, foi acompanhar a reordenação da montagem e conversar pessoalmente com os donos das barracas para explicar a necessidade das novas mudanças efetuadas pela Prefeitura Municipal, cuja intenção era a melhoria da Festa, no sentido de resgatar a valorização da parte religiosa evitando tanta interferência dos barraqueiros no andamento da parte litúrgica.

Segundo o Secretário de Turismo “este ano não haverá músicas mecânicas nas barracas. Para tanto haverá fiscalização por parte da Setur e os barraqueiros que não obedecerem ao novo regulamento, estarão sujeitos a ser multados e até mesmo não montarem suas barracas na próxima festa¹⁸²”. Apesar de serem obrigados a “acatar” as decisões do Secretário do Turismo, os barraqueiros questionaram a distribuição do espaço e os privilégios dados a alguns barraqueiros que teriam sido mantido em lugares mais centralizado para a venda.

Como uma estratégia diante dos vários conflitos gerada pelas Barracas e busca pela manutenção da ordem, a comissão da Festa, no ano de 1984, apoiada pela Setur, em negociação com os barraqueiros, introduziu na parte religiosa, como inovação a Noite dos Barraqueiros. Esta decisão inédita, foi publicada no jornal informando que a quinta noite de novenas será dedicada aos barraqueiros, “iniciativa tomada pela Comissão composta por Antônio Costa Pinto (presidente), José Mendonça e Aduino Franco, que reuniu-se com os barraqueiros para discutir sobre a noite dedicada a eles¹⁸³”. O palestrante da “Noite dos Barraqueiros” foi o próprio secretário de Turismo, Itaracy Pedra Branca.

A proposta dessa novena era de conscientizar os proprietários de barracas, sobre o quanto é incômodo estar-se louvando Nossa Senhora Sant’ana com barulho paralelo das músicas tocadas na parte externa do templo. “É o que se poderia chamar de “conscientização e não imposição”¹⁸⁴. Tal estratégia da comissão da festa e da Setur deixa claro a tentativa de conscientização e negociação com os Barraqueiros.

¹⁸² Feira Hoje, Feira de Santana, 17 de janeiro de 1984, Ano XIV, nº2.955, p.05.

¹⁸³ Feira Hoje, Feira de Santana, 18 de janeiro de 1984, Ano XIV, nº2956, p.03.

¹⁸⁴ Ibidem.

A estratégia da Setur parece ter surtido efeito e mobilização no grupo dos Barraqueiros como podemos ver na declaração de D. Joantina:

Ent.1: E os barraqueiros, D. Joantina, eram homenageados nas novenas?

D.J: Nas novenas... Não nois só teve um ano que a gente fez parte das novenas dae uma noite da festa [...]. Ele foi o presidente da festa e uma noite foi dos barraqueiros. Ele colocou uma noite dos barraqueiros. Naquela noite que foi duis barraqueiros, nois, nenhum barraqueiro, eu e seu Augusto a gente saímos arrecardando dinheiro com os colegas mesmo né, prá arrumar, naquele tempo nos arrumemos, cinco mil e poucos cruzados com os barraqueiros, dois mil nois compramos de flogos e decoremos a Igreja, na nossa noite noismademosdecorá a igreja novamente, isso aí foi prazê da gente né, mandemos decora a igreja compramos flores e demos ainda pré o presidente três mil [...] essa noite em homenagem aos barraqueiros que foi uma noite muito bonita nois não abrimos as barracas antes das novena todos nois fomos assistir a novena e foi muito bonita, mas só teve essa noite só¹⁸⁵.

A Noite dos Barraqueiros parecia ter sido um bom caminho para abertura de um canal de convencimento de que eles deveriam contribuir para a Festa acontecer, uma vez que também estariam presentes na parte religiosa, tal como os comerciantes, bancários, industriários que eram homenageados nas noites de novenas ao longo do processamento dos festejos. A escolha do palestrante não era uma coincidência, o Secretário da Setur teria esse momento da novena para divulgar e legitimar seus projetos de melhorias e desenvolvimento dos espaços da Festa, e possivelmente deveria revelar para os barraqueiros a importância deles na Festa de largo e, conseqüentemente, como deveriam contribuir para o acontecimento de uma festa pacífica e harmoniosa.

Nessa situação de negociação e disputas, havia ainda tempo para alguns deles se organizarem na montagem das carroças, paramentada para desfilar no cortejo na quinta-feira da Lavagem. Eles queriam a sua carroça mais enfeitada do que as dos seus concorrentes na praça, sendo que a grande maioria das carroças entrava nos cortejo sobre a direção dos barraqueiros e saíam logo atrás das grandes representantes e líderes do cortejo na Lavagem: as Baianas.

Era possível viver momentos de tensões, conciliações e até mesmo de prazer na festa, mas o que mobilizou os barraqueiros entre os anos de 1987 e 1988 foi à decisão da Igreja de transferir o evento de janeiro para julho, tirando deles a chance de montar suas barracas em torno do largo da Igreja, uma vez que o evento ficaria resumido apenas à parte litúrgica.

¹⁸⁵ Entrevista concedida pela Senhora Joana Maria dos Santos, conhecida como D. Joantina. Ela teve participação ativa nas discussões sobre a extinção da Festa e foi uma espécie de líder dos barraqueiros. Entrevistaem11/11/1988. Arquivos de História Oral-CEDOC (Centro de Documentação e Pesquisa de Feira de Santana) - UEFS.

Diante da atitude da Igreja eles não ficaram paralisados. Promoveram uma série de mobilizações e negociações com o poder Público e a Igreja numa tentativa de manter os festejos em homenagem a Padroeira em janeiro e no mesmo formato como podemos ver no depoimento D. Joantina:

È uma festa tradicional que todo mundo de feira gosta né? Que Feira não tem área de lazer nenhuma, e as festas de Feira estão terminando, depois que esse Bispo chegou. Nós o ano passado reunimos os barraqueiros, eu reuni os barraqueiros e fomos até Padre Galvão e pedi a Padre Galvão prá ele consegui ajeitar o Bispo pra ter essa festa, O Padre Galvão falou com nós ele não podia fazer nada, porque, quem resolvia isso era o Bispo. Aí nos fizemos uma reunião, fomos o Bispo, fomos o prefeito, o prefeito marcou uma reunião em frente o EMEC. Fizemos um levante grande mais o Bispo não apareceu, só foi o Padre Galvão. Foi o prefeito, foi Secretário de Turismo foi um pessoal da Universidade, não lembro o nome dele, uma pessoa muito interessada, falou muito por nós, nos ajudou muito, mas o Padre Galvão não, não cedeu. Aí Eu falei assim com Itaracy, olhe Itaracy só com pade, eu e o pessoal que está nós vai resolver nada, vamos até o Bispo só ele pode resolver. Aí Itaracy acertou que sim. À tarde nós foi, com carro, até o Bispo não conseguiu não cedeu, disse que não cedia, não cedia, não cedia, chegou uma hora, um momento que ele disse assim: se vocês quiser fazer a festa, vocês faz agora tudo fechado, eu fecho a Igreja. Que eu não quero, aquela festa mais na frente da Igreja tem que terminar com essa bandoleira que só tem moleque e não dá certo aí eu falei assim: mas não é assim, se o Senhor fechar a igreja deixar a gente fazer a festa e o prefeito consentir nós fazemos a festa. O Senhor fecha a Igreja, mas nós faz a festa na rua, porque Senhora Santana não separa de nós, ela está com nos todo momento toda hora¹⁸⁶.

No depoimento de D. Joantina podemos claramente ver as articulações e mobilizações feitas pelos Barraqueiros, para reverter à decisão do Bispo quanto ao fim da festa. Entre eles existia uma solidariedade de grupo com objetivo comum, apesar das disputas por um melhor espaço na festa. Solidariedade vista especialmente durante as comemorações de Sant'Ana e a outras festas pertencentes ao ciclo festivo da cidade, pois eles combinavam entre si os preços de venda de cerveja, comida e outras bebidas, para não ficar um preço muito diferenciado entre os produtos vendidos por eles.

No ciclo festivo da cidade três festa no calendário feirense significava grandes lucros para os Barraqueiros: a festa da Padroeira, a Micareta e a exposição. Extinguir uma desta festa significava perda de uma fonte de renda para eles que viviam dos eventos promovidos pela cidade. Na reunião com o Bispo, em um momento de sua negação em continuar com o evento a colega de D. Joantina, também barraqueira, a Senhora Lurdinha de Jorgina, indagou ao

¹⁸⁶ Entrevista concedida pela Senhora Joana Maria dos Santos, conhecida como D. Joantina. Ela teve participação ativa nas discussões sobre a extinção da Festa e foi uma espécie de líder dos barraqueiros. Entrevista em 11/11/1988. Arquivos de História Oral-CEDOC (Centro de Documentação e Pesquisa de Feira de Santana)-UEFS.

Bispo “o Senhor não pode fazer uma coisa dessas porque o Senhor não sabe o pão de quantas bocas de quanto pai de família o Senhor tá tirando com essa festa principalmente agora inicio de ano¹⁸⁷”.

A preocupação da Senhora Lurdinha se liga a necessidade de ter esta renda de iniciou de ano para compra de material escolar para seu filho e dos colegas barraqueiros. Em resposta sua preocupação o Bispo lhe respondeu “Se vocês quiserem, ganhar dinheiro vão trabalhar não vão vender a palavra a de Deus”. Numa atitude de defesa, mas também de consciência de grupo a D. Joantina lhe respondeu “licença seu Bispo nós barraqueiros, não vendemos a palavra de Deus, nós vendemos mercadoria que a, palavra de deus eu acredito quem vende é o padre e o Bispo que casa paga, batismo paga, mas nós barraqueiros não, nós vendemos mercadoria¹⁸⁸”.

Após esta fala de D. Joantina, que estava junto com outros Barraqueiros e Secretário de Turismo, o canal de conversação foi fechado e o Bispo deu por encerrado as discussões e manteve sua decisão de acabar a festa em janeiro. Porém os barraqueiros ainda assim insistiram e mantiveram outros mecanismos para reverter à situação e buscaram marcar uma audiência com o prefeito, para lhe levar um abaixo-assinado com assinaturas recolhidas de cidadãos da comunidade.

D. Joantina em entrevista revela ter conseguido mais de quinhentas assinaturas contra nada menos que vinte apresentadas pelo Monsenhor Renato Galvão na reunião. A mesma afirma também que o Cura culpou pelo fim da festa a prefeitura. Segundo ela,

Quando a gente teve o encontro com o Padre Galvão ele falou que a prefeitura, que não queria mais a festa porque a prefeitura não queria pagar nem a luz, aí Dr. José Falcão foi e falou com ele não, não diga isso porque toda vida a gente pagou e paga, se vocês hoje tão interessados a quere colher o dinheiro da festa não termine a festa, nós entregamos todas as barracas para vocês cobrar, coloca uma pessoa pra cobrar as barracas, e nós ajudamos na festa, fizemos a festa como nois gostava, pra nois não é só interessante, não é só dinheiro que entra das barracas, pra nois o importante é fazer a festa, mas ele não consentiu, mais a prefeitura ainda fez esta oferta a ele¹⁸⁹.

A partir do depoimento percebemos o quanto existiu esforço dos Barraqueiros para convencer a Igreja a continuar a festa, inclusive ganhou um suposto apoio do prefeito, que

¹⁸⁷ Entrevista concedida pela Senhora Joana Maria dos Santos, conhecida como D. Joantina. Ela teve participação ativa nas discussões sobre a extinção da Festa e foi uma espécie de líder dos barraqueiros. Entrevista em 11/11/1988. Arquivos de História Oral-CEDOC (Centro de Documentação e Pesquisa de Feira de Santana)-UEFS.

¹⁸⁸ Ibidem.

¹⁸⁹ Ibidem.

buscou abrir vários caminhos de conversação e entendimentos das partes, mas não houve um movimento de flexibilização de uma das partes envolvidas, levando por final a decisão também do Prefeito em não ir contra uma escolha da Igreja. A decisão de Falcão tirou qualquer outra possibilidade de restauração da festa de largo. Estas festas passaram a viver apenas nas memórias de seus participantes e da comunidade feirense.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desenvolvido sobre as manifestações existente na Festa de Sant'Ana surgiu com a preocupação de buscar ver a Festa da Padroeira a partir de uma outra perspectiva, as festas de largo. As festas de largo faziam parte dos festejos em comemoração a Matriarca feirense, sendo elas parte das múltiplas expressões de religiosidade e fé apresentada pelos seus participantes.

Estas manifestações também podiam ser consideradas como festas complementares dentro dos festejo maior, pois tinham suas características particulares e distinguidas de outros momentos do Festejo. Entre as práticas culturais desenvolvidas pelos sujeitos presentes no préstito a Advogada Celestial Feirense, podemos destacar o Pregão, o Bando Anunciador, a Lavagem da Igreja, a Levagem da Lenha e a própria Procissão que trazia para ruas da cidade uma representação do caráter mais doutrinário e litúrgico da Igreja Católica.

Inicialmente as investigações buscaram responder as duas perguntas norteadora criadas a partir das primeiras leituras feitas sobre os festejos de Sant'Ana: Como funcionava a festa? Quem eram os foliões que saiam no Bando Anunciador e na Lavagem da Igreja e como eles se apropriavam dessa etapa da festa de Sant'Ana ? O intuito inicial das perguntas era perscrutar o universo festivo desse evento em seus vários momentos e significados, além das representações existentes sobre a festa.

Na medida das leituras das fontes: os jornais Folha do Norte e Feira Hoje, foi possível inferir quais os sujeitos eram participantes da festa, além de ser possível avaliar as representações e imagens passada pelos jornais aos seus leitores de um universo festivo que se apresentava bem mais amplo do que era noticiados pelas linhas escrita neste periódico.

Entrecruzando a leitura dos jornais com os memorialistas e cronistas pode-se aprofundar as imagens da festa construída por eles, e de outros grupos participantes dela. Estes podiam ser produtores do festejo ou até mesmo consumidores, a todo tempo a reelaborar e apropriar-se dos festejos a partir do desenvolvimento de suas performances nas ruas. Performance reafirmadas pelas práticas culturais presente no corpo e ações dos sujeitos a desfilar nas celebrações da Padroeira da cidade.

As festas para homenagear Sant'Ana eram um lugar de multivências, dinamicidade e multiplicidade, representadas por diferentes sentidos e vivências coletivas, condensando e expressando a vida dos agentes sociais e históricos que também foram vistas a partir do diálogo feito entre as fontes escritas e as fontes orais.

Nas narrativas orais sobre a Festa da Padroeira os depoentes revelaram vozes, que passaram a serem ouvidas. Neste momento eles passaram a povoar os festejos, como sujeitos ativos, o que não foi revelado em outras fontes. As entrevistas nos apresentava a compreensão de muitos jogos travados na construção e permanência da festa. Na medida do aprofundamento da leitura das fontes juntamente com os trabalhos historiográficos e teóricos começaram a ser revelada outra festa vivida e experimentada pelos seus sujeitos.

O aprofundamento da leitura das fontes nos fez levantar novos objetivos com a pesquisa. E estes nos permitiu perceber o grande universo de relações culturais presente nas festas da Excelsa Advogada Celestial da cidade. Além de nos levar a algumas respostas com a análise feita com a pesquisa.

Entre muitas respostas podemos concluir que as manifestações presentes na Festa da Padroeira estavam desde sua origem num movimento dinâmico de mudanças e reinvenção realizadas pelos produtores e consumidores da festa que se apropriavam dela com diversos sentidos, nem sempre aceitos por alguns grupos presentes na sociedade feirense como a Igreja Católica e parte da elite local.

A não aceitação das variadas formas de apropriação do festejar gerou desequilíbrio na ordem de funcionamento do evento, tendo como resultados processos de modificações, disputas e extinção dos eventos de largo presente nas homenagens a Sant'Ana. Os eventos de largo era uma miríade de expressões culturais e populares presentificada nos desfiles do Bando, da Lavagem e Levagem da Lenha.

Nestas manifestações eram permitidas as performances e encenações dos “travestidos”, “mascarados” e de “tribunos”, à crítica as condições sócio-política da sociedade nacional e também local. Também foi presente nestes festejos não apenas conciliações, mas disputas e conflitos travados entre a Igreja e as Baianas. Como também entre a Igreja e a Setur, além dos conflitos internos dos grupos que se apresentavam na festa como as Baianas e as Filarmônicas.

Os festejos de Sant'Ana permitiam na sua organização e montagem, a criação de laços comunitários e de amizade. Como podemos ver na organização do Bando feito por Belmonte que partilhava as tarefas com pessoas de seu Bairro. Ela era também um espaço de confraternização e de comunhão entre os indivíduos. Não nos restando dúvida de que a Festa é um momento privilegiado de se manter e renovar os laços de sociabilidade de uma comunidade.

Conclui-se que o Bando anunciador, a Lavagem e a Levagem eram possuidores de uma linguagem própria, formada por códigos e símbolos que os representavam e davam a eles um caráter diferenciado das outras etapas da Festa de Sant'Ana. Nessas manifestações culturais havia encontros e misturas de vários credos, costumes e culturas. Neste espaço de expressões simbólicas, se exaltavam a democracia e o respeito às diferenças, pois cabiam as Baianas, os travestidos, os carroceiros, os cavaleiros e os protestos das condições sociais, políticas e econômicas do país e da região, feitos pelo Movimento da Tribuna Popular, além dos seus espectadores que, em muitos momentos, acabavam saindo das calçadas e seguindo o cortejo puxado pelas baianas.

Existiam muitos sujeitos que compunham o universo festivo das homenagens a Sant'Ana, além dos já apresentados tinham os barraqueiros que se posicionavam diante das diversas mudanças efetuadas pela prefeitura com o objetivo de controle dos espaços da festa. Eles resistiriam em muitos momentos às mudanças radicais com ações de críticas, protestos e indiferenças a novas regras implementadas para a festa acontecer.

Com base nas investigações e nas fontes usadas pela pesquisa, como livros de memorialistas, as notícias de jornais publicadas pela *Folha do Norte e Feira Hoje* foi possível chegar a algumas respostas, mas também surgiram novas questões e possibilidades de pesquisa, nos mostrando que os estudos sobre esse objeto de pesquisa não se extinguiu nessa análise.

FONTES

REVISTA PANORAMA DA BAHIA

Revista Panorama da Bahia: 15 de janeiro de 1984, Ano 1, nº09
Revista Panorama da Bahia: 30 de janeiro de 1988, Ano 5, nº95,
Revista Panorama da Bahia: 15 de janeiro de 1984, Ano 1, nº09
Revista Panorama da Bahia: 15 de fevereiro de 1984, Ano 1, nº n/i
Revista Panorama da Bahia: 01 de janeiro de 1983, Ano 1, nº06.

FEIRA HOJE

Feira Hoje, 09 de janeiro de 1971, Ano I, nº19.
Feira Hoje, 15 de janeiro 1974, Ano IV, nº242.
Feira Hoje, 17 de janeiro de 1976, Ano VIII, nº 797.
Feira Hoje, 25 de janeiro de 1977, Ano V, nº824.
Feira Hoje, 30 de janeiro de 1977, Ano VII, nº 829.
Feira Hoje, 24 de janeiro de 1978, Ano VIII, nº1115.
Feira Hoje, 03 de janeiro de 1979, Ano X, nº 1389.
Feira Hoje, 09 de janeiro de 1980, ano XI, nº1859.
Feira Hoje, 29 de janeiro de 1980, Ano X, n.1703.
Feira Hoje, 08 de janeiro de 1981, Ano XII, nº2291.
Feira Hoje, 13 de janeiro de 1981, Ano XI, nº.1989.
Feira Hoje, 14 de janeiro de 1981, ano XI, nº1864.
Feira Hoje, 16 de janeiro de 1981, Ano XI, nº1992.
Feira Hoje, 28 de janeiro de 1981, Ano XI, nº2002.
Feira Hoje, 29 de janeiro de 1981, Ano XI, nº2003.
Feira Hoje, 25 de janeiro de 1981, Ano XIII, nº2663.
Feira Hoje, 28 de janeiro de 1981, Ano XI, nº2002.
Feira Hoje, 31 de janeiro de 1980, Ano X, nº1704.
Feira Hoje, 26 de janeiro de 1982, Ano XII, nº2305.

Feira Hoje, 22 de janeiro de 1982, Ano XII, nº 2303.
Feira Hoje, 15 de janeiro de 1983, Ano XIII, nº 2651.
Feira Hoje, 15 de janeiro de 1983, Ano XIII, nº 2651.
Feira Hoje, 22 de janeiro de 1983, Ano XIII, nº 2659.
Feira Hoje, 23 de janeiro de 1983, Ano XIII, nº 2.660.
Feira Hoje, 07 de janeiro de 1984, Ano XIV, nº 2946.
Feira Hoje, 17 de janeiro de 1984, Ano XIV, nº 2.955.
Feira Hoje, 18 de janeiro de 1984, Ano XIV, nº 2956.
Feira Hoje, 22 de janeiro de 1984, Ano XIV, nº 2961.
Feira Hoje, 27 de janeiro de 1984, Ano XIV, nº 2965.
Feira Hoje, 20 de janeiro de 1985, Ano XV, nº 3213.
Feira Hoje, 23 de janeiro de 1986, Ano XIV, nº 3612.
Feira Hoje, 25 de janeiro de 1985, Ano XV, nº 3218.
Feira hoje, 29 de janeiro de 1985, Ano XV, nº 3272.
Feira Hoje, 11 de janeiro de 1986, Ano XVI, nº 3599.
Feira Hoje, 24 de janeiro de 1986, Ano XIV, nº 2965.
Feira Hoje, 27 de janeiro de 1987, Ano XVII, nº 3965.
Feira Hoje, 23 de janeiro de 1987, Ano XVI, nº 3611.
Feira Hoje, 25 de janeiro de 1987, Ano XVII, nº 3963.

FOLHA DO NORTE

Folha do Norte, 07 de janeiro de 1928, Ano XIX, nº 964.
Folha do Norte, 14 de janeiro de 1928, Ano XIX, nº 965.
Folha do Norte, 07 de janeiro de 1931, Ano XXII, n. 1125.
Folha do Norte, 24 de janeiro de 1931, Ano XXII, nº 1123.
Folha Norte, 28 de janeiro de 1931, Ano XXII, nº 1125.
Folha do Norte, 31 de janeiro de 1931, Ano XXII, n. 1124.
Folha do Norte, 06 de janeiro de 1934, Ano XXV, nº 1277.
Folha do Norte, 20 de janeiro de 1934, Ano XXV, nº 1279.
Folha do Norte, 09 de janeiro de 1937, Ano XXVII, nº 1434.
Folha do Norte, 30 de janeiro de 1937, Ano XXVII, nº 1437.

Folha do Norte , 02 de janeiro de 1950, Ano XL, nº2117.

Folha do Norte, 22 de janeiro de 1955, Ano. XLV, nº. 2376.

Folha do Norte, 24 de janeiro de 1980, Ano LXX , nº 4676.

Folha do Norte, 25 de janeiro de 1980, Ano LXX, n.4677.

Folha do Norte, 30 de janeiro de 1980, Ano LXX, n.4683.

MEMORIALISTAS

BOAVENTURA, Eurico Alves. A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

LAJEDINHO, Antônio do. A Feira na década de 30 (memórias); [s.n] Feira de Santana, 2004.

KRUSCHEWSKY. Carlos Alberto. O Campo arado por Jarbas.Fundação Senhor dos Passos: Feira de Santana, 2008.

CRONISTAS

OLIVEIRA FILHO, Alpiniano Reis. Tuta Reis: meu pai, meu ídolo. Fundação Senhor dos Passos: Feira de Santana, 2008.

FERREIRA, Oydema. Retalhos da Milha Cidade.Fundação Senhor dos Passos: Feira de Santana, 2010.

DEPOENTES

1. Sr^a Carlota Souza, 82 anos, Entrevista realizada em 7 de janeiro de 2013. Duração 40 min'.
2. Sr. Antônio Ramos Silva, 85 anos, Entrevista realizada em 5 de fevereiro de 2013. Duração 1h 13min.
3. Sr. Zeca de Iemanjá, 76 anos, Entrevista realizada em 7 de junho de 2013. Duração 1h 14 min.
4. Sr. Helder Alencar, Entrevista realizada em 18 de dezembro de 2013. Duração 42 min.

ENTREVISTAS ORAIS SOBRE A GUARDA DO ACERVO DO CEDOC (CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA)/UEFS

1. Sr^a Joana Maria dos Santos (D. Joanhina). Entrevista realizada em 10 de novembro de 1988. Duração 30 min.
2. Monsenhor Renato de Andrade Galvão. Entrevista realizada em 09 de agosto de 1988. Duração 30 min.

SITES

<http://www.arquidiocese-fsa.org.br>

www.ibge.gov.br/cidades.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. Patriotas, Festeiros, devotos. As comemorações da Independência da Bahia (1888-1923). In CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaio de história social da cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, CECULT, 2002. p.157-204.

_____. **Algazarra nas ruas: comemorações da Independência da Bahia (1889-1923)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

AMADO, Janaina; FERREIAR, Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da historia oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ANDRADE, Celeste Maria Pacheco de. **Origens do povoamento de Feira de Santana: um estudo de história colonial**. 1990, Dissertação-Salvador: Universidade Federal da Bahia,UFBA.

ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Folganças populares: festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG; Fapemig; FCC, 2008.

ABREU, Martha. **O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

_____. Cultura popular: um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (org.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p.83-101.

AZZI, Riolando. **O Catolicismo Popular no Brasil**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_____. **A neocristandade: um projeto restaurador**. São Paulo: Paulus, 1994.

_____. **A vida religiosa no Brasil: enfoques históricos**. São Paulo, São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

BARROS, José D'Assunção. A história cultural francesa – caminhos de Investigação. Revista de História e Estudos Culturais. 2005. Disponível em:<<http://www.revistafenix.pro.br/PDF5/ARTIGO%201%20-20JOSE%20BARROS.pdf>>. Acesso em 20 de maio de 2013.

BAKHTIM, M. M. **A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo. SP. HUCITEC. Brasília. DF: Ed Unb, 1987.

BATISTA, Silvânia Maria. **Conflitos e Comunhão na Festa da Padroeira em Feira de Santana (1930-1950)**. Monografia de especialização- Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, Feira de Santana BA, 1997.

BOAVENTURA, Eurico Alves. **A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

BOFF, Leonardo. **O Papa da volta à Grande Disciplina**. Disponível em:< www.eagora.org.br/conteudo.php?cont=artigos&id=1247_0_3_0_M22>. Acesso: em 20 de fev. 2008.

BRITO, Alexandro Bastos. **O Fim da Festa de Santana: um conflito no campo dos valores. Feira de Santana**. UEFS, 2006. [Monografia de Especialização].

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. Tradução de Denise Bottmann. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **O que é historia cultural?** Tradução: Sergio Goes de Paula, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Variedades de história cultural**. Tradução de Alda Porto, 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa, Portugal: Difel, 1989.

CASTRO, Jânio Roque B. de. **Da casa à praça pública: a espetacularização das festas juninas no espaço**. Salvador: EDUFBA, 2012.

CARMAGO, Robson Corrêa *et al.* (org). **Performance culturais**. São Paulo: HUCITEC Goiânia, 2011.

CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobranszky. São Paulo: Papyrus, 1995.

_____. **A Invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 1990.

_____. A “nova” história cultural existe? In: LOPES, Antonio Herculano *et al.* (org.). **História e linguagens: textos, imagem, oralidade e representação**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p.29-44.

_____. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 11, n. 5, jan-abril 1991. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext. Acesso em: 20 ago. 2010.

COSTA e SILVA, Cândido. Religião e sociedade Baiana do século XIX. In: BINA, Eliene Dourado et al. **Memórias da Bahia**, palestras. Salvador, Bahia. V.1. 2009.

_____. **Os Segadores e a messe: o clero oitocentista na Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2000.

_____. **Roteiro da Vida e da Morte**. São Paulo, Ática, 1982.

COUTO, Edilece Souza. **Tempo de Festa: homenagens a Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940)**. Salvador: EDUFBA, 2010.

_____. As Lavagens nas festas Católicas de Salvador-BA. **Ciências Humanas em revista**, v.7, n.2, São Luís/MA, 2009.

COX, Harvey. **A festa dos foliões**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1974.

CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaio de história social da cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, CECULT, 2002.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DARTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. **O beijo de Lamourette**; Tradução de Denise Bottman. – São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

_____. História e Antropologia. In: **O beijo de Lamourette**; Tradução Denise Bottman. – São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e O Profano, a essência das religiões**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

SILVA, Elizete. O Campo religioso Feirense: notícias e reflexões preliminares. In: **Stientibus**, Feira de Santa, n.41, p.27-46, jul/dez. 2009.

FILHO, Mello Moraes. **Festa e tradições populares do Brasil**. Ediouro, Rio de Janeiro, s/d.

FREITAS, Luiz Cleber Moraes. **Nem tanto o mar, nem tanto a terra: agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana: 1850-1888**. Feira de Santana, BA: UEFS Editora, 2012.

GÓES, Fred de. **O país do carnaval elétrico**. Salvador: Corrupio, 1982.

GALVÃO, Renato de Andrade. Os povoadores da Região de Feira de Santana. **Sitientibus**. Feira de Santana, n.1, p. 25-31, jul./dez.,1982.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOÈS, Fred. **O País do Carnaval Elétrico**. São Paulo: Ed.Corrupio, 1982.

HARTMANN, Luciana. **Performance e experiência nas narrativas orais da Fronteira entre argentina, Brasil e Uruguai**. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n24/a07v1124.pdf>>. Acesso em 05 de maio de 2013.

HEERS, Jacques. **Festa de loucos e carnavais**. Lisboa. Dom Quixote, 1987.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro (1500-1800)**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**: Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Foi assim que me contaram**: recriação dos sentidos sagrados e profanos do Congado na Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário (Catalão-GO-1940-2003). Tese de Doutorado, Universidade de Brasília-DF, 2009.

KRUSCHEWSKY. Carlos Alberto. **O Campo arado por Jarbas**. Fundação Senhor dos Passos: Feira de Santana,BA: 2008.

LARA. Silvia Hunold. História cultural e História social. Disponível em:<<http://teoriahistoria.blogspot.com/2008/10/histria-da-cultura-e-histria-social.html>> Acesso em: 10 de julho.

MATTA. Roberto da. **A Casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.

MAGALHÃES, Antônio Ferreira *et al.* **História nas lentes**: Feira de Santana pelo olhar do fotógrafo Antônio Magalhães- Feira de Santana, BA: UEFS Editora, 2009.

MAINWARING, Scott. **A Igreja da Neocristandade, 1916 – 1955**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil (1916- 1985)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom, HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer/como pensar**. 2ed, São Paulo, Contexto, 2010.

SILVA, Miranice Moreira da. **Entre máscaras e serpentinhas: por uma história dos festejos carnavalescos feirenses (1891-1939)**. 2013, Dissertação de Mestrado- Feira de Santana. BA. UEFS.

OMETTO, Ana Maria H. et al. Economia brasileira na década de oitenta e seus reflexos nas condições de vida da população. **Revista Saúde Pública**. 1995. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v29n5/11.pdf>>. Acesso em: 17 de mar. 2013.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho Santos. **Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950-1960)**. Tese de Doutorado- UFPB, Recife, 2008. 220f.

OLIVEIRA, Clovis Ramaiana Moraes. **De empório a Princesa do Sertão: Utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)**. 2000, Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires. **Adeptos da mandinga: candomblés, curandeiros e repressão policial na Princesa do sertão (Feira de Santana-Ba, 1938-1970)**. 2010, Tese de doutoramento no CEAO/UFBA: Salvador.

POPPINO, Rollie E. **Feira de Santana**. Salvador: Itapuã, 1968.

_____. O Papel da Igreja. In: **Feira de Santana**. Salvador: Itapuã, 1968. p.276-285.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.39-68.

_____. Em busca de um método: as estratégias do fazer História. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005 p.63-68.

RYAN, Mary. A parada Norte-americana: Representações da ordem social do século XIX. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural: Tradução de Jefferson Luiz Camargo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.178-209.

RODRIGUÉ. Maria das Graças de Santana. **Oríãperé Ó: o ritual das águas de Oxalá**. São Paulo: Summus, 2001.

SERRA, Ordep. **Rumores de Festa: O sagrado e o profano na Bahia**. 2. ed. Salvador : EDUFBA, 2009.

_____. O Sagrado e o Profano nas festas de largo na Bahia. **EXÚ**, n.2, p.3-12 jan/fev.1988.

SANTANA, Juvenal Janaino Lima de. **A Igreja Católica no Cenário Político da Princesa do Sertão (1962-1974)**. 2012. Monografia (Graduação), Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Feira de Santana, UEFS.

SANTOS, Eufrázia Cristina Menezes. **Performances culturais nas Festas de Largo da Bahia**. Apresentada como paper no GT: Performance, Drama e Sociedade, durante o 30º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, out de 2006, com o título. Disponível em: <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a40-esantos.pdf> >. Acesso em: 02 de fev. 2012.

SANTOS, Fernanda Reis dos. **“A festa do excelso Padroeiro da cidade das palmeiras”: o culto à São Bartolomeu Maragogipe (1851-1943)**, 2010 dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, UFBA.

SCHECHNER, Richard. 2006. “O que é performance?”. In: **Performanc studies: na introduccion, secondedition**. New York & London: Routledge. Disponível em:<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fperformancesculturais.emac.ufg.br%2Fuploads%2F378%2Foriginal_O_QUE_EH_PERF_SCHECHNER.pdf&ei=UletU8XvKPG0sATy3oGoAQ&usg=AFQjCNHiHeSqeDWpbiklTeQfY2IZZzrdQw&sig2=U6Xw_Ujtpg8VucSINkflqQ>. Acesso em: A 10 de set. 2013.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

TELES, Adriana Silva. **Presença negra na festa de Santana: (1930-1950)**. Feira de Santana, 2000. Monografia (Especialização, Historia/Historia da Bahia) – Universidade Estadual de Feira de Santana.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Tradução de Fabiano de Moraes. Niterói: EDUFF, 2008.

_____. **O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura**. Tradução Nancy Campi de Castro. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1974.

_____. “The Anthropology of Performance”. En Victor Turner (comp.), **The Anthropology of Performance**, PAJ Publications, New York. 1987.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e História cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História**: Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. Tradução de Maria Julia Cottuasser. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ANEXO



